

MOVIMENTO DE ADVÉRBIOS DE MODO EM PORTUGUÊS

por

MARIA ELIZABETH FONSECA SARAIVA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Lingüística.

Belo Horizonte, 1978

Para meus pais,  
Adriana,  
José Otávio.

Gostaria de apresentar, aqui, os meus agradecimentos especiais à Profa. Anilce Maria Simões, minha orientadora e amiga; ao Prof. Dr. Mário Alberto Perini, pelo apoio e sugestões valiosas; aos Profs. Antônio de Abreu Rocha e Vanda de Oliveira Bittencourt, pelo incentivo constante aos meus estudos; aos Professores do Curso de Mestrado em Linguística — destacando-se a Profa. Dra. Maria Antonieta Antunes Cunha —, com quem aprendi tanto; aos meus colegas de curso, pelas discussões proveitosas. Sem a ajuda e apoio de todos eles, esta pesquisa não teria sido possível.

Os meus agradecimentos especiais à  
COORDENAÇÃO DO APERFEIÇOAMENTO DE  
PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES),  
que, concedendo-me bolsa de estu -  
dos durante meu Curso de Mestrado,  
tornou possível a elaboração desta  
pesquisa.

## MOVIMENTO DE ADVÉRBIOS DE MODO EM PORTUGUÊS

## R E S U M O

Este trabalho procura descrever e analisar a distribuição dos Advérbios de Modo em português, sob a perspectiva da gramática gerativo-transformacional, modelo 'standard'.

Após uma síntese das principais características destes elementos, apresentadas por alguns autores de linhas teóricas diferentes, procura-se ver suas possibilidades de colocação em sentenças simples do português, com verbos finitos, na voz ativa. Conclui-se que somente se colocam pospostos ao verbo, contudo apresentando liberdade de ocorrência nesta posição. São ainda destacadas evidências em favor de se classificar um mesmo item lexical em dois grupos diferentes, dependendo do padrão de comportamento adotado: 'Advérbio de Modo' e 'Advérbio de Oração'.

Discute-se também a origem dos advérbios analisados, nas estruturas profundas da língua, e as características da regra transformacional de movimento responsável por suas diversas colocações superficiais: 'T-Modo'.

Finalmente, são analisados dados adicionais referentes ao assunto deste trabalho. São levantados alguns problemas para a hipótese adotada, sem se pretender solucioná-los. Termina-se ressaltando que a adoção da hipótese defendida nesta dissertação favorece uma gramática mais simples do português.

Autora: Maria Elizabeth Fonseca Saraiva  
Orientadora: Anilce Maria Simões

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO .....	1
NOTAS .....	3
1- <i>Advérbios de Modo do Português</i> .....	4
1.1- Considerações Gerais .....	4
1.2- Advérbios de Modo em '-mente' .....	9
1.2.1- 'Completamente' e sua classe .....	10
1.2.2- 'Naturalmente' e sua classe .....	15
NOTAS .....	44
2- <i>O Transporte dos Advérbios de Modo</i> .....	52
2.1- A hipótese baseada em Chomsky .....	52
2.1.1- A regra de transporte para a esquerda .....	52
2.1.2- A regra de transporte para a direita .....	56
2.2- Uma hipótese alternativa .....	59
2.2.1- O Advérbio de Modo em orações simples .....	59
2.2.2- O Advérbio de Modo em estruturas complexas .....	65
NOTAS .....	80
3- <i>Outras Considerações sobre os Advérbios de Modo em Português</i> ...	85
3.1- 'Depressa' e 'Devagar' .....	85
3.2- 'Assim' .....	89
3.3- 'Bem' e 'Mal' .....	94
NOTAS .....	107
CONCLUSÃO .....	111
BIBLIOGRAFIA .....	115

## I N T R O D U Ç Ã O

Este trabalho tenta descrever e analisar o comportamento sintático dos advérbios de modo simples do português, procurando investigar, em especial, suas possibilidades de ocorrência em sentenças com ver bos finitos, na voz ativa. Adotamos a linha teórica da gramática trans formacional 'standard', como postulada em Chomsky (1965)<sup>1</sup>.

Tomando por base o exame de uma série de orações em português, on de ocorrem diversos advérbios de modo, temos dois objetivos principais em vista: em primeiro lugar, sugerimos uma possível origem para tais elementos, nas regras de base da língua; em segundo lugar, postulamos uma regra transformacional de movimento que seria responsável pelas suas colocações variadas, nas estruturas superficiais portuguesas.

Ao mesmo tempo, enquanto investigamos a ocorrência dos elementos em questão, em sentenças de vários tipos, acabamos por levantar uma hipótese quanto à sua sub-classificação. Baseados em fatos sintáticos — primariamente — e em fatos semânticos — sem nenhuma preocupação teórica —, chegamos à conclusão de que os advérbios de modo em português deveriam ser subdivididos em, pelo menos, três classes distintas.

Na seção inicial do primeiro capítulo, faz-se um resumo das características dos advérbios de modo realçadas por alguns autores de diferentes correntes teóricas, sem se pretender, contudo, definir estes constituintes. Assim, por exemplo, verifica-se que as gramáticas tradicionais tratam tais elementos principalmente em termos semânticos, não se preocupando em destacar seus aspectos sintáticos. E é nestes aspectos, exatamente, que nosso interesse estará concentrado, na maior parte deste trabalho. Devemos deixar claro que nosso objeto de estudo são os elementos que aparecem dentro do SV, referindo-se ao verbo. Os tradicionalmente chamados 'Advérbios de Intensidade', ou quaisquer advérbios que se referem a adjetivos ou a outros advérbios, não serão estudados nesta dissertação.

Na segunda seção, busca-se descrever o comportamento sintático dos advérbios de modo em -mente, em orações simples. Conclui-se que eles são ocorrem pospostos ao verbo. Nesta posição, contudo, têm liberdade de colocação, podendo aparecer em posições variadas. Observa-se também a co-ocorrência de 'Modo' com 'Tempo' e 'Lugar'. Os fatos discutidos nesta parte sugerem-nos que há evidências para distinguir, em português, pelo menos duas classes de advérbios: os 'Advérbios de Modo', gerados sob SV e os 'Advérbios de Oração', gerados sob 0.

Baseando-se no fato de que 'Modo' ocorre livremente após o verbo, sem haver mudança no sentido das orações, no segundo capítulo admite-se que ele tenha origem em uma posição específica, na estrutura profunda, e que uma regra transformacional seria responsável por seu movimento. Este capítulo discute, assim, qual seria esta origem e quais as características desta regra de transporte, que convençamos chamar de 'T-Modo'. Constata-se que a regra de base sugerida por Chomsky (1965)<sup>2</sup> parece inadequada para o português. Propõe-se, portanto, uma hipótese alternativa, que representaria uma simplificação de nossa gramática.

No terceiro capítulo, são analisados outros fatos relativos aos advérbios de modo, alguns dos quais apresentam problemas para a hipótese sugerida neste estudo. Não se pretende, contudo, encontrar soluções para eles. Assim, na seção 3.1-, procura-se descrever a distribuição dos advérbios depressa e devagar. Verifica-se que, enquanto 'Modo', seguem o mesmo padrão dos advérbios em '-mente'. Isto é verdade também para o item assim, discutido em 3.2-. Já bem e mal, investigados em 3.3-, parecem apresentar um comportamento sintático idiossincrático, em relação aos outros advérbios de modo. Sugere-se, pois, que sejam marcados, no léxico, quanto às suas possibilidades de transporte.

Na última seção, faz-se uma síntese dos principais aspectos tratados no decorrer deste trabalho, procurando ressaltar as conclusões parciais a que chegamos depois da análise dos dados relevantes.

## N O T A S

1. CHOMSKY, Noam. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass., THE M.I.T. PRESS, 1965.

A edição da obra acima, citada neste trabalho, no entanto, é de 1975.

2. Ibidem, p. 107.

# 1- Advérbios de Modo do Português

## 1.1- Considerações Gerais

Nesta seção serão apresentadas, em linhas gerais, algumas das idéias encontradas em textos de autores diversos, a propósito de Advérbio de Modo. Não se propõe, aqui, uma revisão bibliográfica extensiva, no que se refere à conceituação e caracterização de tais constituintes, em português, ou em outra língua qualquer, uma vez que não é objetivo desta pesquisa definir advérbios de modo. As idéias, textos e autores citados, no entanto, poderão servir de base para futuras observações, no decorrer do trabalho.

As gramáticas tradicionais do português conceituam os advérbios como palavras modificadoras do verbo, do adjetivo e de outro advérbio<sup>1</sup>. Assim, segundo Celso Cunha (1972), por exemplo, são vocábulos "... que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade...". Ainda o mesmo autor diz que "... os ADVÉRBIOS chamados DE INTENSIDADE podem reforçar o sentido de outro ADVÉRBIO..."<sup>2</sup>.

Said Ali (1966) afirma:

*O advérbio é um vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio. Acrescenta a estourtras palavras o conceito de tempo, lugar, modo, etc. que lhes delimita ou esclarece o sentido, sem contudo exercer, como o acusativo, o dativo e o objeto indireto circunstancial (...), função puramente complementar*<sup>3</sup>.

Estas funções adverbiais são salientadas também por autores que se dedicaram ao estudo de outras línguas como, por exemplo, o espanhol. Veja-se, a propósito, o que Amado Alonso e Pedro Henriquez Ureña (1969) afirmam:

*Nuestro idioma tiene una forma especial para modificar (ampliar, precisar, matizar) el significado del adjetivo o del verbo: se le llama advérbio. Ejemplos: "papel muy blanco"; "corre mucho". Cuando, como caso especial, se necesita modificar la significación de algún advérbio, se acude a otro: así, los adverbios pueden modificarse unos a otros en serie...*<sup>4</sup>

J. Roca-Pons (1974) chama a atenção para mais uma peculiaridade destes itens: teriam uma 'função terciária' na oração. Ou seja: modificam vocábulos que, por sua vez, modificam outros elementos. Observe-se a cita

ção abaixo:

*El adverbio es una palabra que, dentro de la teoría de los tres rangos de Jespersen, tiene asignada una función terciaria, es decir, modifica a palabras que, por su parte, ya ejercen una misión modificadora (el verbo y el adjetivo, que se refieren a un sustantivo)*<sup>5</sup>.

Dos papéis que estas palavras podem desempenhar nas sentenças, citados acima, só nos interessa aqui o de 'modificadoras do verbo'. Neste caso, segundo as gramáticas tradicionais, elas expressam as várias circunstâncias que se podem acrescentar à significação verbal. Dentre estas várias circunstâncias está incluída a de 'modo'. Portanto, o advérbio de modo seria aquele elemento que exprime a maneira como o processo verbal se realiza. Vejamos os exemplos:

- (1) (a) João admitiu humildemente sua culpa.  
 (b) Ele falou a verdade claramente.  
 (c) Pedro agiu corretamente com o pai.  
 (d) O menino dormiu depressa.

Em (1), os itens grifados são classificados como advérbios de modo, isto é, vocábulos que acompanham um verbo e o modificam, acrescentando-lhe ao significado a noção de 'modo'. Observa-se que os verbos aos quais se referem podem vir ou não acompanhados de complementos, como em (a)-(c) e (d), respectivamente. Este último exemplo, (1)(d), ilustra, ainda, o fato de que temos outros advérbios de modo, como depressa, além daqueles terminados em '-mente'.

Os textos e autores citados até o momento apresentam a posição da chamada gramática tradicional. Será interessante verificar também o que dizem alguns nomes ligados à gramática transformacional. Assim, por exemplo, Joseph E. Emonds (1970)<sup>6</sup> procura definir advérbio de modo em inglês, em especial os terminados em '-ly', chamando a atenção para o fato de que muitos destes elementos podem ser parafraseados como em (2), abaixo:

- (2) (a) John answered the questions  $\left. \begin{array}{l} \text{intelligently} \\ \text{with intelligence} \\ \text{in an intelligent way} \end{array} \right\}$ .  
 (b) China has industrialized  $\left. \begin{array}{l} \text{rapidly} \\ \text{in rapid fashion} \end{array} \right\}$ .

(c) He puts his books away in the drawer

{ carefully  
with care  
in a careful way } .<sup>7</sup>

Para Emonds, advérbios que podem ter paráfrases como estas são advérbios de modo: "Adverbial AP's which can be paraphrased as in (14) are manner adverbials"<sup>8</sup>.

Entretanto, segundo o mesmo lingüista, para alguns destes vocábulos o padrão de (2) não é adequado — as paráfrases com SPrep são estranhas ou mesmo agramaticais. Como exemplos, as sentenças citadas são:

(3) This business has failed completely.

*Ungrammatical, but similarly interpreted:*

\*This business has failed in a complete way.

The sun is shining dimly through the clouds.

*Ungrammatical, but similarly interpreted:*

\*The sun is shining in a dim fashion through the clouds.<sup>9</sup>

A respeito destas estruturas, o autor mencionado comenta:

*In some cases, the PP paraphrases for these adverbials, of the kind given in (14), are clumsy and even ungrammatical. But if such PP paraphrases do not distort the meaning of the adverbial AP, I will assume the adverbial in question is a manner adverbial. Examples of this kind are given in (15); ...* <sup>10</sup>

Portanto, para ele, desde que o sentido de advérbios como os de (3) não seja alterado pelas paráfrases, não importa que elas não sejam naturais: os advérbios continuam sendo de modo.

Observe-se, a seguir, que as considerações referentes a (2) e (3), acima, aplicam-se também ao português. Examinem-se os exemplos:

(4) (a) O menino sorriu

{ alegremente  
com alegria  
de um modo alegre }

(b) João respondeu às perguntas

{ inteligentemente  
com inteligência  
de um modo inteligente }

(c) Ele entornou { cuidadosamente  
com cuidado } o feijão.  
de um modo cuidadoso }

Como se vê em (4), advérbios de modo do português também podem ter párrafos semelhantes às citadas, em (2), para o inglês.

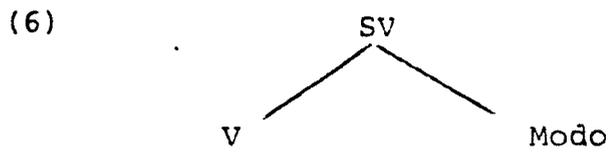
Considerem-se, agora, os casos abaixo:

(5) (a) Concordo { inteiramente  
\*de um modo inteiro } com você.

(b) O negócio fracassou { completamente  
? de um modo completo } .

Estes exemplos são paralelos aos apresentados em (3). Vamos admitir, por tanto, assim como Emonds o faz para o inglês, que os vocábulos grifados em (5) são do mesmo tipo daqueles de (4), apesar de não poderem ser parafraseados como estes últimos.

Outra particularidade importante dos advérbios em questão, ainda sa lientada pelo mesmo autor, é o fato de eles seguirem e modificarem o verbo, sem a ocorrência de uma pausa respiratória (vírgula) entre eles e este elemento. Por isso, Emonds afirma que tais itens são um 'constituinte irmão' (sister constituent) do verbo, ou seja: na estrutura profunda, serão dominados diretamente pelo mesmo nóculo que domina imediatamente o verbo: o SV. O diagrama abaixo procura ilustrar este dado:<sup>11</sup>



Advérbios que seguem um verbo, mas são precedidos por pausa, não são 'de modo'. Comparem-se:

(7) (a) Ele admitiu humildemente a sua culpa.

(b) Ele admitiu, felizmente, a sua culpa.<sup>12</sup>

Dos termos grifados acima, apenas humildemente é advérbio de modo, apresentando as características destes elementos assinaladas até agora:

(8) (a) refere-se a 'admitir', indicando a maneira como se realizou o processo verbal;



- (11) (a) João falou calmamente.  
 (b) João falou calmamente?  
 (c) João não falou calmamente.

pressupõe-se, ao mesmo tempo, a afirmativa sem o advérbio:

- (12) João falou.

Assim, entendemos que (11) (a) é, basicamente, (12), acrescida de um dado novo: o 'Modo' do processo de falar. Em (11) (b), a pergunta refere-se a este 'Modo', não ao verbo. E, em (11) (c), também a negação recai sobre calmamente, e não sobre 'falou'. Portanto, uma possível resposta para (11) (b) poderia ser:

- (13) Não. João falou impetuosamente.

Também (11) (c) poderia ter uma continuação, como se vê, por exemplo, em (14):

- (14) (João não falou calmamente), mas com muita ansiedade.

(13) e (14) confirmam, pois, que a pergunta e a negação em (11) (b) e (c) referem-se, na verdade, ao advérbio. Na segunda seção deste capítulo, voltaremos a citar casos semelhantes a (11) e (12), analisando-os mais detidamente.

Finalmente, queremos afirmar que as considerações sobre os advérbios de modo, resumidas nesta seção, devem ser vistas apenas como uma primeira tentativa de distingui-los de outros sintagmas adverbiais. No momento, deixaremos de lado alguns fatos característicos destes constituintes, relacionados ao seu comportamento sintático, uma vez que serão objetos de análise no decorrer deste trabalho.

## 1.2- Advérbios de Modo em '-mente'

O objetivo desta seção é procurar descrever e analisar a distribuição dos advérbios de modo em '-mente', em estruturas superficiais do português. Assim, vamos observar o comportamento sintático destes itens em orações simples, com verbos finitos seguidos ou não de complementos, na voz ativa. Verificaremos, ainda, as possibilidades de co-ocorrência de 'Modo', com 'Tempo' e 'Lugar'.

1.2.1- 'Completamente' e sua classe

Considerem-se as estruturas abaixo:

- (15) (a) A chuva parou completamente.  
 (b) \*A chuva completamente parou.  
 (c) \*Completamente a chuva parou.

Em (15), completamente é um advérbio de modo, segundo o que vimos na seção anterior. Embora a paráfrase com 'de um modo completo' não seja inteiramente natural, como se observou em (5) (b), ele apresenta as outras características destes advérbios: refere-se a 'parou', acrescentando-lhe ao significado a noção de 'Modo', e segue o verbo, sem ser precedido por pausa. Poderíamos realçar, ainda, que (15) (a) pressupõe:

- (16) A chuva parou.

a afirmativa correspondente, sem o advérbio.

Agora, vejamos: em (15), completamente acompanha um verbo sem complemento e só pode ser colocado depois dele, como em (a). As sentenças (b) e (c), nas quais antecede o verbo, são agramaticais. Verifiquemos se este padrão se repete em outros exemplos:

- (17) (a) O livro desapareceu completamente.  
 (b) \*O livro completamente desapareceu.  
 (c) \*Completamente o livro desapareceu.

Também no grupo acima, a única posição possível para o advérbio é a ilustrada por (17) (a). Sua anteposição ao verbo sem complemento gera estruturas inaceitáveis, quer venha logo antes dele, como em (17) (b), quer preceda o SN sujeito, como em (17) (c).

Observando-se as orações em (15) e (17), poderíamos levantar duas hipóteses para os fatos examinados:

- (18) (a) o advérbio completamente não pode anteceder um verbo sem complemento;  
 (b) advérbios de modo, acompanhando verbos sem complemento, só podem ocorrer pospostos a eles.

De acordo com a primeira hipótese, o problema com as sentenças agramaticais (b)-(c) de (15) e (17) estaria no item completamente. Seria uma questão de idiosincrasia, de problema 'lexical'. A segunda alternativa,

no entanto, é mais interessante. Para confirmá-la, precisamos de novos dados. Vejam-se, então, as seguintes frases:

- (19) (a) O negócio fracassou  $\left\{ \begin{array}{l} \text{totalmente} \\ \text{inteiramente} \end{array} \right\}$ .
- (b) \*O negócio  $\left\{ \begin{array}{l} \text{totalmente} \\ \text{inteiramente} \end{array} \right\}$  fracassou .
- (c)\*  $\left\{ \begin{array}{l} \text{Totalmente} \\ \text{Inteiramente} \end{array} \right\}$  o negócio fracassou.

Em (19) também, os advérbios de modo só podem vir após o verbo, como em (a). Precedendo-o, em qualquer posição, tornam as estruturas agramaticais, como se vê em (b)-(c).

Mais um exemplo que reforça esta conclusão pode ser apontado em:

- (20) (a) As idéias fluíam diferentemente.
- (b) \*As idéias diferentemente fluíam.
- (c) \*Diferentemente as idéias fluíam.

Os fatos acima levam-nos a supor que o problema com as orações não gramaticais em (15) e (17) não é, na verdade, devido ao item completamente, mas ao advérbio de modo em geral. Veja-se que o comportamento de totalmente, inteiramente e diferentemente segue exatamente o mesmo padrão de completamente. Parece, pois, que estamos confirmando a segunda alternativa de (18), e já podemos abandonar a primeira.

Talvez possamos estender a hipótese levantada, se observarmos novos dados. Veja-se que, até o momento, só trabalhamos com verbos intransitivos. Será diferente o comportamento destes mesmos advérbios, em sentenças com verbos seguidos de complementos? Examinem-se, pois, as seguintes orações:

- (21) (a) João modificou completamente o horário.
- (b) João modificou o horário completamente.
- (c) \*João completamente modificou o horário.
- (d) \*Completamente João modificou o horário.

Nas sentenças acima, temos um verbo acompanhado de um SN. Verifica-se, porém, que o comportamento sintático do advérbio de modo continua sendo o mesmo: não pode vir anteposto ao verbo. Se isto acontece, causa a agramaticalidade das orações, como em (21) (c) e (d).

Observe-se, ainda, que, posposto ao verbo, coloca-se livremente logo após este constituinte, como em (21) (a), ou depois do SN objeto, como em (21) (b). Neste exemplo, a posição após o objeto coincide também com o final da oração.

Outros casos servirão para confirmar nossas considerações:

- (22) (a) O detetive desvendou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$  o mistério hoje cedo.
- (b) O detetive desvendou o mistério  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$  hoje cedo.
- (c) O detetive desvendou o mistério hoje cedo  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$ .
- (d) \*O detetive  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$  desvendou o mistério hoje cedo.
- (e) \* $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{Totalmente}} \\ \underline{\text{Inteiramente}} \end{array} \right\}$  o detetive desvendou o mistério hoje cedo.

A agramaticalidade de (22) (d)-(e) é prevista pela hipótese estabelecida. Também a liberdade de colocação de 'Modo', após o verbo, já havia sido realçada em (21). Deve-se salientar, porém, que as estruturas em (22) apresentam um dado novo — aqui os advérbios de modo co-ocorrem com um SAdv de tempo. Este fato, no entanto, não altera nossas conclusões, demonstrando, apenas, mais uma posição em que 'Modo' pode ocorrer: após 'Tempo', como em (22) (c). Destacamos, ainda, que, em (22) (b), a posição após o SN objeto não mais coincide com o final da sentença, como em (21) (b). Quanto à hipótese sugerida em (18) (b), concluímos que pode ser estendida também a verbos seguidos de SN.

O mesmo será verdade para casos em que o verbo tem também outros complementos? Vejamos:

- (23) (a) Paulo repartiu completamente a herança com os irmãos.
- (b) Paulo repartiu a herança completamente com os irmãos.
- (c) Paulo repartiu a herança com os irmãos completamente.<sup>19</sup>
- (d) \*Paulo completamente repartiu a herança com os irmãos.
- (e) \*Completamente Paulo repartiu a herança com os irmãos.

'Repartir', em (23), vem acompanhado de um SN e um SPrep, além do advérbio que o modifica. Constata-se que a distribuição deste último elemento não é afetada pelo tipo de complementos que o verbo tem: as sen-

tenças (23) (d)-(e), nas quais o 'Modo' se antepõe a 'repartir', são agramaticais, como previsto. Com relação às orações gramaticais em (23), a situação permanece a mesma, de um modo geral: os advérbios de modo podem aparecer depois do verbo, com liberdade de colocação. (23) (a) não apresenta nenhuma novidade; (23) (b) ilustra o fato de que 'Modo' pode ocorrer entre SN e SPrep e (23) (c) demonstra mais uma possibilidade de ocorrência do advérbio de que tratamos, em estruturas do português: após o SPrep.

Observemos, a seguir, se em orações com os outros advérbios já citados estes fatos se mantêm:

- (24) (a) Paulo repartiu  $\left\{ \begin{array}{l} \text{totalmente} \\ \text{inteiramente} \end{array} \right\}$  a herança com os irmãos.
- (b) Paulo repartiu a herança  $\left\{ \begin{array}{l} \text{totalmente} \\ \text{inteiramente} \end{array} \right\}$  com os irmãos.
- (c) Paulo repartiu a herança com os irmãos  $\left\{ \begin{array}{l} \text{totalmente} \\ \text{inteiramente} \end{array} \right\}$ .<sup>20</sup>
- (d) \*Paulo  $\left\{ \begin{array}{l} \text{totalmente} \\ \text{inteiramente} \end{array} \right\}$  repartiu a herança com os irmãos.
- (e) \*  $\left\{ \begin{array}{l} \text{Totalmente} \\ \text{Inteiramente} \end{array} \right\}$  Paulo repartiu a herança com os irmãos.

No grupo acima, os itens totalmente e inteiramente seguem o mesmo padrão das sentenças anteriores: não podem vir antes do verbo em nenhuma circunstância, conforme verificamos com a agramaticalidade de (d) e (e). Depois do verbo, porém, têm liberdade para se colocarem logo após este constituinte, como em (a); entre SN e SPrep, como em (b); e após SPrep — que no exemplo coincide com o final da oração —, como em (c). A hipótese inicial — advérbios de modo só podem aparecer pospostos ao verbo — parece manter-se também quando a estrutura apresenta a seqüência SN  $\cap$  SPrep como complementos verbais.

Mais um exemplo que confirma tal afirmação é dado pela série abaixo:

- (25) (a) Eles relataram diferentemente o caso à polícia.
- (b) Eles relataram o caso diferentemente à polícia.
- (c) Eles relataram o caso à polícia diferentemente.<sup>21</sup>
- (d) \*Eles diferentemente relataram o caso à polícia.
- (e) \*Diferentemente eles relataram o caso à polícia.

Examine-se, logo abaixo, mais um tipo de estrutura com advérbios de modo:

(26) (a) O presidente concordou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{completamente}} \\ \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$  com os planos,  
em sua casa, ontem.

(b) O presidente concordou com os planos  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{completamente}} \\ \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$ ,  
em sua casa, ontem.

(c) O presidente concordou com os planos, em sua casa,  
 $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{completamente}} \\ \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$ , ontem.

(d) O presidente concordou com os planos, em sua casa, ontem,  
 $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{completamente}} \\ \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$ .<sup>22</sup>

(e) \*O presidente  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{completamente}} \\ \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$  concordou com os planos, em  
sua casa, ontem.

(f) \*  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{Completamente}} \\ \underline{\text{Totalmente}} \\ \underline{\text{Inteiramente}} \end{array} \right\}$  o presidente concordou com os planos, em  
sua casa, ontem.

(26) ilustra a co-ocorrência de 'Modo' com 'Lugar' e 'Tempo', numa oração em que o verbo é seguido de SPrep. Com a não gramaticalidade de (26) (e)-(f), fica mais uma vez evidente que os advérbios discutidos nesta seção não podem anteceder o verbo, seja qual for a estrutura em que apareçam. Por outro lado, após este elemento, podem-se colocar livremente em várias posições: em (26) (a), aparecem logo após o verbo; em (26) (b), ocorrem após o SPrep, antes de 'Lugar' e 'Tempo'; em (26) (c), entre 'Lugar' e 'Tempo'; em (26) (d) estão após 'Tempo', no final da oração.

Assim sendo, os fatos analisados até aqui permitem-nos estender a

hipótese levantada no início deste capítulo, a respeito da distribuição dos advérbios de modo, em português, da seguinte maneira:

- (27) (a) Advérbios de modo só podem ocorrer pospostos a verbos. Têm, aí, liberdade de colocação.
- (b) Advérbios de modo antepostos a verbos tornam as orações agramaticais.

### 1.2.2- 'Naturalmente' e sua classe

Na seção anterior, procuramos descrever o comportamento sintático dos advérbios de modo do português, em estruturas de vários tipos. Os exemplos discutidos parecem comprovar a hipótese (27), acima.

Uma investigação mais detalhada, no entanto, leva-nos à descoberta de sentenças em que a distribuição dos advérbios, à primeira vista, parece ser outra. Veja-se o seguinte grupo de orações:

- (28) (a) O presidente sorriu naturalmente.
- (b) O presidente naturalmente sorriu.
- (c) Naturalmente o presidente sorriu.

Em (28), naturalmente, acompanhando um verbo sem complemento, pode vir não só posposto a ele, mas também anteposto, como verificamos com as sentenças perfeitamente gramaticais (28) (b)-(c), nas quais aparece logo antes de 'sorrir' e antes do SN sujeito, respectivamente. Estas estruturas fogem ao padrão daquelas vistas em 1.2.1-, como, por exemplo:

- (19) (a) O negócio fracassou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$ .
- (b) \*O negócio  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{totalmente}} \\ \underline{\text{inteiramente}} \end{array} \right\}$  fracassou.
- (c) \*  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{Totalmente}} \\ \underline{\text{Inteiramente}} \end{array} \right\}$  o negócio fracassou.

Nas orações acima, bem como em todas as outras já discutidas na seção precedente, se o advérbio antecede o verbo temos um resultado não gramatical.

Portanto, há realmente algo diferente nas sentenças de (28). Poderíamos tentar dois caminhos para explicá-lo: ou o problema é uma idios-

sincrasia do item naturalmente, ou a hipótese até agora considerada, na verdade, não se mantêm. Se a explicação para a gramaticalidade de (28) (b)-(c) for a primeira alternativa, a solução seria marcar naturalmente, no léxico, como um 'advérbio de modo' especial, cujo com - portamento sintático é diferente dos outros da mesma classe. E, neste caso, poderíamos continuar adotando a hipótese levantada na seção anterior, com relação às possibilidades de aparecimento de 'Modo' nas sentenças do português. Porém, repare-se que não apenas o advérbio de (28) pode preceder um verbo sem complemento. Outros também podem vir nesta posição. Considerem-se, por exemplo:

- (29) (a) Paulo trabalhou inteligentemente.  
 (b) Paulo inteligentemente trabalhou.  
 (c) Inteligentemente Paulo trabalhou.

Observe-se que inteligentemente, colocando-se logo antes do verbo ou antes do SN sujeito, no início da oração, não torna as estruturas agramaticais, ao contrário do que se constata em (19) (b)-(c). E o mesmo podemos afirmar, ainda, com relação a outros itens, como os que aparecem em:

- (30) (a) O presidente sorriu amavelmente hoje cedo.  
 (b) O presidente sorriu hoje cedo amavelmente.  
 (c) O presidente amavelmente sorriu hoje cedo.  
 (d) Amavelmente o presidente sorriu hoje cedo.

- (31) (a) João adormeceu tranqüilamente na rede.  
 (b) João adormeceu na rede tranqüilamente.  
 (c) João tranqüilamente adormeceu na rede.  
 (d) Tranqüilamente João adormeceu na rede.

- (32) (a) O menino fugiu cuidadosamente.  
 (b) O menino cuidadosamente fugiu.  
 (c) Cuidadosamente o menino fugiu.

Nestas sentenças, como em (28)-(29), os advérbios, co-ocorrendo com verbos sem complemento, podem vir antes deles. Portanto, temos aqui um impasse. Estes novos exemplos parecem contradizer a conclusão abaixo:

- (27) (b) Advérbios de modo antepostos a verbos tornam as orações agramaticais.

Levando-se em consideração o fato de que não apenas naturalmente, mas também outros advérbios de modo — tais como inteligentemente, amavelmente, tranqüilamente e cuidadosamente — têm um comportamento sintático diferente dos que analisamos antes, a conclusão imediata é a de que há algo errado com a proposta apresentada em (27). Teríamos, portanto, de modificá-la, de modo a explicar a gramaticalidade das orações com os advérbios antecedendo os verbos, em (28)-(32). Mas será tal modificação realmente necessária?

Examinemos mais detidamente os dados que parecem contra-evidência para (27). Em cada uma das séries, as orações com o advérbio antes do verbo não são, na verdade, sinônimas daquelas em que o advérbio se pospõe a este constituinte, o que não acontece com os exemplos vistos na seção anterior. Em outras palavras: em (28)-(32), parece haver uma diferença de significado entre as orações, conforme o advérbio siga ou preceda o verbo.

Assim, por exemplo, em:

(28) (a) O presidente sorriu naturalmente.

o item grifado é mesmo um advérbio de modo, segundo as características destacadas na seção 1.1- . Ele é um modificador de 'sorrir': acrescenta ao seu significado a informação sobre a maneira como se deu o processo verbal — 'de um modo natural'. (28) (a) poderia ser parafraseada por:

(33) O presidente sorriu { com naturalidade  
de uma maneira natural } .

Além disso, em (28) (a) não há nenhuma pausa respiratória entre o verbo e naturalmente, outra particularidade, já citada, dos advérbios de modo. Portanto, temos aí, sem dúvida, um elemento da mesma classe de completamente, totalmente, inteiramente e diferentemente.

Ainda outro argumento que justifica a sua inclusão no mesmo grupo dos advérbios de modo estudados em 1.2.1- pode ser encontrado em Irena Bellert<sup>23</sup>. Relembrando o que já vimos, segundo a autora, toda sentença com um advérbio de modo pressupõe a sentença afirmativa correspondente, sem o advérbio. E veja-se que, quando enunciamos:

(28) (a) O presidente sorriu naturalmente.

entendemos também:

(34) O presidente sorriu.

Logo, o que (28) (a) afirma é, basicamente, (34). Naturalmente apenas acrescenta uma informação a mais, relacionada ao verbo da oração, ligada à noção de 'Modo'.

O mesmo acontece se naturalmente aparece numa sentença negativa. Enunciando-se:

(35) O presidente não sorriu naturalmente.

entende-se também (34). Ou seja: (35) teria, mais ou menos, este sentido:

(36) O presidente sorriu, mas não naturalmente.

Portanto, parece que, em (35), a negativa relaciona-se ao advérbio e não ao verbo: que o presidente sorriu, não se discute; ele não o fez

{ naturalmente } , no entanto.  
{ com naturalidade }

O padrão acima se repete, se a oração for interrogativa:

(37) O presidente sorriu naturalmente?

(37) também pressupõe (34). Quando interpretamos (37), fica claro que não há dúvidas quanto ao fato de o presidente ter sorrido. O que se quer saber é se ele o fez de maneira natural.

Todas estas considerações visam a mostrar que na oração:

(28) (a) O presidente sorriu naturalmente.

o item grifado é, na verdade, um advérbio de modo.

No entanto, se comparamos (28) (a) com:

(28) (b) O presidente naturalmente sorriu.

(c) Naturalmente o presidente sorriu.

verificamos que os fatos são outros, nestes dois últimos exemplos. Em primeiro lugar, as paráfrases apresentadas em (33) parecem estranhas aqui:

(38) (a) ?? O presidente { com naturalidade } sorriu.  
 { de uma maneira natural }

(b) ?? { Com naturalidade } o presidente sorriu.  
 { De uma maneira natural }

Em segundo lugar, parece-nos que, em (28) (b)-(c), o advérbio não está relacionado apenas ao verbo, mas, antes, a toda a sentença, como se o falante estivesse emitindo um julgamento seu, a respeito do fato expresso pelas orações. Isto é, em (28) (b)-(c), o que estaria sendo afirmado é que a atitude de sorrir, por parte do presidente, era um fato esperado pelo falante. É como se o falante tivesse avaliado tal ato e achado que ele deveria mesmo ocorrer. Portanto, estas sentenças teriam, aproximadamente, este sentido:

(39) { É claro que } o presidente sorriu.  
 { Como se era de esperar, }  
 { Sem dúvida alguma, }

Esta interpretação é diferente daquela de (28) (a). Em (28) (b)-(c) não há, pois, um uso 'modal' de naturalmente. Vamos admitir que, nestas estruturas, o advérbio seja usado como Advérbio de Oração. Estamos, então, introduzindo agora um novo tipo de advérbio, ainda não discutido neste trabalho.<sup>24</sup>

Quase todas as gramáticas tradicionais do português realçam que alguns advérbios, por elas classificados em diferentes grupos, podem ser usados como modificadores de toda a sentença. Veja-se, por exemplo, o que diz Celso Cunha (1972):

... certos ADVÉRBIOS aparecem, não raro, modificando toda a oração:

Felizmente, servindo de prova à minha insuspeição, o boletim não me poupa.

(Otto Lara Resende)

Deixa-a a esperar-te em vão, eternamente!

(Raimundo Correia)

Neste último emprego, vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração, de cujos termos se separam por uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula.<sup>25</sup>

Outros gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo (1970), chamam a atenção, ainda, para o fato de que, com este uso, tais advérbios expri

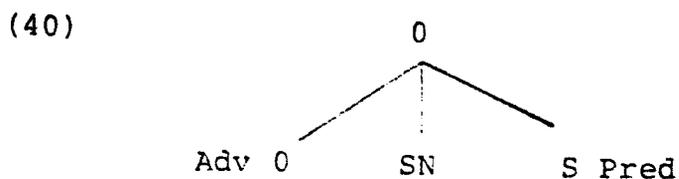
primem julgamentos do falante sobre a sentença:

... Advérbios *hã* (e a NGB explicitamente o reconhece) que se referem a uma oração inteira, a todo um enunciado, e traduzem a ressonância afetiva desse mesmo enunciado no sujeito falante. É o que acontece em frases como "Felizmente tem chovido bastante este ano!" Chama-lhes "advérbios de oração" Sechehaye. <sup>26</sup>

Também Said Ali (1967) faz observações semelhantes a estas. Vejam-se suas palavras:

Outro encaixe que nada tem que ver com o verbo da oração é o termo *felizmente*, bem como o negativo *infelizmente*. Se digo *felizmente* (ou *infelizmente*) *choveu*, não foi a chuva que tocou o contentamento ou desprazer. Estes sentimentos são os podia ter pessoa (eu ou outrem) a quem a chuva produziu proveito ou dano. Os ladrões *felizmente* não arrombaram o cofre quer dizer que houve felicidade para o dono do cofre, não para os ladrões. Do mesmo modo em Pedro vive *infelizmente* com aquela mulher, o termo *infelizmente* entra como uma reflexão, uma opinião minha relativa à vida de Pedro, o que é coisa muito diferente de ele vive infeliz com a tal mulher. <sup>27</sup>

Portanto, chamaremos de 'advérbios de oração' àqueles elementos que funcionam como modificadores de todo o enunciado, de toda a oração em que são gerados. Neste trabalho, vamos adotar como hipótese que tais advérbios, na estrutura profunda, vêm gerados em posição inicial, antes do SN sujeito, como em: <sup>28</sup>



São deste tipo os itens grifados abaixo: <sup>29</sup>

- (41) (a) Felizmente Maria comprou um passat.  
 (b) Certamente João concordou com o chefe.  
 (c) Provavelmente Pedro entregou a carta ao policial.  
 (d) Evidentemente o preso fugiu.

Em cada uma das sentenças de (41), os advérbios referem-se a toda a es

trutura, indicando a opinião, a reflexão do falante, a respeito daquilo que elas enunciam. Assim, por exemplo, em (41) (a), 'Maria comprar um passat' é um fato que se aceita como tendo ocorrido, e o falante emite sua opinião a respeito. Enunciando-se esta sentença com uma entonação normal, ela poderia ser equivalente a:

(42) Ainda bem que Maria comprou um passat...

Com este sentido, poderia ser completada com orações as mais diversas, tais como, por exemplo:

(43) (a) Felizmente Maria comprou um passat e não um volks.

(b) Felizmente Maria comprou um passat; assim já tem seu próprio carro.

(c) Felizmente Maria comprou um passat; agora já pode viajar quando quiser.

De qualquer forma, fica evidente que, em (41) (a), o advérbio não está relacionado especificamente ao verbo da oração; refere-se, antes, a todo o fato expresso por ela.

O mesmo podemos dizer, ainda, de todas as outras sentenças em (41). Em (41) (b), por exemplo, o falante considera provável que João tenha concordado com o chefe<sup>30</sup>. E daí por diante, em todas as outras, os advérbios expressam julgamentos do falante a respeito daquilo que a oração enuncia.

Segundo as gramáticas tradicionais, os advérbios de oração em português podem ocorrer em duas posições diferentes<sup>31</sup>. As estruturas em (41) exemplificam uma delas: comprovam que tais elementos aparecem no início de orações. Além disso, há outra possibilidade de colocação destes mesmos advérbios: eles vêm no final das sentenças. Esta posição, no entanto, é caracterizada de um modo especial: há sempre uma pausa respiratória, separando o advérbio do resto da oração. Na escrita, a vírgula marca o fenômeno. Assim, vejam-se os seguintes casos:

(44) (a) Maria comprou um passat, felizmente.

(b) João concordou com o chefe, certamente.

(c) Pedro entregou a carta ao policial, provavelmente.

(d) O preso fugiu, evidentemente.

Observe-se que estas mesmas sentenças, sem a vírgula, não são gramaticais. Compare-se (44) com:

- (45) (a) \*Maria comprou um passat felizmente.  
 (b) \*João concordou com o chefe certamente.  
 (c) \*Pedro entregou a carta ao policial provavelmente.  
 (d) \*O preso fugiu evidentemente.

Sem a vírgula, as orações acima têm estrutura exatamente paralela a outras como:

- (1) (b) Ele falou a verdade claramente.  
 (15) (a) A chuva parou completamente.

onde os advérbios são de 'modo', conforme discutimos nas seções precedentes. Como se viu, é característica dos advérbios de modo a não ocorrência de pausa entre eles e os verbos que modificam. Ora, neste caso, estaríamos tentando dar uma interpretação 'modal' aos itens grifados em (45), o que não é possível. Advérbios de modo referem-se ao verbo da oração. E os elementos sublinhados em (45) foram analisados como relacionados à oração toda. Eis porque estes exemplos não são gramaticais.

Ainda outra evidência para confirmar a agramaticalidade de (45) pode ser encontrada em:

- (46) (a) \*Maria comprou um passat de um modo feliz.  
 (b) \*João concordou com o chefe de um modo certo.  
 (c) \*Pedro entregou a carta ao policial de um modo provável.  
 (d) \*O preso fugiu de um modo evidente.

Os advérbios de oração não podem ser parafraseados, como os de modo, como vimos na primeira seção. Veja-se que também não são possíveis as orações abaixo:

- (47) (a) \*De um modo feliz Maria comprou um passat.  
 (b) \*De um modo certo João concordou com o chefe.  
 (c) \*De um modo provável Pedro entregou a carta ao policial.  
 (d) \*De um modo evidente o preso fugiu.

Assim, a restrição de que os advérbios em (44) devam ser destacados pela vírgula comprova-se necessária, para evitar sentenças agramaticais como as de (45).<sup>32</sup>

Devemos apontar, no entanto, que, além das duas posições citadas pelas gramáticas tradicionais, acima discutidas, parece haver, ainda,

outras possibilidades de colocação para os vocábulo de que estamos tratando.

Atente-se, por exemplo, para:<sup>33</sup>

- (48) (a) Maria comprou, felizmente, um passat.
- (b) João concordou, certamente, com o chefe.
- (c) Pedro entregou, provavelmente, a carta ao policial.
- (d) O preso fugiu, evidentemente.

A série (48) mostra a ocorrência dos advérbios de oração logo após os verbos, salientados por pausas respiratórias. Estas são obrigatórias também nestes exemplos. Caso contrário, teríamos o seguinte resultado:

- (49) (a) \*Maria comprou felizmente um passat.
- (b) \*João concordou certamente com o chefe.
- (c) \*Pedro entregou provavelmente a carta ao policial.
- (d) \*O preso fugiu evidentemente.

Como se pode ver, todos os exemplos são agramaticais. (48) (d) e (49) (d) coincidem com as sentenças antes numeradas (44) (d) e (45) (d), uma vez que temos aí apenas o verbo, acompanhado do elemento em discussão. A mesma explicação para a agramaticalidade de (45) pode ser usada para (49): sem as vírgulas, haveria tendência a se atribuir interpretação modal aos advérbios de oração. E advérbios de oração não são usados neste sentido.

Finalmente, veja-se que também temos:

- (50) (a) Maria felizmente comprou um passat.
- (b) João certamente concordou com o chefe.
- (c) Pedro provavelmente entregou a carta ao policial.
- (d) O preso evidentemente fugiu.<sup>34</sup>

(50) ilustra a ocorrência dos advérbios de oração entre o SN sujeito e o verbo.

Assim, fizemos um rápido exame dos elementos classificados como 'advérbios de oração', numa tentativa de especificar algumas de suas características, apontando, em especial, as diferenças de comportamento entre eles e os advérbios de modo, analisados nas seções precedentes. Atente-se, então, novamente, para:

(28) (b) O presidente naturalmente sorriu.

(c) Naturalmente o presidente sorriu.

Após as observações anteriores, temos agora mais argumentos para considerar que naturalmente, nestes dois exemplos, seja um 'advérbio de oração' e não de 'modo'. Como se vê, ocorre em duas posições superficiais comuns a outros advérbios de oração: após o SN sujeito, antes do verbo, em (b); no início da estrutura, em (c). Comparem-se, por exemplo, (28) (b)-(c), respectivamente, com:

(50) (a) Maria felizmente comprou um passat.

e

(41) (a) Felizmente Maria comprou um passat.

Além disso, como já se realçou antes, naturalmente refere-se a toda a oração, nos exemplos discutidos, indicando uma apreciação do falante a respeito de todo o fato expresso por ela. (28) (b)-(c) teriam, pois, um sentido mais ou menos equivalente a:

(39) { É claro que  
Como se era de esperar,  
Sem dúvida alguma, } o presidente sorriu.

Portanto, justifica-se a afirmação de que casos paralelos a (b)-(c) de (28)-(29) e (32), e (c)-(d) de (30)-(31), não são, na verdade, contra evidência para (27), que repetimos abaixo:

(27) (a) Advérbios de modo só podem ocorrer pospostos a verbos. Têm, aí, liberdade de colocação.

(b) Advérbios de modo antepostos a verbos tornam as orações agramaticais.

Nos exemplos citados não há 'advérbios de modo', mas 'advérbios de oração'.

A seguir vamos discutir mais alguns casos que parecem comprovar esta conclusão.

Segundo Irena Bellert (1977)<sup>35</sup>, no inglês, os advérbios de oração não podem ocorrer em estruturas interrogativas, ao contrário do que acontece com os de modo. Ela aponta como agramaticais os seguintes exemplos:<sup>36</sup>

- (51) \*Did John  $\left\{ \begin{array}{l} \text{cleverly} \\ \text{wisely} \\ \text{carefully} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{decide to come here?} \\ \text{drop his cup of coffee?} \\ \text{stop smoking?} \end{array} \right\}$

Parece que o português comporta-se da mesma maneira. Vejamos:

- (52) (a) \*Felizmente Maria comprou um passat?  
 (b) \*Certamente João concordou com o chefe?  
 (c) \*Provavelmente Pedro entregou a carta ao policial?  
 (d) \*Evidentemente o preso fugiu?

Segundo Jackendoff (1972), poderíamos explicar a agramaticalidade das sentenças em (51) e (52) devido a uma incongruência semântica entre advérbios deste tipo e o solicitar de uma informação que caracteriza estas interrogativas.<sup>37</sup> De qualquer forma, para nossos objetivos, é suficiente constatar que estruturas interrogativas diretas com advérbios de oração são agramaticais. Comparem-se, a seguir:

- (53) (a) \*O presidente naturalmente sorriu?  
 (b) \*Naturalmente o presidente sorriu?

Assim como acontece em (52), (53) (a)-(b), com naturalmente antecedendo o verbo, em interrogativas, não são bem formadas. A comparação de (52) com (53) parece, portanto, confirmar a hipótese que estamos defendendo: em qualquer posição antes do verbo finito, o advérbio não é de 'modo', mas de 'oração'. Comparemos (53), ainda, com:

- (37) O presidente sorriu naturalmente?

(37) é a oração interrogativa correspondente à afirmativa:

- (28) (a) O presidente sorriu naturalmente.

onde naturalmente é um advérbio de modo, conforme já verificamos. E (37) é gramatical, o que não acontece com (53). Deste modo, temos realmente usos diferentes do advérbio em (28) (a), por um lado, e (28) (b)-(c), por outro.

Lembre-se, ainda, que o mesmo tipo de raciocínio aplica-se a sentenças negativas. Já vimos que, enunciando-se a oração com o advérbio de modo:

- (35) O presidente não sorriu naturalmente.

entende-se, também, a afirmativa correspondente, sem o advérbio:

(34) O presidente sorriu.

Isto levou-nos a concluir que, em (35), a negativa está ligada ao 'Modo' e não ao verbo.

Agora compare-se (35) a uma sentença negativa com um advérbio de oração:

(54) Felizmente Maria não comprou um passat.

Percebe-se, de imediato, a diferença entre os dois casos em discussão.

(54), ao contrário de (35), pressupõe a oração negativa correspondente, sem o advérbio. Ou seja: enunciando-se (54), entendemos também:

(55) Maria não comprou um passat.<sup>38</sup>

Portanto, (54) é (55) mais o advérbio felizmente, que se relaciona a toda a oração e não a um elemento qualquer da mesma.

Comprova-se, assim, que os 'advérbios de modo' e os 'advérbios de oração' comportam-se de maneira diferente, no que se refere à interpretação das estruturas negativas em que ocorrem:

(56) (a) sentenças negativas com 'Advérbio de Modo' pressupõem a afirmativa correspondente, sem o advérbio;

(b) sentenças negativas com 'Advérbio de Oração' pressupõem a negativa correspondente, sem o advérbio.<sup>39</sup>

A seguir, observe-se que naturalmente segue o mesmo padrão de (54), quando vem precedendo o verbo, em orações negativas:

(57) (a) O presidente naturalmente não sorriu.

(b) Naturalmente o presidente não sorriu.

As sentenças de (57), com o advérbio, pressupõem a negativa correspondente, sem o advérbio:

(58) O presidente não sorriu.

As orações de (57) teriam, pois, aproximadamente, o seguinte sentido:

- (59) { E claro que  
Como se era de esperar,  
Sem dúvida alguma, } o presidente não sorriu.

Em resumo, os dados analisados até agora, nesta seção, parecem evidenciar que, na verdade, a oração:

(28) (a) O presidente sorriu naturalmente.

com o advérbio posposto ao verbo, não é sinônima de:

(28) (b) O presidente naturalmente sorriu.

(c) Naturalmente o presidente sorriu.

nas quais naturalmente vem antes de 'sorriu'. Demonstramos que, em (28) (a), o vocábulo grifado segue o padrão de outros advérbios de modo, enquanto que, em (28) (b)-(c), o padrão seguido é o dos advérbios de oração.

Considerando-se, portanto, os casos examinados nesta sub-seção, complementados pelas conclusões a que chegamos na sub-seção anterior, poderíamos formular uma hipótese a respeito de uma possível classificação dos elementos investigados até agora. Parece-nos que temos justificativas para distinguir, pelo menos, duas classes dentre os itens analisados:

(60) (a) 'Advérbios de Modo';

(b) 'Advérbios de Oração'.

Vocábulos como completamente, inteiramente, totalmente, etc. pertenceriam apenas à primeira destas classes: (60) (a). Evidentemente, felizmente, provavelmente, etc. pertenceriam apenas à segunda: (60) (b). Finalmente, itens como naturalmente poderiam ser classificados como 'advérbios de modo' ou 'advérbios de oração', dependendo do padrão de comportamento que seguissem. Deve-se salientar, ainda, que estes itens, enquanto 'advérbios de modo', têm uma distribuição exatamente igual à de outros elementos deste grupo.

A seguir, veremos outros advérbios que têm uma classificação semelhante à de naturalmente. Observe-se, porém, que alguns exemplos já foram citados antes. Assim, atente-se novamente para:

(29) (a) Paulo trabalhou intelicentemente.

(b) Paulo intelicentemente trabalhou.

(c) Inteligentemente Paulo trabalhou.

Também em (29), vamos verificar que o uso modal do advérbio se restringe à sentença (a), na qual ele vem posposto a 'trabalhou'. Em (b)-(c), inteligentemente, anteposto ao verbo, comporta-se como advérbio de oração. Neste caso, uma paráfrase possível para (29)(a):

(61) Paulo trabalhou de uma maneira inteligente.

não o será para (29)(b)-(c), respectivamente:

(62) (a) \* Paulo de uma maneira inteligente trabalhou.

(b) \* De uma maneira inteligente Paulo trabalhou.

Em (29)(b)-(c), o sentido é outro, mais ou menos equivalente a, por exemplo:

(63) Paulo foi inteligente por trabalhar.

Deve-se realçar que, com este sentido, inteligentemente se enquadra na classe dos advérbios de oração 'orientados para o sujeito' ('subject-oriented'), citada por Jackendoff (1972). Segundo este autor, os advérbios de oração distribuem-se em dois grupos, de acordo com a interpretação semântica:

(64) (a) 'Advérbios orientados para o falante' ('speaker-oriented')  
— traduzem o julgamento, a apreciação do falante a respeito do fato expresso pela sentença.

(b) 'Advérbios orientados para o sujeito' ('subject-oriented')  
— expressam alguma informação adicional a respeito do sujeito da oração.<sup>40</sup>

Exemplos de (64)(a), no português, seriam: felizmente, provavelmente, certamente, etc. e naturalmente, enquanto advérbio de oração. Quanto a (64)(b), inteligentemente, em (29)(b)-(c), é um caso paralelo ao citado por Jackendoff, para o inglês:

(65)  $\left. \begin{array}{l} \text{Carefully} \\ \text{Clumsily} \\ \text{Cleverly} \end{array} \right\} (,) \text{ John spilled the beans.}$

(66) John was  $\left. \begin{array}{l} \text{careful} \\ \text{?clumsy} \\ \text{clever} \end{array} \right\}$  to spill the beans.<sup>41</sup>

A propósito, ainda, dos advérbios em (29), e outros semelhantes, como, por exemplo, o de:

(32) (a) O menino fugiu cuidadosamente.

(b) O menino cuidadosamente fugiu.

(c) Cuidadosamente o menino fugiu.

convém ressaltar que também Laura Parisi (1977), em sua dissertação de mestrado, chega à conclusão de que há evidências para se distinguir dois usos diferentes do mesmo item lexical.<sup>42</sup> Sua posição, no entanto, embora se aproxime da nossa em muitos casos, distancia-se bastante da hipótese seguida aqui, ao considerar que o advérbio de modo pode preceder o verbo, em exemplos paralelos a (29) (b).<sup>43</sup> Parece-nos, contudo, que, além da diferença de sentido observada em (29), conforme o advérbio venha antes ou depois do verbo, há ainda outros argumentos em favor da nossa hipótese. Vimos, por exemplo, que os advérbios de modo, ao contrário dos de oração, podem ocorrer em interrogativas. Observe-se, então, a série abaixo:

(67) (a) Paulo trabalhou inteligentemente?

(b) \*Paulo inteligentemente trabalhou?

(c) \*Inteligentemente Paulo trabalhou?

Em (67), somente (a), com o advérbio posposto ao verbo, é uma sentença bem formada. (b) e (c), com inteligentemente anteposto a 'trabalhou', são, no mínimo, estranhas. Portanto, estas estruturas seguem o mesmo padrão daquelas de (28): em (a), o item sublinhado é realmente um advérbio de modo. Em (b) e (c), é advérbio de oração. Veja-se, ainda, que a agramaticalidade de (67) (b) é um argumento contrário à teoria de Parisi (1977), e, ao mesmo tempo, um dado em favor da posição seguida neste trabalho.

Considerem-se, ainda, os seguintes exemplos:

(68) (a) Paulo não trabalhou inteligentemente.

(b) Paulo inteligentemente não trabalhou.

(c) Inteligentemente Paulo não trabalhou.

Também em (68), observamos que o padrão do advérbio em (a) é um, e em (b)-(c), outro. Ou seja: em (68)(a), parece que a negativa refere-se a inteligentemente e não ao verbo. Esta sentença pressupõe:

(69) Paulo trabalhou.

Portanto, (68)(a) seria, aproximadamente, interpretada como:

(70) Paulo trabalhou, mas não inteligentemente.

Já em (68)(b)-(c), inteligentemente parece não ser atingido pelo 'não', que se refere ao verbo. Poderíamos parafrasear estas estruturas como em:

(71) Paulo foi inteligente por não ter trabalhado.

Deste modo, as sentenças citadas pressupõem a oração negativa correspondente, sem o advérbio:

(72) Paulo não trabalhou.

Assim, em (68)(a), o vocábulo grifado comporta-se como advérbio de modo e, em (68)(b)-(c), como advérbio de oração.

Outro fato que parece confirmar nossa teoria, contrariando a de Parisi, é apresentado abaixo. Examinem-se:

(73)(a) ??João correu inteligentemente.

(b) João inteligentemente correu.

(c) Inteligentemente João correu.

(73)(b)-(c) são claramente gramaticais, ao passo que (73)(a) não é uma sentença bem formada. Adotando a hipótese que levantamos para dar conta de (29) — e (28) — conseguiremos explicar o que ocorre em (73). Veja-se que, em (b) e (c), inteligentemente é um advérbio de oração: precede o verbo e parece ligar-se mais ao sujeito da sentença (é do tipo 'orientado para o sujeito'). Ambos os casos poderiam ser parafraseados mais ou menos assim:

(74) João foi inteligente ao correr.

Pode-se perfeitamente imaginar uma situação em que 'correr' seria

considerado um ato inteligente.

Mas observemos, agora, (73) (a). Nessa estrutura, inteligentemente teria de ser classificado como 'advérbio de modo': segue o verbo, sem a existência de pausa respiratória. Acontece, no entanto, que, então, este vocábulo teria de ligar-se ao verbo 'correr', acrescentando-lhe a noção de 'modo'. Ora, parece pelo menos estranho que alguém possa 'correr de modo inteligente'. Isto é: (73) (a) não é tão facilmente interpretada como, por exemplo:

(75) João correu { rapidamente  
de um modo rápido }

Acontece que 'correr' e inteligentemente não parecem poder ligar-se, como 'Verbo' e 'Modo'. Aí está porque (73) (a) não é tão claramente gramatical quanto (73) (b) e (c).

Por outro lado, se enunciarmos a sentença em questão, com uma pausa entre o verbo e o advérbio, os fatos serão outros:

(76) João correu, inteligentemente.

Esta é uma estrutura bem formada. Entretanto, aí o item sublinhado é um 'advérbio de oração', como o de (73) (b)-(c), e não de 'modo', como em (73) (a). Vimos que uma das características daqueles elementos, ao contrário destes, é a presença da vírgula destacando-os, quando vêm em posição pós-verbal. Lembrem-se:

(44) (a) Maria comprou um passat, felizmente.

(b) João concordou com o chefe, certamente.

(c) Pedro entregou a carta ao policial, provavelmente.

(d) O preso fugiu, evidentemente.

Portanto, uma paráfrase adequada para (76) também seria (74). (76) seria sinônima de (73) (b) e (c). (76) ilustra, mais uma vez, que os advérbios de oração e de modo têm comportamentos diferentes, e que o mesmo item lexical pode pertencer a uma classe ou a outra, dependendo do padrão de comportamento que seguir.

Os exemplos de (29), e sua análise, confirmam que inteligentemente é um outro item do tipo de naturalmente. O mesmo podemos afirmar, ainda, com referência aos advérbios de:

(30) (a) O presidente sorriu amavelmente hoje cedo.

- (b) O presidente sorriu hoje cedo amavelmente.  
 (c) O presidente amavelmente sorriu hoje cedo.  
 (d) Amavelmente o presidente sorriu hoje cedo.

- (31) (a) João adormeceu tranqüilamente na rede.  
 (b) João adormeceu na rede tranqüilamente.  
 (c) João tranqüilamente adormeceu na rede.  
 (d) Tranqüilamente João adormeceu na rede.

- (32) (a) O menino fugiu cuidadosamente.  
 (b) O menino cuidadosamente fugiu.  
 (c) Cuidadosamente o menino fugiu.

Quanto às estruturas (30) (a) e (b), nas quais amavelmente é um 'advérbio de modo', de acordo com a posição defendida neste estudo, há mais um dado a ser realçado: após o verbo, como já se viu, o 'Modo' tem liberdade de ocorrência.<sup>44</sup> Veja-se que, em (30) (a), amavelmente se coloca logo depois de 'sorrir', mas, em (30)(b), vem depois do 'Tempo', no final da oração.

Observações semelhantes a estas aplicam-se também a (31) (a) e (b). Nestas sentenças, o advérbio de modo tranqüilamente coloca-se com liberdade logo após 'adormeceu', em (a); e após o 'Lugar', no fim da oração, em (b).

A seguir, vejamos se, com verbos acompanhados de complementos, os advérbios de (28)-(32) comportam-se da mesma maneira. Atente-se para:

- (77) (a) O pai ofereceu naturalmente o cigarro ao filho.  
 (b) O pai ofereceu o cigarro naturalmente ao filho.<sup>45</sup>  
 (c) O pai ofereceu o cigarro ao filho naturalmente.  
 (d) O pai naturalmente ofereceu o cigarro ao filho.  
 (e) Naturalmente o pai ofereceu o cigarro ao filho.

Nestas sentenças, naturalmente co-ocorre com um verbo cujos complementos são um SN e um SPrep. E as mesmas considerações feitas com relação a (28) aplicam-se aqui: somente há 'advérbio de modo' em (a)-(c), onde o elemento em questão aparece após 'ofereceu'. Em (d)-(e), anteposto ao verbo, naturalmente classifica-se como 'advérbio de oração', tendo estes exemplos o sentido mais ou menos equivalente a:

- (78)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{É claro que} \\ \text{Como se era de esperar,} \\ \text{Sem dúvida alguma,} \end{array} \right\}$  o pai ofereceu o cigarro  
ao filho.

Sendo assim, não pode ocorrer em estruturas interrogativas, conforme se constata em:

- (79) (a) \*O pai naturalmente ofereceu o cigarro ao filho?  
(b) \*Naturalmente o pai ofereceu o cigarro ao filho?

Ainda, seguindo o padrão das sentenças com 'advérbios de oração', as estruturas negativas correspondentes a (77) (d)-(e):

- (80) (a) O pai naturalmente não ofereceu o cigarro ao filho.  
(b) Naturalmente o pai não ofereceu o cigarro ao filho.

pressupõem a negativa correspondente, sem o advérbio:

- (81) O pai não ofereceu o cigarro ao filho.

Por outro lado, em (77) (a)-(c), o padrão seguido por naturalmente é outro. Observe-se que, nestas orações, ele permite as paráfrases próprias de 'advérbios de modo':

- (82)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{de um modo natural} \\ \text{com naturalidade} \end{array} \right\}$

Além disso, pode ocorrer em interrogativas:

- (83) (a) O pai ofereceu naturalmente o cigarro ao filho?  
(b) O pai ofereceu o cigarro naturalmente ao filho?  
(c) O pai ofereceu o cigarro ao filho naturalmente?

E também em negativas:

- (84) (a) O pai não ofereceu naturalmente o cigarro ao filho.  
(b) O pai não ofereceu o cigarro naturalmente ao filho.  
(c) O pai não ofereceu o cigarro ao filho naturalmente.

E em ambos os casos fica implícita a sentença afirmativa, sem o advérbio:

(85) O pai ofereceu o cigarro ao filho.

Isto leva-nos a concluir, portanto, que em (83) questiona-se o 'Modo', assim como em (84), igualmente, nega-se o 'Modo'.

Por conseguinte, os argumentos acima provam que naturalmente tem duas classificações diferentes nas estruturas de (77): em (d)-(e), anteposto a 'ofereceu', é 'advérbio de oração'; e em (a)-(c), posposto, é 'advérbio de modo'.

Note-se, ainda, que (a)-(c) de (77) ilustram também que o 'Modo' ocorre após o verbo com liberdade de colocação: em (a), precede o SN objeto, vindo logo depois de 'ofereceu'; em (b), coloca-se após o SN objeto, antes de SPrep; e em (c), vem posposto ao SPrep, no final da sentença.

Outros elementos citados nesta seção apresentam o mesmo comportamento, quando ocorrem em sentenças com verbos seguidos de SN e SPrep:

(86) (a) O pai ofereceu  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{amavelmente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \end{array} \right\}$  o cigarro ao filho.

(b) O pai ofereceu o cigarro  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{amavelmente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \end{array} \right\}$  ao filho.

(c) O pai ofereceu o cigarro ao filho  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{amavelmente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \end{array} \right\}$ .

(d) O pai  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{amavelmente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \end{array} \right\}$  ofereceu o cigarro ao filho.

(e)  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{Amavelmente}} \\ \underline{\text{Cuidadosamente}} \\ \underline{\text{Tranqüilamente}} \end{array} \right\}$  o pai ofereceu o cigarro ao filho.

Também os itens grifados acima classificam-se diferentemente, conforme precedem ou não o verbo. No primeiro caso, são 'advérbios de oração' e, no segundo, 'advérbios de modo'. Para citar apenas um dos argumentos já mencionados antes, que comprovam esta observação, vejamos as paráfrases de, por exemplo, amavelmente: em (a)-(c), este vocábulo pode ser substituído por:

- (87) { de um modo amável }  
 { com amabilidade }

Refere-se, então, a 'ofereceu'. Já em (d)-(e), uma paráfrase adequada poderia ser:

- (88) O pai foi amável por oferecer o cigarro ao filho.

Neste caso, amavelmente é um advérbio de oração 'orientado para o su jeito', segundo a posição de Jackendoff mencionada anteriormente.

Os exemplos de (77) e (86) confirmam, assim, que um mesmo item lexical pode ser classificado como 'advérbio de modo' ou 'advérbio de oração', de acordo com o padrão que seguir.

Como já verificamos, estes exemplos mostram, ainda, a livre ocorrência do 'Modo', após o verbo. Por isso, casos como os que seguem abaixo já são previstos pela análise destas estruturas:

- (89) (a) Maria cumprimentou { naturalmente } sua rival.  
 { amavelmente }  
 { tranqüilamente }  
 { inteligentemente }

- (b) Maria cumprimentou sua rival { naturalmente } .  
 { amavelmente }  
 { tranqüilamente }  
 { inteligentemente }

- (c) Maria { naturalmente } cumprimentou sua rival.  
 { amavelmente }  
 { tranqüilamente }  
 { inteligentemente }

- (d) { Naturalmente } Maria cumprimentou sua rival.  
 { Amavelmente }  
 { Tranqüilamente }  
 { Inteligentemente }

Em (89), os vocábulos sublinhados aparecem numa oração cujo verbo tem um SN por complemento. Assim como acontece em (77) e (86), bem como em outras estruturas analisadas nesta seção, somente recebem uma interpretação modal os advérbios pospostos a 'cumprimentou'. Os antepostos são interpretados como 'advérbios de oração'. Dentre as várias evidências já mencionadas para esta distinção, podemos escolher

uma — o comportamento destes itens na sentença interrogativa correspondente a (89):

(90) (a) Maria cumprimentou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{amavelmente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \\ \underline{\text{inteligentemente}} \end{array} \right\}$  sua rival?

(b) Maria cumprimentou sua rival  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{amavelmente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \\ \underline{\text{inteligentemente}} \end{array} \right\}$  ?

(c) \*Maria  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{amavelmente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \\ \underline{\text{inteligentemente}} \end{array} \right\}$  cumprimentou sua rival?

(d) \*  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{Naturalmente}} \\ \underline{\text{Amavelmente}} \\ \underline{\text{Tranqüilamente}} \\ \underline{\text{Inteligentemente}} \end{array} \right\}$  Maria cumprimentou sua rival?

Em (90), somente são bem formadas (a) e (b), as estruturas com os vocábulos grifados após o verbo. (c) e (d), com estes elementos antepostos a 'cumprimentou', são agramaticais, seguindo o modelo de sentenças interrogativas com 'advérbios de oração'. Portanto, mais uma vez nossa hipótese se mantém.

Quanto à colocação do 'Modo' em (89), conforme já havíamos constatado em (77) e (86), ele pode vir logo após o verbo, antes de SN, como em (a); ou pode ocorrer posposto ao SN, como em (b). Neste exemplo, esta posição coincide com o final da sentença.

Também os dados abaixo são previstos pela análise de (77) e (86):

(91) (a) O deputado falou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \\ \underline{\text{inteligentemente}} \end{array} \right\}$  sobre a política nacional.

(b) O deputado falou sobre a política nacional  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \\ \underline{\text{inteligentemente}} \end{array} \right\}$ .

(c) O deputado  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \\ \underline{\text{inteligentemente}} \end{array} \right\}$  falou sobre a política nacional.

(d)  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{Naturalmente}} \\ \underline{\text{Tranqüilamente}} \\ \underline{\text{Cuidadosamente}} \\ \underline{\text{Inteligentemente}} \end{array} \right\}$  o deputado falou sobre a política nacional.

Em (91), 'falar' vem acompanhado de um SPrep — 'sobre a política nacional'. Verificamos que a distribuição dos advérbios, nesta estrutura, segue os moldes de (77) e (86), para mencionar duas dentre as várias sentenças analisadas nesta seção. Por conseguinte, são 'advérbios de modo' apenas os itens grifados em (a) e (b). Veja-se, ainda, que (a) ilustra a colocação destes elementos logo após o verbo, antes de SPrep; e (b) mostra que podem vir também depois de SPrep, no final da oração.

Quanto aos vocábulos sublinhados em (c) e (d), são 'advérbios de oração', de acordo com a hipótese defendida neste estudo. Dos vários argumentos que podem ser apresentados para comprovar este fato, citamos um — o comportamento dos elementos em questão em orações negativas:

(92) (a) O deputado não falou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \\ \underline{\text{inteligentemente}} \end{array} \right\}$  sobre a política nacional.

(b) O deputado não falou sobre a política nacional

$\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \\ \underline{\text{inteligentemente}} \end{array} \right\}$  .

(c) O deputado  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{tranqüilamente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \\ \underline{\text{inteligentemente}} \end{array} \right\}$  não falou sobre a política

nacional.

- (d)  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{Naturalmente}} \\ \underline{\text{Tranquillamente}} \\ \underline{\text{Cuidadosamente}} \\ \underline{\text{Inteligentemente}} \end{array} \right\}$  o deputado não falou sobre a política nacional.

Verificamos que as sentenças negativas (a) e (b), com os advérbios após o verbo, pressupõem a afirmativa correspondente, sem os advérbios:

(93) O deputado falou sobre a política nacional.

Por outro lado, (c) e (d) pressupõem a estrutura negativa correspondente, sem os advérbios:

(94) O deputado não falou sobre a política nacional.

Logo, a diferença de comportamento dos advérbios de (91)-(92), conforme venham antes ou após o verbo, confirma a análise que fizemos de -les.

Explorando, ainda, outra possibilidade de distribuição dos elementos de que tratamos, em português, examinem-se as orações abaixo:

(95) (a) João falou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{tranquillamente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \end{array} \right\}$  com o pai sobre a situação.

(b) João falou com o pai  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{tranquillamente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \end{array} \right\}$  sobre a situação.

(c) João falou com o pai sobre a situação  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{tranquillamente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \end{array} \right\}$ .

(d) João  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{naturalmente}} \\ \underline{\text{tranquillamente}} \\ \underline{\text{cuidadosamente}} \end{array} \right\}$  falou com o pai sobre a situação.

- (e) { Naturalmente  
Tranqüilamente  
Cuidadosamente } João falou com o pai sobre a situação.

Em (95), os advérbios sublinhados ocorrem em sentenças cujo verbo é acompanhado de dois SPrep's. Constatamos que a colocação dos 'advérbios de modo' continua sendo a mesma: só vêm após o verbo, conforme se verifica em (a)-(c). Note-se, no entanto, que aí têm liberdade de ocorrência, confirmando o que já havíamos observado antes, a respeito de sua distribuição: em (a), vêm logo após o verbo, antes dos dois SPrep's; em (b), vêm entre os SPrep's; e em (c), no final da sentença, depois dos SPrep's.

Com relação aos itens grifados em (d)-(e), de acordo com o que se viu anteriormente, são 'advérbios de oração'. Parece desnecessário repetir todos os argumentos em favor das considerações acima, uma vez que já foram bastante explorados neste trabalho. Vejamos, pois, apenas um deles — a diferença de paráfrases para os advérbios de modo e de oração. Assim, por exemplo, o item naturalmente, em (a)-(c), pode ser substituído por:

- (82) { de um modo natural }  
      { com naturalidade }

Já em (d)-(e), o sentido é outro, equivalente a:

- (96) { É claro que } João falou com o pai sobre a si -  
      { Como se era de esperar, }  
      { Sem dúvida alguma, }  
      tuação.

Finalmente, seria interessante analisar mais algumas sentenças em que os vocábulos considerados co-ocorrem com 'Tempo' e 'Lugar':

- (97) (a) Maria cumprimentou { naturalmente } sua rival, no merca-  
                                  { amavelmente }  
                                  do, hoje cedo.

- (b) Maria cumprimentou sua rival { naturalmente }, no mercado,  
  { amavelmente }  
  hoje cedo.

(c) Maria cumprimentou sua rival, no mercado,  $\left\{ \begin{array}{l} \text{naturalmente} \\ \text{amavelmente} \end{array} \right\}$ ,  
hoje cedo.

(d) Maria cumprimentou sua rival, no mercado, hoje cedo,  
 $\left\{ \begin{array}{l} \text{naturalmente} \\ \text{amavelmente} \end{array} \right\}$  .

(e) Maria  $\left\{ \begin{array}{l} \text{naturalmente} \\ \text{amavelmente} \end{array} \right\}$  cumprimentou sua rival, no mercado,  
hoje cedo.

(f)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{Naturalmente} \\ \text{Amavelmente} \end{array} \right\}$  Maria cumprimentou sua rival, no mercado,  
hoje cedo.

Na série acima, (a)-(d) são as estruturas em que os elementos sublinhados recebem uma interpretação modal, como se pode verificar, por exemplo, pela possibilidade de parafraseá-los, respectivamente, como em:

(82)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{de um modo natural} \\ \text{com naturalidade} \end{array} \right\}$

(87)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{de um modo amável} \\ \text{com amabilidade} \end{array} \right\}$

Deve-se atentar, mais uma vez, para o fato de que sua colocação é livre, após o verbo. Assim, em (a), os advérbios ocorrem após 'cumprimentou', antes do SN; em (b), vêm depois do SN, antes de 'Lugar'; em (c), aparecem entre 'Lugar' e 'Tempo'; e em (d), depois de 'Tempo', no final da oração.

Em relação a (97) (a)-(d), ainda outros fatos interessantes podem ser mencionados. Para alguns falantes, existe claramente uma diferença na aceitação destas sentenças. (97) (a) é, indiscutivelmente, a melhor delas. E observe-se que, aí, os advérbios de modo vêm imediatamente após o verbo que eles modificam. Em ordem de preferência, segue-se (97) (b), em que os elementos analisados separam-se do verbo apenas pelo SN objeto. (97) (c) e (d), apesar de gramaticais, são consideradas, de algum modo, 'estranhas'. A princípio, poderíamos pensar que o problema está na co-ocorrência do 'Modo' com 'Lugar' e 'Tempo'. Lembrem-se, porém, as estruturas abaixo:

(30) (a) O presidente sorriu amavelmente hoje cedo.

(b) O presidente sorriu hoje cedo amavelmente.

(30) (a) e (b) são perfeitamente gramaticais. E nelas, o advérbio de modo amavelmente co-ocorre com 'Tempo', vindo não só antes deste constituente, como em (a), mas também depois dele, como em (b). Logo, não há restrição ao aparecimento de 'Modo' numa sentença em que haja também 'Tempo'.

O mesmo é verdade, ainda, com referência a 'Lugar'. Considerem-se, mais uma vez, os exemplos:

(31) (a) João adormeceu tranqüilamente na rede.

(b) João adormeceu na rede tranqüilamente.

Em (31), o advérbio de modo, co-ocorrendo com 'Lugar', pode-se colocar livremente antes ou depois dele, como se vê, respectivamente, em (a) e (b). Ambas as sentenças são bem formadas.

Portanto, o problema em (97) (c) e (d) não deve ser atribuído ao fato de os advérbios de modo virem em estruturas com 'Lugar' e 'Tempo', mas deve ser relacionado a algum outro fenômeno. Uma outra hipótese poderia ser considerada: observe-se que, em tais orações, o 'Modo' acha-se já mais distante do 'Verbo'. Isto exigiria um esforço maior da memória, por parte dos falantes, na interpretação, no processamento das sentenças. E esta poderia ser a razão pela qual os exemplos (a) e (b) — em que os elementos relacionados (verbo e advérbio) acham-se mais próximos um do outro — são 'preferidos' pelos falantes.

Atente-se, novamente, para as sentenças (97) (c) e (d):

(97) (c) Maria cumprimentou sua rival, no mercado,  $\left\{ \begin{array}{l} \text{naturalmente} \\ \text{amavelmente} \end{array} \right\}$ ,  
hoje cedo.

(d) Maria cumprimentou sua rival, no mercado, hoje cedo,

$\left\{ \begin{array}{l} \text{naturalmente} \\ \text{amavelmente} \end{array} \right\}$  .

Conforme observamos na primeira seção, parece ser uma característica do 'advérbio de modo' a ausência da pausa respiratória para separá-lo do verbo a que se liga, o que, na escrita, estaria representado pela vírgula. E veja-se que ela aparece nas duas orações em questão, que poderiam, portanto, ser consideradas contra-exemplos para a hi-

pótese citada. Uma observação mais detalhada das mesmas sentenças sugere, contudo, uma outra possível explicação para o fato, que não contraria o que se viu até agora. Note-se que os exemplos em (97) são bastante longos. (97) (a) e (b), em que os advérbios de modo estão próximos do verbo, não necessitam de vírgulas, separando-os. As outras duas, porém, parecem exigir as pausas destacando o 'Modo', por uma questão de 'fôlego', em primeiro lugar. Além disso, como salientamos, parece que quanto mais o advérbio se afasta do verbo, mais difícil se torna o processamento da oração. E as pausas serviriam, então, para 'ajudar' a memória, no esforço de interpretar os exemplos. Estamos admitindo, portanto, que as vírgulas, aqui, ligam-se, na verdade, a problemas de desempenho.<sup>46</sup>

Examinemos, a seguir, (97) (e) e (f):

(97) (e) Maria  $\left\{ \begin{array}{l} \text{naturalmente} \\ \text{amavelmente} \end{array} \right\}$  cumprimentou sua rival, no mercado,  
hoje cedo.

(f)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{Naturalmente} \\ \text{Amavelmente} \end{array} \right\}$  Maria cumprimentou sua rival, no mercado,  
hoje cedo.

Conforme já observamos para casos paralelos a estes, nas estruturas acima os itens sublinhados classificam-se como 'advérbios de oração'. Portanto, as paráfrases adequadas para eles, aí, seriam respectivamente:

(98)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{É claro que} \\ \text{Como se era de esperar,} \\ \text{Sem dúvida alguma,} \end{array} \right\}$  Maria cumprimentou sua rival, no  
mercado, hoje cedo.

(99) Maria foi amável por cumprimentar sua rival, no mercado, hoje cedo.

(98) deixa ver, mais uma vez, que naturalmente é do tipo de advérbio 'orientado para o falante'. Já (99) evidencia que amavelmente focaliza mais de perto o sujeito da oração, sendo do tipo 'orientado para o sujeito'.

Com referência a (97) (e) e (f), é importante salientarmos que são sentenças claramente gramaticais, apesar de serem bastante longas. Este fato pode sugerir mais uma diferença entre os advérbios de oração e de

modo: para os primeiros, o tamanho da estrutura não é relevante, uma vez que a modificam em sua totalidade, não se referindo exclusivamente a um elemento em especial. Já para os de modo, o tamanho da sentença importa, uma vez que, sendo modificadores do verbo, quanto mais se distanciarem dele, mais difícil se torna a interpretação da estrutura, como verificamos com (97) (c) e (d).

Considerando-se, pois, os fatos analisados neste capítulo, temos argumentos em favor da hipótese apresentada em (27), a respeito da distribuição dos advérbios de modo em '-mente', em estruturas superficiais do português:

(27) (a) Advérbios de modo só podem ocorrer pospostos a verbos. Têm, aí, liberdade de colocação.

(b) Advérbios de modo antepostos a verbos tornam as orações agramaticais.

Verificamos, em 1.2.2-, que os casos com itens da classe de naturalmente não oferecem, na verdade, contra-evidência para a conclusão acima. Vimos que estes elementos, quando antepostos ao verbo, classificam-se como 'advérbios de oração'. Por conseguinte, têm um padrão de comportamento diferente daquele dos 'advérbios de modo'.

Devemos ressaltar, ainda, que as possibilidades de colocação de 'Modo', resumidas em (27), devem ser vistas também como mais uma característica deste constituinte.

## N O T A S

1. Observe-se, a este respeito, por exemplo, o que dizem os seguintes autores:
  - (a) BRANDÃO, Cláudio. Sintaxe clássica portuguesa. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963. p. 120.
  - (b) LIMA, Carlos Henrique da Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro, F. Briquet & Cia Ed., 1965. p. 163.
2. CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1971. p. 368.
3. ALI, M. Said. Gramática histórica da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1966. p. 183.
4. ALONSO, Amado & UREÑA, Pedro Henriquez. Gramática castellana. Buenos Aires, Losada, 1969. vol. 2, p. 160.
5. ROCA-PONS, J. Introducción a la gramática. Barcelona, Editorial Teide, 1974. p. 252.
6. EMONDS, Joseph E. Root and Structure - Preserving Transformations. Reproduced by the Indiana University Linguistics Club, 1970.
7. Os exemplos em (2) são apenas algumas das sentenças apresentadas por Emonds (1970), sob o número (14) de seu trabalho, à p. 113. Segue-se a tradução destes exemplos, que deverá ser vista apenas como um ponto de referência para o leitor não familiarizado com o inglês:
  - (2') (a) João respondeu às perguntas  $\left. \begin{array}{l} \text{inteligentemente} \\ \text{com inteligência} \\ \text{de um modo inteligente} \end{array} \right\}$ .
  - (b) A China tem-se industrializado  $\left. \begin{array}{l} \text{rapidamente} \\ \text{de um modo rápido} \end{array} \right\}$ .
  - (c) Ele guarda seus livros na gaveta  $\left. \begin{array}{l} \text{cuidadosamente} \\ \text{com cuidado} \\ \text{de um modo cuidadoso} \end{array} \right\}$ .
8. EMONDS, Joseph E., op. cit.  
 Como uma possível tradução para o trecho citado, veja-se: "Sintagmas Adjetivos Adverbiais que podem ser parafraseados como em (14) são adverbais de modo."

## 9. Ibidem.

No original, os exemplos em (3) aparecem sob o número (15). Sua tradução, abaixo, não é rigorosa. Nem sempre há advérbios, em português, correspondentes aos do inglês. Veja-se, então:

(3') Este negócio tem falhado completamente.

Agramatical, mas interpretável do mesmo modo:

\*Este negócio tem falhado de um modo completo.

O sol está brilhando fracamente através das nuvens.

Agramatical, mas interpretável do mesmo modo:

\*O sol está brilhando de um modo fraco através das nuvens.

Os asteriscos, mantidos na tradução, não devem ser interpretados como julgamento sobre a gramaticalidade das sentenças do português. Foram conservados para indicar que as sentenças do inglês, correspondentes a estas, são agramaticais.

## 10. Ibidem.

Para os leitores não familiarizados com o inglês, apresentamos a tradução:

" Em alguns casos, as paráfrases com SPrep's para estes adverbiais, do tipo dado em (14), são estranhas e até mesmo agramaticais. Mas se tais paráfrases com SPrep's não distorcem o sentido do SAdj adverbial, vou admitir que o adverbial em questão é um adverbial de modo. Exemplos deste tipo são dados em (15); "...

11. Observe-se que, ao se afirmar que o advérbio de modo é um constituinte irmão do verbo, não se deve interpretar que ele seja o único sintagma adverbial dominado imediatamente por SV. Como se sabe, outros SAdv's podem ocorrer dentro do SV, subcategorizando o verbo. Lembre-se o exemplo:

(i) Vou à cidade.

Em (i), a expressão grifada é considerada um adverbial dominado por SV. Portanto, o advérbio de modo é apenas um dos sintagmas adverbiais de SV.

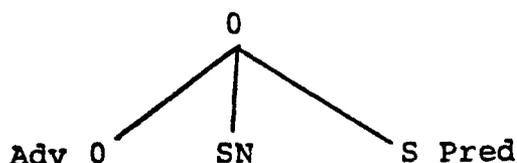
12. Em (7), citamos apenas exemplos do português, uma vez que nossa intenção é caracterizar os advérbios de modo desta língua. Entretanto, há fatos paralelos a estes, em inglês. Veja-se:  
EMONDS, op. cit., p. 114.

13. Os fatos salientados até aqui são as únicas observações de Emonds, na obra citada, a respeito dos advérbios de modo. Porém outros autores apontam a possibilidade destes constituintes ocorrerem também antes do verbo, no inglês. A este respeito consulte-se, por exemplo:

JACKENDOFF, Ray S. Semantic Interpretation in Generative Grammar. Cambridge, Mass, The M.I.T. PRESS, 1972. p. 74-75.

14. Cf. EMONDS, op. cit., p. 114.

15. Foge aos objetivos deste trabalho entrar em detalhes a respeito de itens do tipo de felizmente, chamados 'advérbios de oração'. Na segunda seção, vamos -nos deter um pouco mais na comparação dos advérbios de modo com estes elementos. Sugerir-se-á, então, que uma possível origem para eles, na estrutura profunda, seria:



16. BELLERT, Irena. On Semantic and Distributional Properties of Sentential Adverbs. Linguistic Inquiry, Cambridge, Mass, The M.I.T. PRESS, 1977, 8 (2): 337-51.

17. Ibidem, p. 339.

A tradução deste texto seria:

"... advérbios de modo têm em comum a seguinte propriedade semântica: quando ocorrem sob o acento principal, seja em orações afirmativas, negativas, ou interrogativas, a oração implica (ou pressupõe, como alguns lingüistas diriam) a afirmativa correspondente, sem o advérbio."

18. Ibidem.

Os exemplos em (10) aparecem sob o número (4), no original. Observe-se que a seta, em (10), indica que as orações afirmativa, negativa e interrogativa, com 'loudly', pressupõem a afirmativa correspondente, sem o advérbio.

Segue-se a tradução:

(10')  $\left\{ \begin{array}{l} \text{João está falando alto.} \\ \text{João não está falando alto.} \\ \text{João está falando alto?} \end{array} \right\} \rightarrow \text{João está falando.}$

19. (23) (b) e (c) podem ser enunciadas destacando-se o advérbio com pausas:

(b') Paulo repartiu a herança, completamente, com os irmãos.

(c') Paulo repartiu a herança com os irmãos, completamente.

Mãe veja-se que a vírgula não é uma exigência, aparecendo mais como um recurso estilístico, para enfatizar o 'Modo'.

20. As mesmas observações da nota 19 aplicam-se aos advérbios totalmente e inteiramente em (24) (b) e (c).

21. (25) (b) e (c) seguem o mesmo padrão observado na nota 19.

22. Deve-se salientar que, em (26) (c) e (d), as pausas não se prendem aos advérbios de modo, mas aos SAdv's de lugar e tempo. Em outras palavras: os elementos destacados por elas, nestas sentenças, são o 'Lugar' — 'em sua casa' — e o 'Tempo' — 'ontem'. Portanto, também estes casos não são contra-evidência para o que se viu com Emonds, na primeira seção, a respeito de os advérbios de modo se caracterizarem pela não ocorrência de pausa entre eles e o verbo.

Observe-se, ainda, que as estruturas de (26) parecem, de certo modo, estranhas. Talvez isto se deva ao fato de serem sentenças muito longas. Examinaremos, no final deste capítulo, outros exemplos semelhantes a (26). Procuraremos, então, analisá-los mais detidamente.

23. Cf. BELLERT, Irena, op. cit., p. 339.

Vejam-se as referências à posição da autora na seção 1.1-, à página 8. .

24. Tal tipo de advérbio foi rapidamente mencionado na primeira seção deste trabalho. Referimo-nos ao exemplo (7) (b), apresentado à página 7, que repetimos aqui por conveniência:

(7) (b) Ele admitiu, felizmente, a sua culpa.

25. Cf. CUNHA, Celso, op. cit., p. 368.

26. Cf. MELO, Gladstone Chaves de. Gramática fundamental da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1970. p. 168.

A ortografia das citações de Gladstone C. de Melo e de Celso Cunha foi atualizada. Ainda, na citação de Melo, o grifo é nosso.

27. ALI, M. Said. Meios de expressão e alterações semânticas. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1967. p. 58/59.  
A Ortografia deste trecho também foi atualizada.
28. Como nosso objetivo é estudar o comportamento sintático dos 'advérbios de modo', não vamos entrar em detalhes a respeito dos 'advérbios de Oração'. Somente serão destacados aqui os aspectos que nos levam a uma melhor caracterização de 'Modo'. Não discutimos, pois, se a posição de origem dos 'advérbios de oração', apresentada em (40), é realmente a mais adequada.  
Laura Parisi, em sua dissertação de mestrado, estuda mais detalhadamente esta classe de advérbios. Também ela admite que tais itens sejam gerados como em (40), ao citar Emmon Bach (1974).  
Cf. PARISI, Laura Antonia Perrela. Aspectos da gramática dos advérbios em -mente no português do Brasil. Dissertação de mestrado (inédita). Brasília, 1977. p. 15.
29. Nos exemplos de (41) há apenas advérbios em '-mente'. Pode ser que outros itens, como talvez, também pertençam à classe dos 'advérbios de oração'. A investigação de fatos como este, no entanto, foge aos objetivos deste estudo.
30. Para alguns falantes, (41) (b) é ambígua. Neste caso, certamente expressaria:  
(a) certeza por parte do falante;  
(b) probabilidade apenas.
31. Veja-se novamente, por exemplo, a citação de Celso Cunha, à página 19 deste estudo.
32. Quanto às sentenças de (41), parece que, para muitos falantes, a vírgula destacando os advérbios é aí opcional. Se isso for verdade, uma possível explicação para o fato seria: como se verá no decorrer deste trabalho, concluiremos que os advérbios de modo não podem preceder verbos finitos, na voz ativa. Neste caso, não é possível dar interpretação 'modal' aos advérbios de (41), uma vez que aparecem numa posição onde advérbios de modo não ocorrem. Por outro lado, os advérbios de (44) precisam da vírgula, porque a posição que ocupam nestas estruturas é comum para os advérbios de modo também. A vírgula, assim, seria uma das 'pistas' para distinguir os dois tipos de advérbios.

33. A seguir vamos analisar estruturas que exemplificam duas outras posições possíveis para os advérbios de oração, não citadas pelas gramáticas tradicionais. Entretanto, não nos interessa, aqui, entrar nos detalhes da distribuição destes advérbios. Vamo-nos limitar aos casos que são relevantes para a análise dos advérbios de modo.

A posição exemplificada por (48) já havia sido apresentada na primeira seção, com o exemplo da página 7:

(7) (b) Ele admitiu, felizmente, a sua culpa.

34. É interessante observar que a pausa respiratória, destacando os advérbios de oração, é opcional para muitos falantes também quando estes vocábulos ocorrem nesta posição. A explicação para este fato poderia ser a mesma dada na nota 32, com referência ao exemplo (41).

35. Cf. BELLERT, op. cit., p. 340.

36. A numeração dos exemplos é nossa, não da autora citada. Em seu trabalho, estas sentenças recebem o número (10).

A seguir, veja-se a tradução delas:

(51')	*João	{	inteligentemente	}	{	decidiu vir aqui?	}
		{	sabiamente	}	{	deixou cair sua xícara de café?	}
		{	cuidadosamente	}	{	parou de fumar?	}

37. Cf. JACKENDOFF, Ray S., op. cit., p. 85.

38. Irena Bellert chama a atenção para casos paralelos aos de (54)-(55), em inglês. Vejam-se os exemplos que cita:

(7) John { cleverly  
wisely  
carefully } did not drop his cup of coffee. →

(8) John did not drop his cup of coffee.

Cf. BELLERT, op. cit., p. 340.

39. Foge aos nossos objetivos investigar mais detalhadamente o comportamento dos advérbios em negativas. Para o que nos interessa, basta observar que os advérbios de modo e os de oração não apresentam as mesmas características, também quando usados em estruturas negativas.

40. Cf. JACKENDOFF, op. cit., p. 56-57.

Não vamos entrar em detalhes na referida teoria, por fugir aos nossos objetivos.

41. Id., ibid.

A numeração dos exemplos de Jackendoff é nossa.

Abaixo, segue-se a tradução deles:

(65')  $\left\{ \begin{array}{l} \text{Cuidadosamente} \\ \text{Desajeitadamente} \\ \text{Inteligentemente} \end{array} \right\} (,) \text{ João derramou o feijão.}$

(66') João foi  $\left\{ \begin{array}{l} \text{cuidadoso} \\ \text{?desajeitado} \\ \text{inteligente} \end{array} \right\}$  ao derramar o feijão.

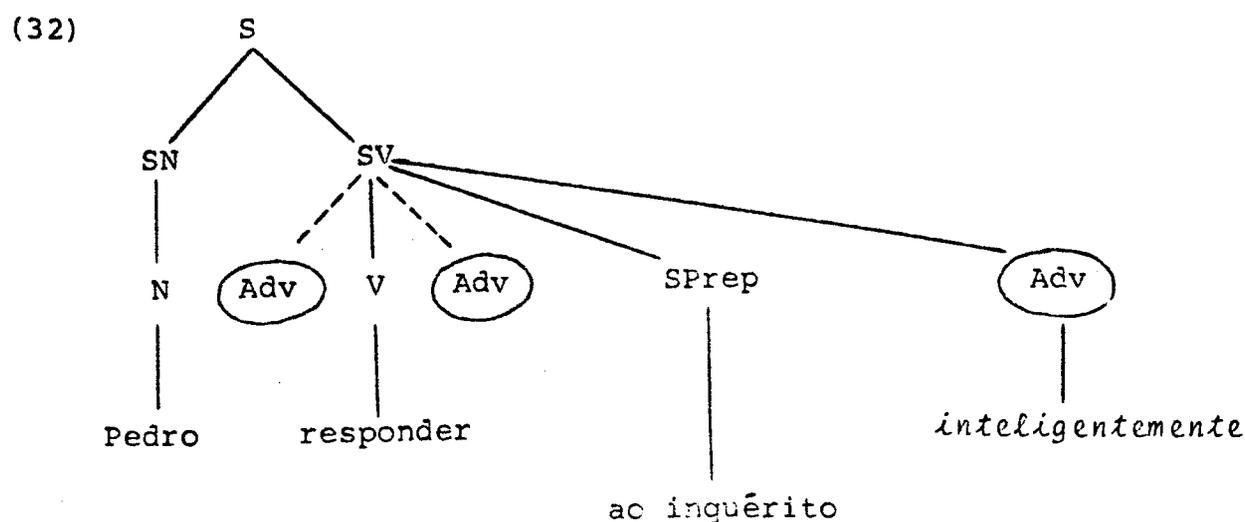
42. Usamos a expressão 'mesmo item lexical', aqui, como sinônima de 'a mesma palavra'. Ou seja: referimo-nos a uma mesma forma fonológica. Na realidade, para advérbios deste tipo, temos duas entradas léxicas com característica sintáticas e semânticas diferentes.

43. Cf. PARISI, op. cit., p. 48.

O exemplo dado por ela é:

- (31) a. Pedro respondeu ao inquérito *inteligentemente*.  
 b. Pedro respondeu *inteligentemente* ao inquérito.  
 c. Pedro *inteligentemente* respondeu ao inquérito.

O marcador de frase de (31) se assemelha a (32):



Segundo esta autora, inteligentemente, em (31)-(32), é advérbio de SV em qualquer uma das três posições ilustradas, inclusive antes do verbo.

44. Veja-se a conclusão dada em (27) (a), à página 15 deste trabalho.
45. Note-se que não há necessidade de separar o advérbio desta oração com vírgulas, enunciando-a com entonação normal. No entanto, as vírgulas podem ocorrer aí, como em:

(a) O pai ofereceu o cigarro, naturalmente, ao filho.

Neste caso, porém, não é exigência de naturalmente, mas um recurso estilístico para enfatizar o 'Modo'. Já vimos, na nota 19 desta seção, este mesmo fato mencionado com referência a completamente. Em ambos os casos, porém, a presença das pausas não constitui contra-evidência para a característica dos advérbios de modo citada na primeira seção: são constituintes que ocorrem após o verbo, sem a presença de pausa respiratória entre eles e este elemento (Cf. p. 7). Nos exemplos em questão, a vírgula não é exigida pelos advérbios, ao contrário do que ocorre com os 'advérbios de oração', como se viu, por exemplo, em:

(76) João correu, inteligentemente.

46. No capítulo seguinte, defenderemos a hipótese de que 'Modo' deve ser gerado imediatamente após o verbo, na estrutura profunda. Então ficará mais claro porque as sentenças (97) (c) e (d), nas quais o advérbio distancia-se bastante da posição de origem, são mais estranhas que (97) (a) e (b). A este respeito veja-se:

FODOR, J.A.; BEVER, T.G. & GARRET, M.F. The Psychology of Language. N.Y., Mc Graw-Hill, 1974. p. 326.

*Now, it is precisely the deep syntactic structure upon which the semantic interpretation of a sentence is presumed to depend. Thus, as we increase the transformational distance between the base and surface structure of a sentence, we normally decrease the extent to which its surface structure exhibits the grammatical relations among the parts of a sentence in the appropriate form for semantic interpretation.*

## 2- O Transporte dos Advérbios de Modo

No capítulo anterior, procuramos verificar as possibilidades de colocação dos advérbios de modo em estruturas superficiais do português, com verbos finitos, na voz ativa. Chegamos à conclusão de que estes advérbios não podem preceder o verbo. Mas, pospostos a ele, ocorrem livremente em várias posições, sem que se modifique o sentido das sentenças. Uma vez que estamos adotando a teoria 'standard', vamos admitir que os advérbios em questão têm origem em uma posição específica, na estrutura profunda, e que uma regra transformacional é responsável pela sua movimentação. Nosso objetivo, neste capítulo, é exatamente discutir qual é esta origem e como seria a regra responsável pelas diversas colocações do advérbio de modo em português.

### 2.1- A hipótese baseada em Chomsky

#### 2.1.1- A regra de transporte para a esquerda

Segundo Chomsky (1965)<sup>1</sup>, o advérbio de modo seria gerado na posição indicada pela seguinte regra:

(100)  $VP \rightarrow V(NP) \quad (\text{Prep-Phrase}) \quad (\text{Prep-Phrase}) \quad (\text{Manner})^2$ .

Note-se que, em (100), 'Modo' aparece no final de SV, após os dois SPrep's.<sup>3</sup>

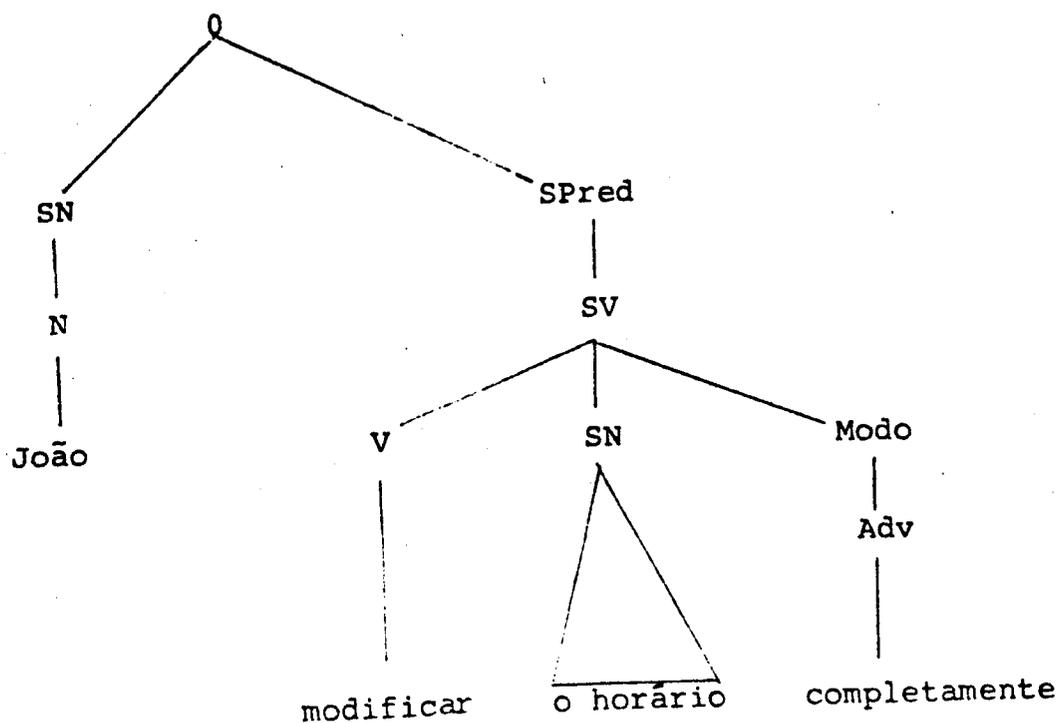
Presumindo-se que esta regra descreva a origem dos advérbios que nos interessam, também em português, vejamos como ficariam, por exemplo, as seguintes orações:

(21) (a) João modificou completamente o horário.

(b) João modificou o horário completamente.

Adotando-se (100), a estrutura profunda das sentenças acima seria, aproximadamente:<sup>4</sup>

(101)



(21) (b) seria, portanto, a oração que mais se aproximaria da estrutura profunda, uma vez que o advérbio continua, na estrutura superficial, em sua posição de origem. Para explicar (21) (a), no entanto, precisaríamos de uma regra de transporte do advérbio, do final da sentença para imediatamente após o verbo.

Considerem-se, ainda, as orações:

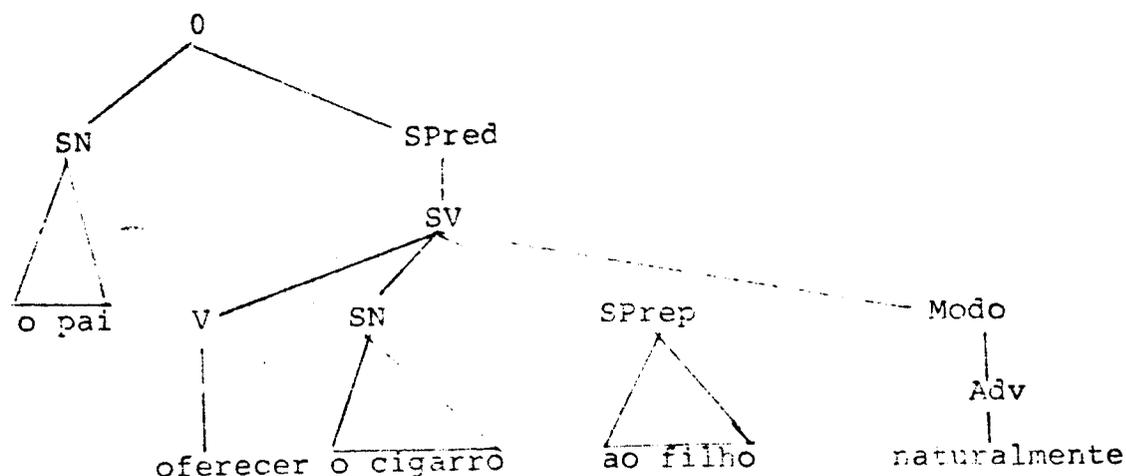
(77) (a) O pai ofereceu naturalmente o cigarro ao filho.

(b) O pai ofereceu o cigarro naturalmente ao filho.

(c) O pai ofereceu o cigarro ao filho naturalmente.

De acordo com a hipótese de Chomsky, em (77) (c) temos naturalmente na posição em que foi gerado na estrutura profunda, como se vê pelo indicador sintagmático abaixo:

(102)

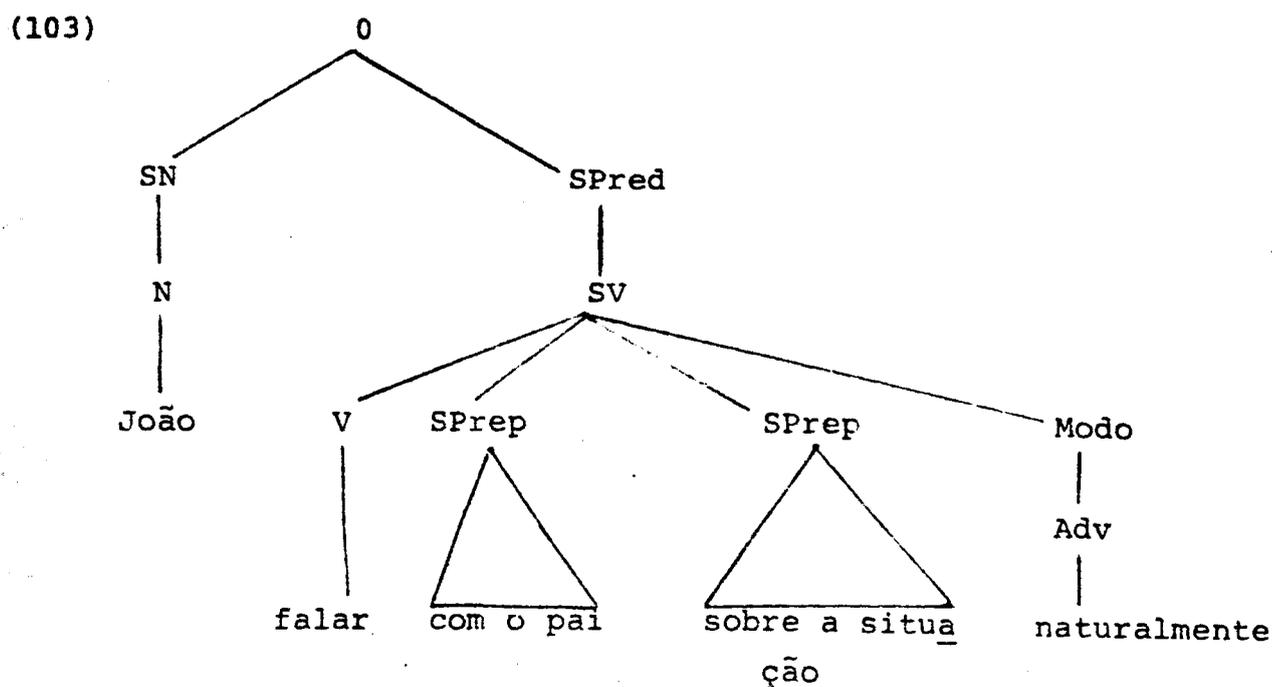


(77) (a) e (b), no entanto, apresentam o advérbio em posições diferentes. Uma vez que são sinônimas de (77) (c), e perfeitamente gramaticais, teremos, novamente, necessidade de uma regra de movimento, para explicá-las. E veja-se que um dado novo se apresenta: tal transformação terá de permitir que o advérbio se mova para imediatamente após o verbo — como vimos em (21) (a) — mas também deverá prever que ele se coloque entre o SN e o SPrep, como em (77) (b).

Atente-se, a seguir, para mais um grupo de exemplos:

- (95) (a) João falou naturalmente com o pai sobre a situação.  
 (b) João falou com o pai naturalmente sobre a situação.  
 (c) João falou com o pai sobre a situação naturalmente.

Supondo-se, ainda, que (100) descreva a posição de 'Modo' nas estruturas profundas do português, observamos que, na série acima, (95) (c) é a oração que apresenta o advérbio na posição descrita pela regra citada: naturalmente ocorre após os dois SPrep's. (103), abaixo, representa este fato:



Portanto, para se dar conta das outras ocorrências do advérbio de modo, nos exemplos (95) (a) e (b), seria necessária uma regra transformacional que o movesse para as posições em que se encontra nestas orações. Deve-se acrescentar, ainda, que os exemplos em (95) ilustram mais uma possibilidade de colocação para o advérbio de modo, que a regra de transporte deverá prever: entre os dois SPrep's.

Assim, levando-se em consideração apenas os dados discutidos até o momento, para se explicar as várias posições em que os advérbios

de modo ocorrem nas estruturas superficiais do português, proporíamos a seguinte regra de Transporte de Modo, daqui para a frente abreviada — T-Modo:

(104) Transporte de Modo (T-Modo - nº 1)<sup>5</sup>

X	V	Y	Modo
1	2	3	4
1	2	<del>4</del> 3	∅

⇒ opcional

Condição: (1) Y é uma seqüência de constituintes principais.<sup>6</sup>

Como verificamos em (104), o movimento do advérbio é da direita para a esquerda, dentro do SV. Prevê-se, além disto, que 'Modo' não pode ser transportado para antes do verbo. Tal condição é necessária, para impedir sentenças como:

(21) (c) \*João completamente modificou o horário.

Levando-se em conta os limites do SV, no entanto, o advérbio pode ocorrer em qualquer um dos interstícios criados por (100):

(100) VP → V(NP) (Prep-Phrase) (Prep-Phrase) (Manner).

Como ilustração, voltemos às orações em (95), cuja estrutura subjacente — (103) — estaria mais ou menos representada em:

(95) (c) João falou com o pai sobre a situação naturalmente.

Veja-se que, aí, o advérbio está em sua posição original, não tendo sido movido. Considerando-se que (104) é optativa, entende-se que (95) (c) seja gramatical. No entanto, para dar conta de (95) (b):

(95) (b) João falou com o pai naturalmente sobre a situação.

estamos admitindo que (104) foi aplicada e que a variável 'y' é, aí, o SPrep 'sobre a situação'. Lembre-se que SPrep é um constituinte principal. Já (95) (a):

(95) (a) João falou naturalmente com o pai sobre a situação.

seria gerada considerando-se 'com o pai sobre a situação' como o 'y' em (104). De acordo com a condição (1), 'y' é uma seqüência de constituintes principais. Aqui, temos: SPrep  $\cap$  SPrep.

### 2.1.2- A regra de transporte para a direita

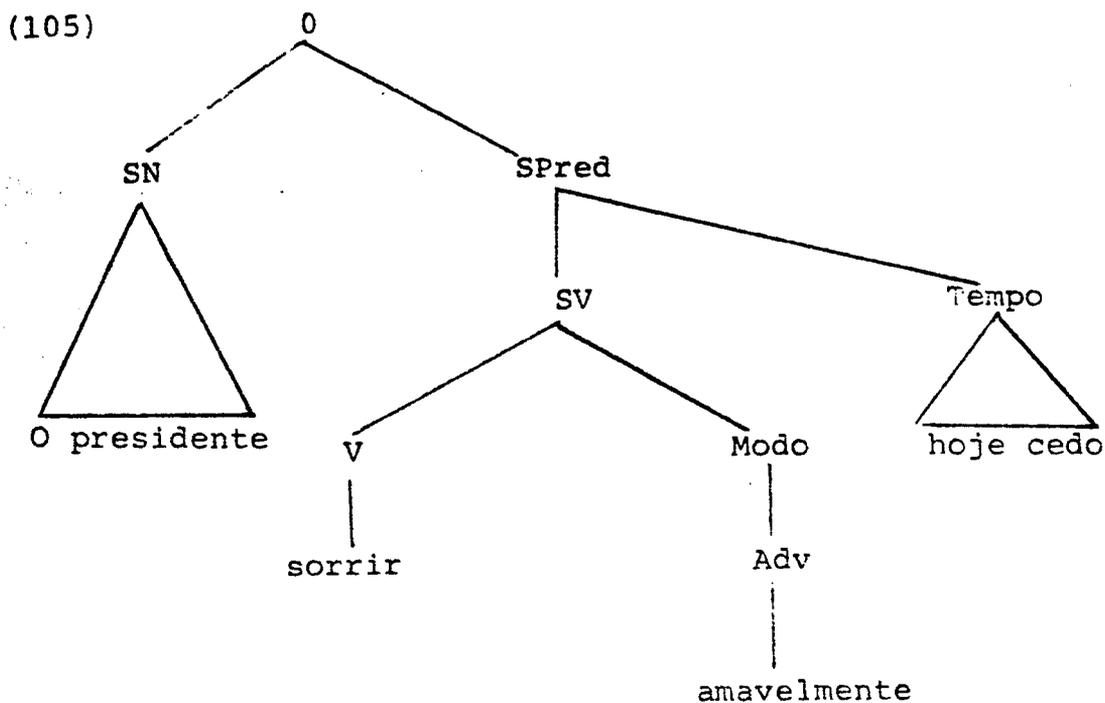
Na sub-seção anterior, vimos que 'T-Modo - nº 1', apresentada em (104), dá conta satisfatoriamente de todos os fatos analisados ali. Nesta sub-seção, porém, vamos discutir alguns casos para os quais a regra não é adequada. Examinem-se as orações abaixo:

(30) (a) O presidente sorriu amavelmente hoje cedo.

(b) O presidente sorriu hoje cedo amavelmente.

*o \* o presidente sorriu hoje amavelmente cedo*

Nelas, 'Modo' co-ocorre com 'Tempo': 'hoje cedo'. De acordo com a hipótese apresentada, (30) (a) seria a sentença em que amavelmente está na posição da regra de base (100), o que se representa em:

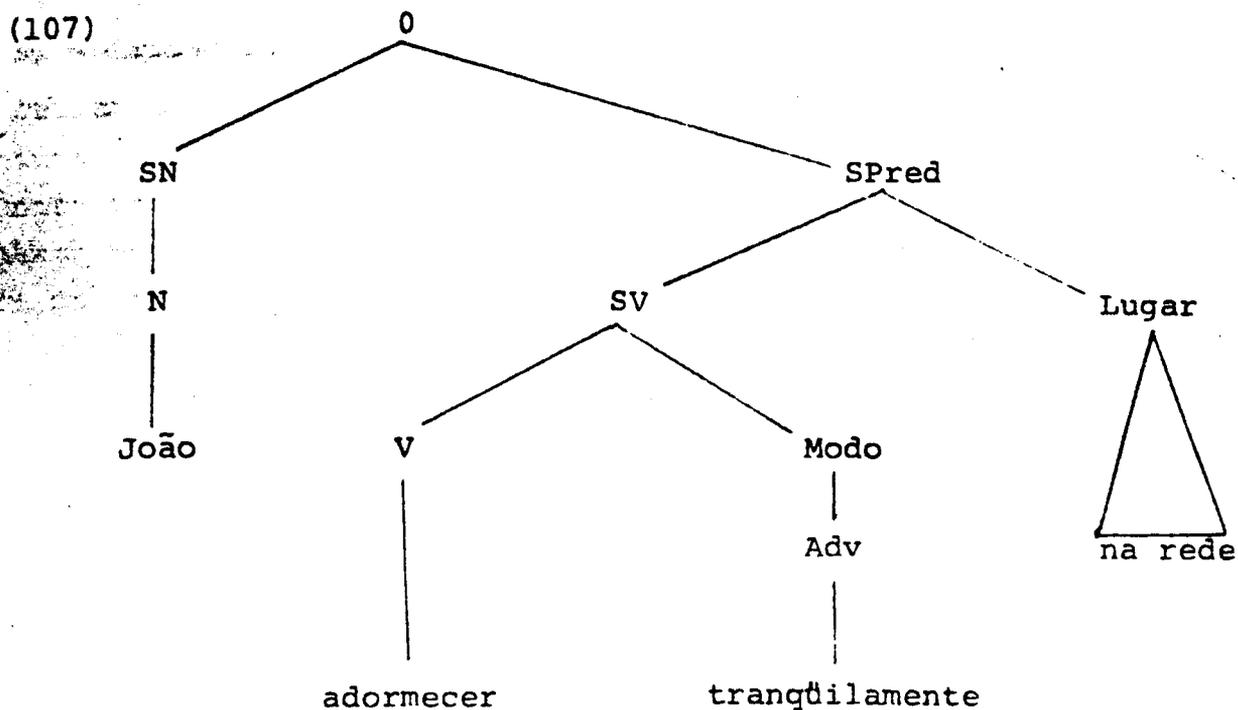


(105) seria, portanto, a estrutura subjacente aproximada para ambos os exemplos em (30).

Estamos admitindo que 'Modo' é gerado no final do SV. No entanto, advérbios de tempo (bem como de lugar) são imediatamente dominados por SPred, na estrutura profunda, como se constata em (105). Vêm, portanto, depois de 'Modo'. Assim, observamos que, de (105), para



Se admitimos que as orações acima têm a seguinte estrutura profunda aproximada:



verificamos que, em (31) (a), tranquilamente permanece na posição da estrutura profunda. Para gerarmos (31) (b), na qual o advérbio de modo é levado para fora do SV, para a direita de 'Lugar', precisamos aplicar (106) a (107).

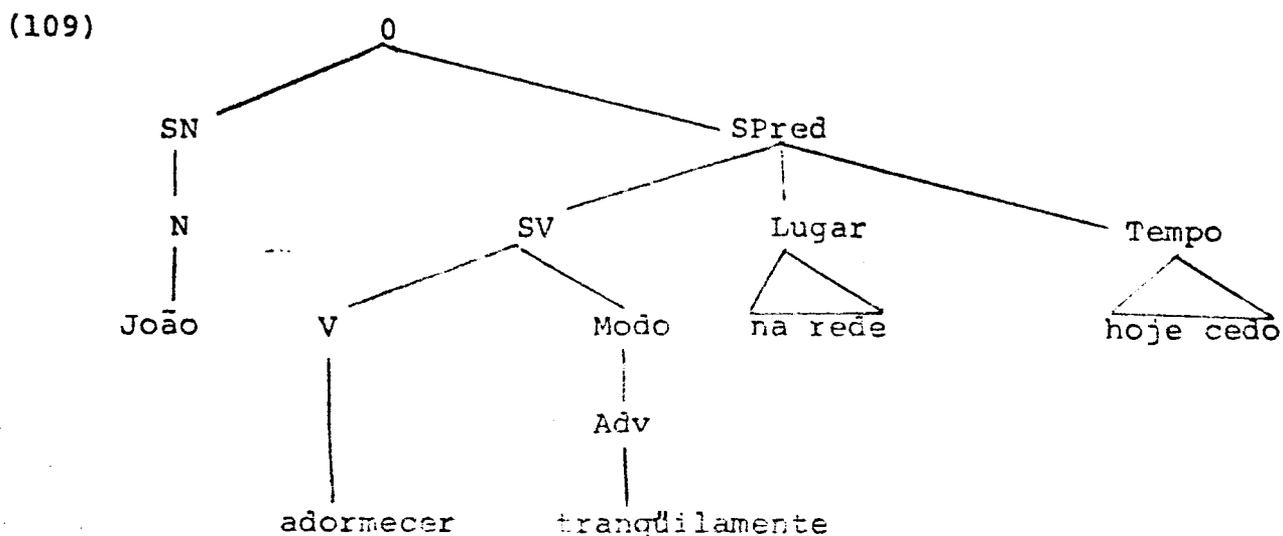
Considerem-se, ainda, os seguintes exemplos:

(108) (a) João adormeceu tranquilamente na rede hoje cedo.

(b) João adormeceu na rede tranquilamente hoje cedo.

(c) João adormeceu na rede hoje cedo tranquilamente.<sup>10</sup>

Vamos supor que a estrutura profunda das orações acima seja, aproximadamente:



De acordo com a teoria adotada, (108)(a) seria a sentença que apresenta o advérbio de modo na posição em que foi gerado. Em (108)(b), tranquilamente teria sido transportado para fora do SV, para logo após 'Lugar', enquanto (108)(c) exemplificaria 'Modo' sendo levado para depois de 'Tempo', ficando no final da sentença. Estas duas últimas orações seriam derivadas de (109), através da aplicação de (106) a esta estrutura.

Constatamos, portanto, que, seguindo Chomsky (1965), parece ser realmente necessário incluir (106) na gramática do português, se quisermos dar conta dos fatos descritos nesta sub-seção.

Resumindo, pois, tudo o que vimos até o momento, concluímos: se

(100)  $VP \rightarrow V(NP) \text{ (Prep-Phrase) (Prep-Phrase) (Manner)}$ .

é a regra que introduz o advérbio de modo na estrutura profunda, para descrevermos adequadamente as várias posições superficiais deste elemento, em português, precisamos de duas regras transformacionais:

(110)(a) 'T-Modo - nº 1' — regra (104) — que movimenta o advérbio dentro do SV, da direita para a esquerda.

(b) 'T-Modo - nº 2' — regra (106) — que movimenta o advérbio para fora do SV, da esquerda para a direita.

## 2.2- Uma hipótese alternativa

A seguir, vamos admitir que o advérbio de modo tem uma origem diferente daquela proposta por Chomsky (1965), procurando verificar as conseqüências desta hipótese para a gramática portuguesa.

### 2.2.1- O Advérbio de Modo em orações simples

Suponhamos que o advérbio de modo seja gerado, nas regras de base do português, na posição indicada pela seguinte regra:<sup>11</sup>

(111)  $SV \rightarrow V \text{ (Modo) ...}$

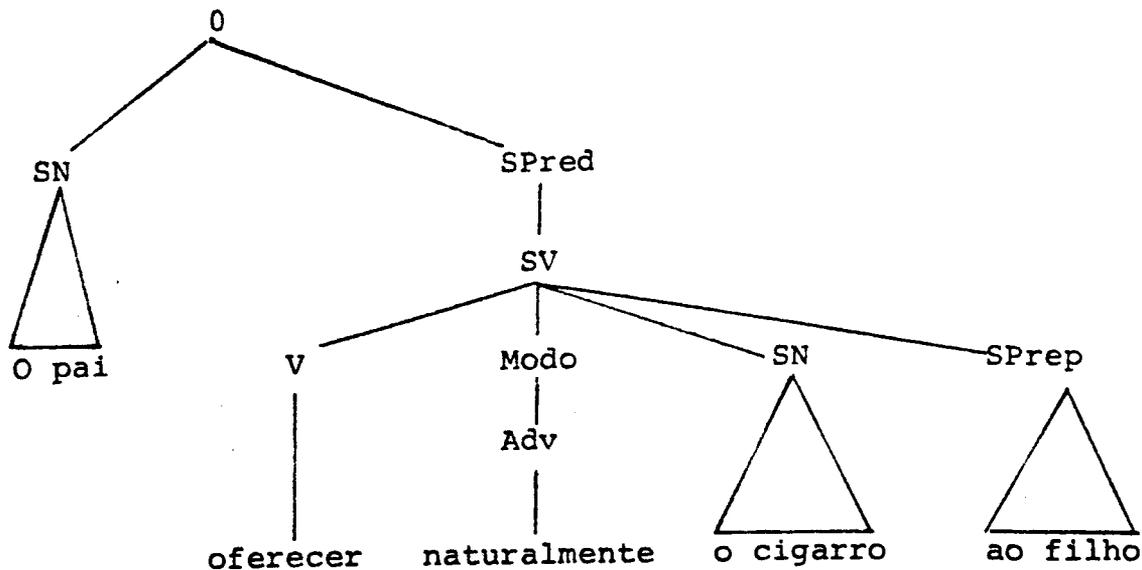
Segundo Chomsky, como já vimos, 'Modo' é introduzido no final do SV, logo após os dois SPrep's. Em (111), o advérbio que estamos analisando aparece logo após o verbo.

Admitindo-se, pois, que (111) seja a regra que descreve a posição de 'Modo', nas estruturas profundas, vejamos como ficariam as sentenças abaixo:

- (77) (a) O pai ofereceu naturalmente o cigarro ao filho.  
 (b) O pai ofereceu o cigarro naturalmente ao filho.  
 (c) O pai ofereceu o cigarro ao filho naturalmente.

De acordo com a nova hipótese, (77) (a) seria a oração em que naturalmente não foi movido de seu lugar de origem. Observe-se:

(112)



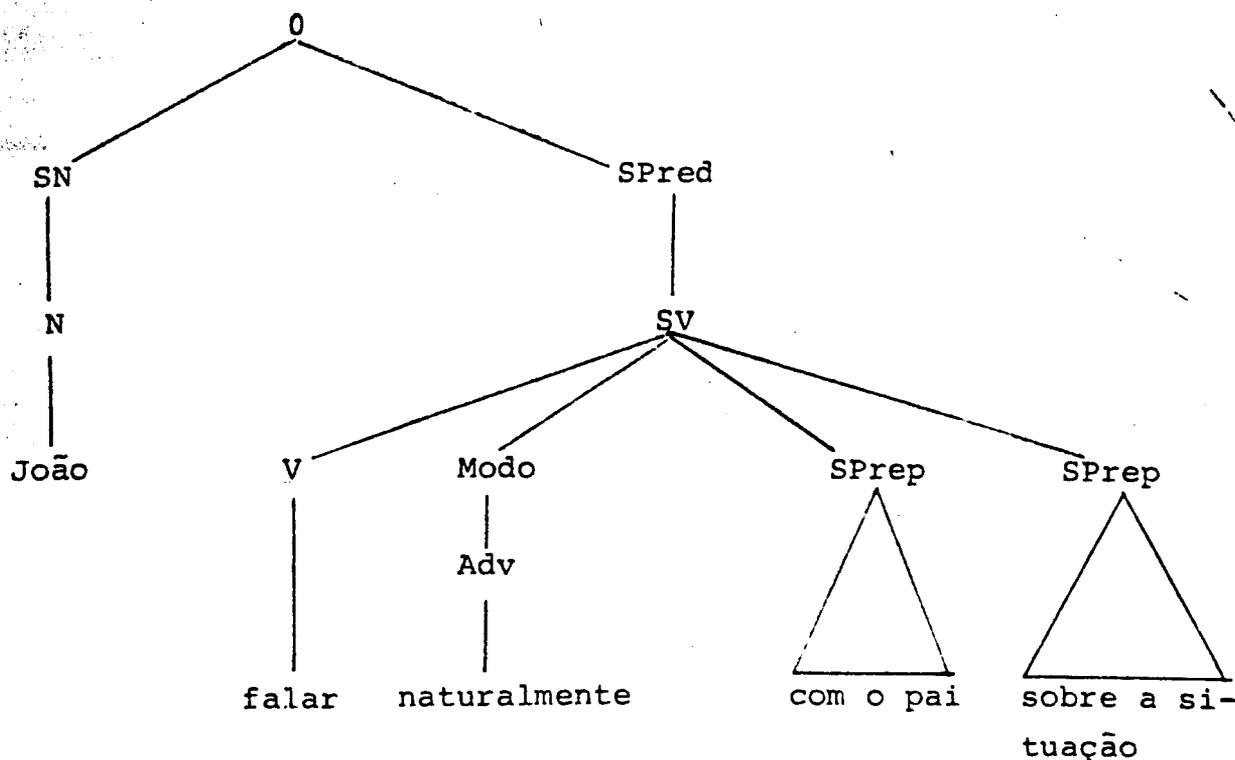
(77) (b) e (c) seriam derivadas de (112), pela aplicação de uma regra que transporta 'Modo' para a 'direita', levando-o, respectivamente, para logo após o SN objeto e para depois do SPrep, no final da sentença.

Considerem-se, ainda, os seguintes exemplos:

- (95) (a) João falou naturalmente com o pai sobre a situação.  
 (b) João falou com o pai naturalmente sobre a situação.  
 (c) João falou com o pai sobre a situação naturalmente.

Se (111) é a regra de base que introduz 'Modo' em português, as orações em (95) teriam a seguinte estrutura profunda aproximada:

(113)



De (113), geramos (95) (b) e (c) através de uma regra que move o advérbio para a direita, colocando-o, respectivamente, ou logo após o primeiro SPrep ou no final da oração. Veja-se que, em (95) (a), naturalmente permanece na posição da estrutura subjacente.

Parece-nos, portanto, que, adotando (111) como a regra que descreve a posição dos 'advérbios de modo', em estruturas profundas do português, para dar conta das suas várias colocações, nas orações até aqui discutidas, a seguinte regra deveria ser postulada:

(114) Transporte de Modo - (T -Modo)  
(versão inicial)

X    V    M    Y

1    2    3    4

⇒ opcional

1    2    ∅    4+3

Condição: (1) Y é uma seqüência de constituintes principais.

Com a regra acima, conseguiremos gerar as sentenças gramaticais examinadas nesta seção. Assim, por exemplo, para se obter:

(95) (b) João falou com o pai naturalmente sobre a situação.

devemos aplicar (114) a (113). Neste caso, a variável 'Y' de (114)

seria o SPrep 'com o pai'. Se, por outro lado, considerarmos que a variável representa os dois SPrep's de (113) — 'com o pai sobre a situação' —, aplicando-se (114) a esta estrutura profunda, obteremos:

(95) (c) João falou com o pai sobre a situação naturalmente.

Deste modo, (114) explicaria também orações como:

(21) (a) João modificou completamente o horário.

(b) João modificou o horário completamente.

(21) (b) seria derivada da estrutura subjacente a (21) (a), através de 'T-Modo'.

O fato de (114) ser uma regra opcional explica porque temos sentenças como:

(21) (a) João modificou completamente o horário.

(77) (a) O pai ofereceu naturalmente o cigarro ao filho.

(95) (a) João falou naturalmente com o pai sobre a situação.

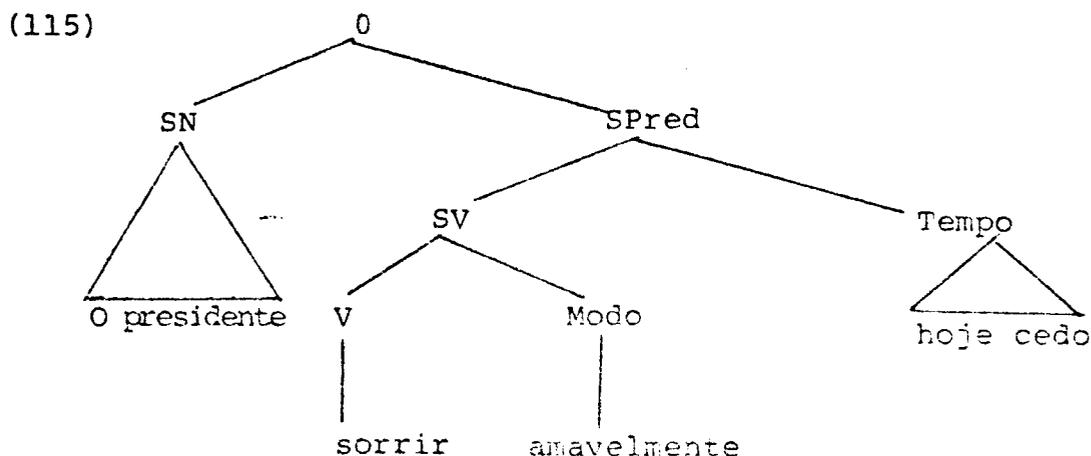
nas quais os advérbios grifados acham-se na sua posição de origem.

Os exemplos discutidos nesta seção, até agora, não ilustraram a co-ocorrência de 'Modo' com outros advérbios. Vejamos, a seguir, se (114) continua sendo adequada para descrever o comportamento sintático dos advérbios de modo, considerando-se os seguintes dados:

(30) (a) O presidente sorriu amavelmente hoje cedo.

(b) O presidente sorriu hoje cedo amavelmente.

Como possível estrutura subjacente às sentenças acima, temos:



(30) (a) seria, assim, a oração em que amavelmente permanece na posição da estrutura profunda. Em (30) (b), o advérbio de modo seria transportado para fora do SV, para a direita de 'Tempo'. Note-se que a regra (114) dá conta deste fato, prevendo que 'Modo' movimenta-se para a direita. Além disto, a condição imposta a 'T-Modo' apenas estabelece que 'Y' seja uma seqüência de constituintes principais. Em (115), 'Tempo' é um constituinte principal. Por isso, a condição prevista pela regra é satisfeita, e o movimento de 'Modo' é possível. Daí a gramaticalidade de (30) (b).

Também quando 'Modo' co-ocorre com 'Lugar', além de 'Tempo', como em:

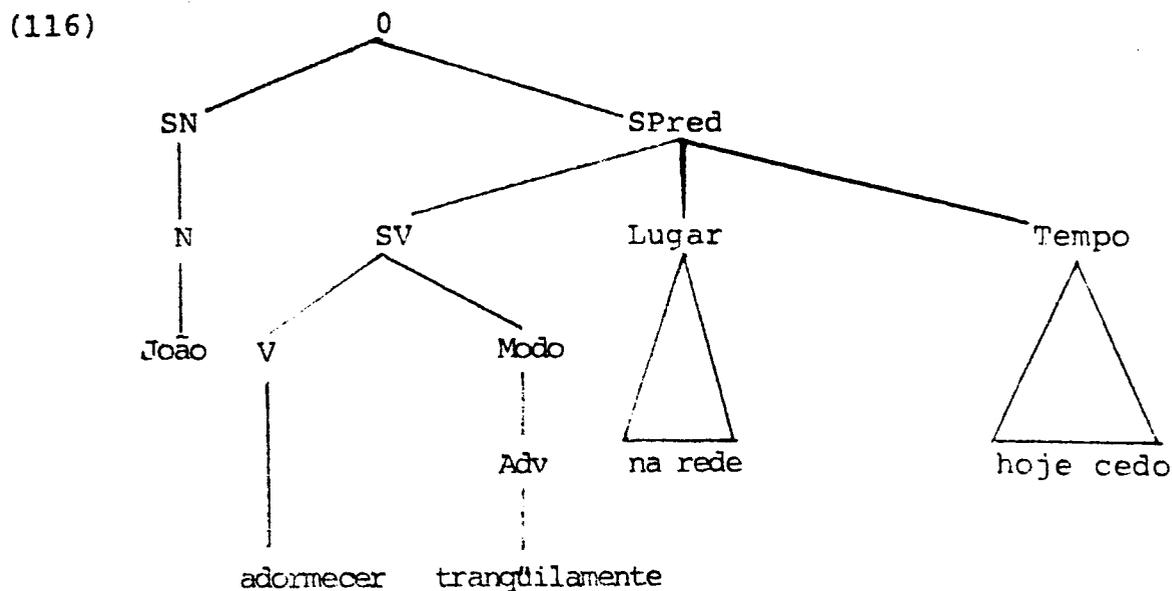
(108) (a) João adormeceu tranqüilamente na rede hoje cedo.

(b) João adormeceu na rede tranqüilamente hoje cedo.

(c) João adormeceu na rede hoje cedo tranqüilamente.

(114) é adequada para explicar os fatos.

De acordo com (111), a estrutura profunda aproximada dos exemplos em (108) seria:



De (116), para se obter (108) (b), 'T-Modo' carrega tranqüilamente para a direita, para fora do SV, para a posição logo depois de 'Lugar'. Já em (108) (c), 'Modo' é levado para o final da oração, para depois de 'Tempo'. Observe-se que (108) (a) apresenta tranqüilamente em sua posição de origem. Isto é possível, como já se viu, porque 'T-Modo' é opcional.

Outros dados, ainda, evidenciam a adequação de (114) para descrever o transporte dos advérbios de modo, em estruturas simples do português. Atente-se, pois, para os exemplos abaixo:



(117) (d), o transporte do advérbio de modo seria feito para a direita de 'Tempo', ficando impetuosamente no final da estrutura.

Portanto, da análise dos dados apresentados nesta sub-seção, podemos concluir que, sendo (111) a regra de base que indica a posição do advérbio de modo nas estruturas profundas do português, (114) é adequada para descrever a sua distribuição em orações simples.

Deve-se observar, também, que (111) parece melhor que:

(100) VP → V(NP) (Prep-Phrase) (Prep-Phrase) (Manner)

para introduzir 'Modo' em nossa língua, pois só torna necessária a formulação de uma regra de movimento para este constituinte. Como se viu, adotando-se (111), o transporte do advérbio passa a ter uma direção apenas: da esquerda para a direita. Lembremos que, quando vem à esquerda do verbo, em orações como:

(30) (c) O presidente amavelmente sorriu hoje cedo.

(d) Amavelmente o presidente sorriu hoje cedo.

o advérbio não é de modo, mas de oração.

Por outro lado, se (100) fosse uma regra do português, precisaríamos de duas regras de movimento para justificar a distribuição do advérbio de modo nas estruturas superficiais: 'T-Modo - nº 1' — regra (104), e 'T-Modo - nº 2' — regra (106).

### 2.2.2- O Advérbio de Modo em estruturas complexas

Vejamos, agora, o que acontece quando 'Modo' aparece em sentenças com mais de uma oração<sup>12</sup>. Assim:

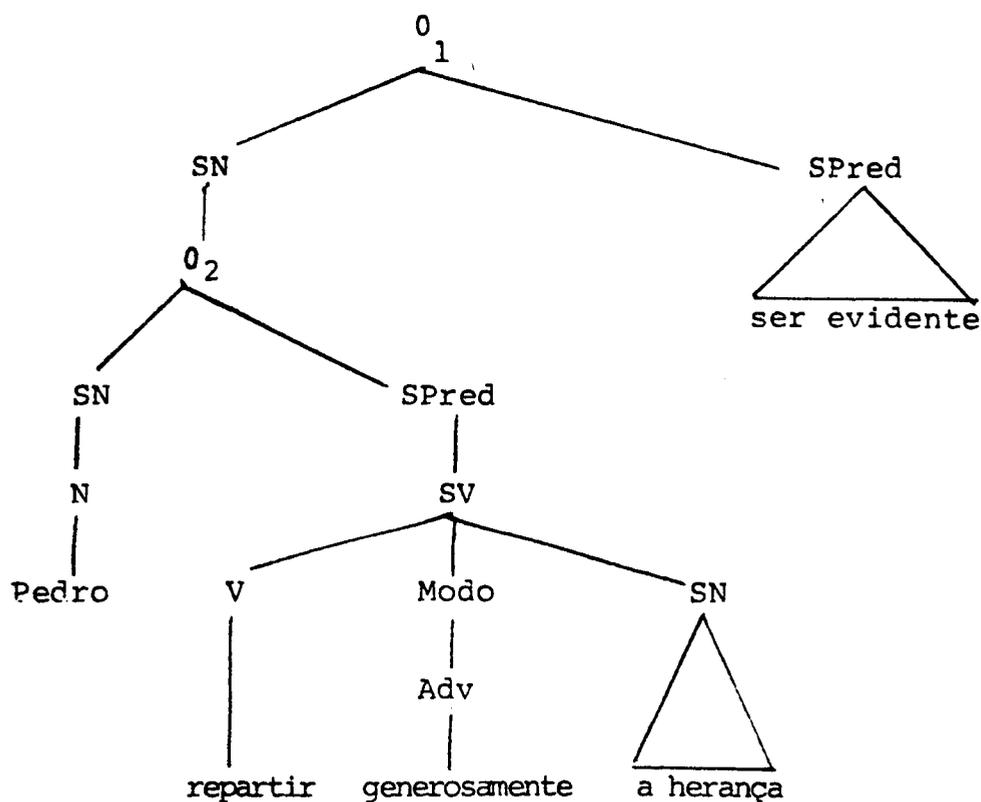
(119) (a) Que Pedro repartiu generosamente a herança é evidente.

(b) Que Pedro repartiu a herança generosamente é evidente.

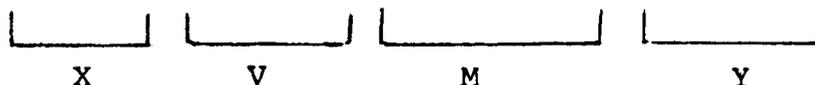
(c) \*Que Pedro repartiu a herança é evidente generosamente.<sup>13</sup>

Vamos admitir que, aproximadamente, a estrutura profunda destas sentenças seja:

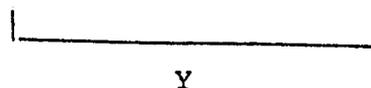
(120)



(119) (b)



(119) (c)



Vemos que, em (119) (a), o advérbio está na posição de origem. Aplicando-se (114) a (120), podemos obter (119) (b), na qual generosamente passa para logo depois do SN. Mas podemos obter também a estrutura gramatical (119) (c), pois (114) especifica, apenas, que 'Modo' é movido para a direita de uma seqüência de constituintes principais, não havendo nenhuma outra restrição para este movimento. Veja-se, novamente :

(114) Transporte de Modo - (T-Modo)

(versão inicial)

X V M Y

1 2 3 4

$\Rightarrow$  opcional  
 1 2  $\emptyset$  4+3

Condição: (1) Y é uma seqüência de constituintes principais.

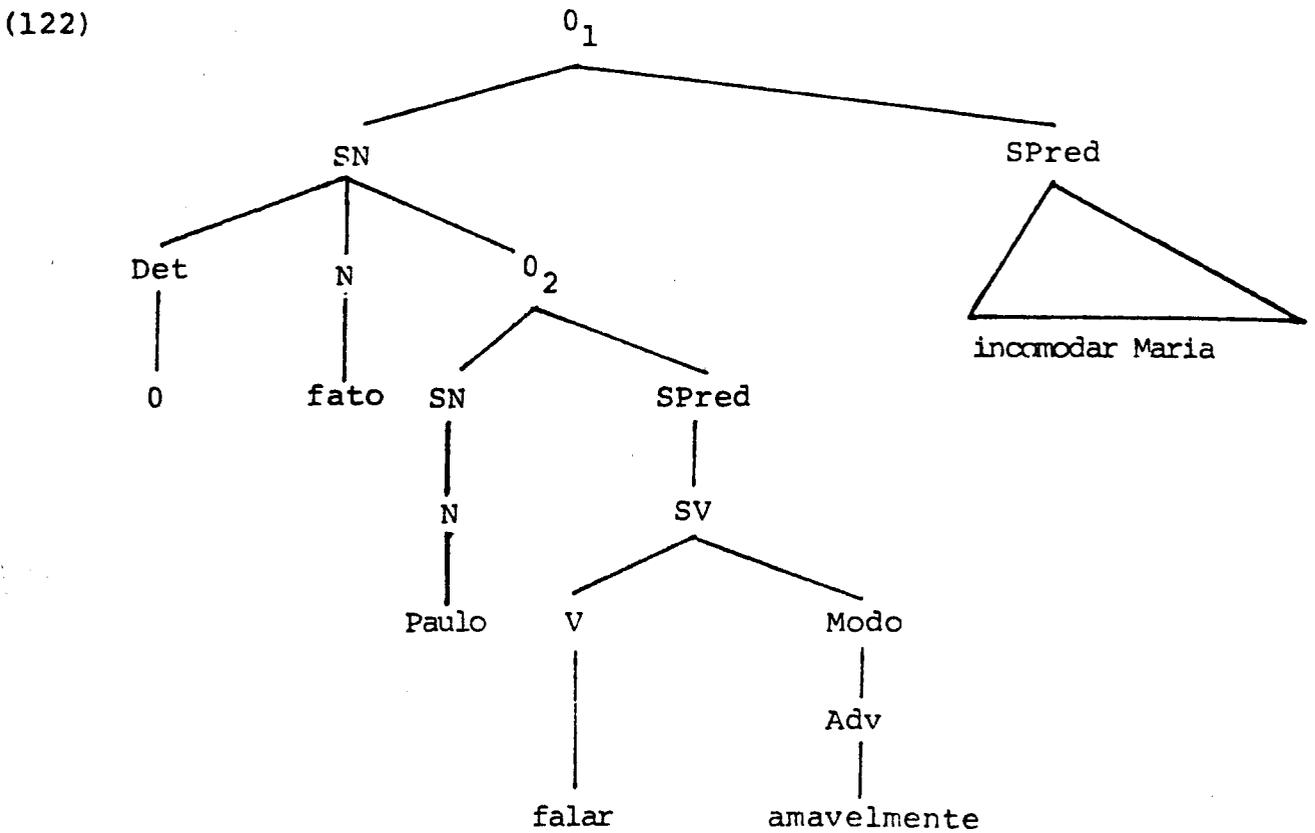
Como, em (120), além do SN — 'a herança' — temos à direita de 'Mo-  
do' também o SPred — 'ser evidente' — , de acordo com (114) nada  
impede que (119)(c) seja gerada.

Um outro fato paralelo a este encontramos também nos exemplos a-  
baixo:

(121) (a) O fato de que Paulo falou amavelmente incomodou Maria.

(b) \*O fato de que Paulo falou incomodou Maria amavelmente.

Vamos supor que a estrutura subjacente a estas orações seja seme-  
lhante a:



Constatamos que, também em (122), não há restrição que impeça o movi-  
mento de 'Modo' para a direita, para depois do SPred 'incomodar Ma-  
ria', gerando-se a sentença agramatical (121)(b).

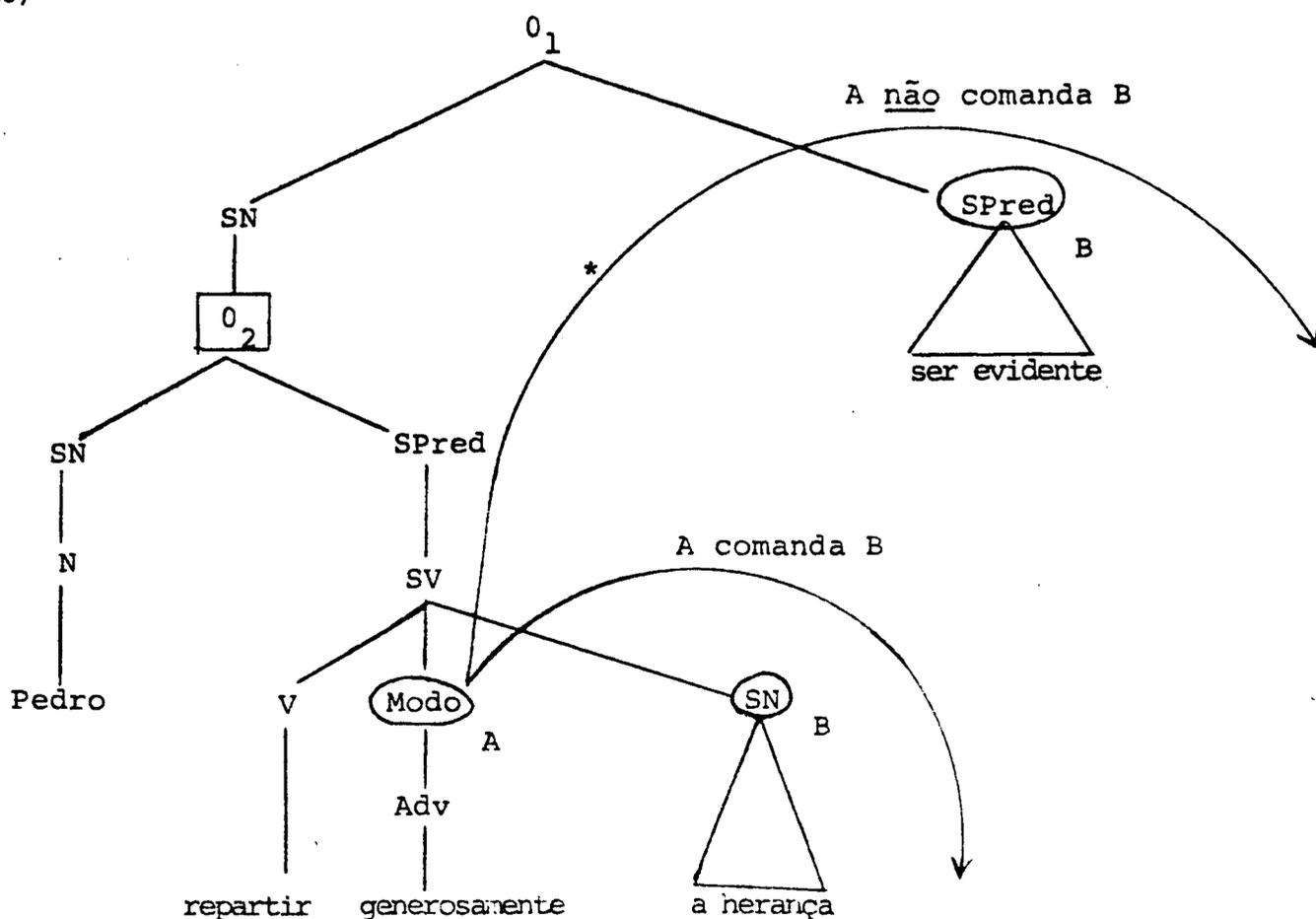
Portanto, precisamos acrescentar a 'T-Modo' uma condição qualquer,  
que não permita a geração de sentenças não-gramaticais como (119)(c)  
e (121)(b) a partir de estruturas como (120) e (122). Observando-se  
os dados atentamente, verifica-se que nos exemplos (119)(c) e (121)(b),  
o advérbio 'subiu' para uma oração mais alta, ou seja, moveu-se para  
a direita, para fora da oração a que pertence. E esta pode ser a expli-  
cação para a agramaticalidade destas sentenças. Veja-se que (119)(a)-(b)  
e (121)(a), nas quais 'Modo' permanece nas orações em que foi gerado,  
são bem formadas.

Assim, para explicar os exemplos (119) (c) e (121) (b), poderíamos admitir que a restrição a ser imposta a (114) tomaria a seguinte forma: 'Modo' não pode ser deslocado para uma oração mais alta do que aquela em que foi gerado.<sup>14</sup> A noção do comando, estabelecida por Langacker (1969), dá conta de impedir este movimento, como veremos. Observe-se como ele a conceitua:

- (123) We will say that a node A "commands" another node B if (1) neither A nor B dominates the other; and (2) the S-node that most immediately dominates A also dominates B.<sup>15</sup>

Exemplifiquemos (123) em um dos indicadores sintagmáticos citados aqui. Assim, atente-se novamente para:

(120)



(b)

X                    V                    M                    Y

(c)

Y

Como uma possibilidade, suponhamos que 'Modo' seja o nódulo A e B seja o SN objeto. Observamos que A comanda B — 'Modo' comanda o 'SN objeto' —, uma vez que um nódulo não domina o outro e o primeiro '0' acima de A —  $O_2$  — também domina B. E veja-se que o movimento do advérbio é permitido, nesta situação:

(119) (b) Que Pedro repartiu a herança generosamente é evidente.

Agora, vamos admitir que A seja novamente 'Modo' e B o SPred de  $O_1$  — 'ser evidente' —. Temos um quadro diferente em mãos: A ('Modo') não comanda B ('SPred de  $O_1$ '), pois, apesar de um nódulo não dominar o outro, o primeiro '0' acima de A —  $O_2$  — não domina B. E será interessante apontar que generosamente não pode ser movido para depois de 'ser evidente', conforme se constata em:

(119) (c) \*Que Pedro repartiu a herança é evidente generosamente.

A mesma situação aplica-se à sentença (121) (b), abaixo:

(121) (b) \*O fato de que Paulo falou incomodou Maria amavelmente.

Ora, a observação dos fatos acima vem-nos sugerir que é possível bloquear sentenças agramaticais como (119) (c) e (121) (b), se modificarmos (114) da seguinte maneira:

(124) T-Modo (1a. modificação)

X	V	M	Y
1	2	3	4

⇒ opcional

1	2	∅	4+3
---	---	---	-----

Condições: (1) Y é uma seqüência de constituintes principais.

(2) 3 comanda 4. 16

Uma vez que, em (120), 'Modo' não comanda o SPred 'ser evidente', para gerarmos (119) (c) violamos a condição (2) de (124), razão por que a sentença é agramatical.<sup>17</sup>

O mesmo ocorre também com (121) (b): sua agramaticalidade confirma a hipótese de que o advérbio de modo não pode ser transportado para uma sentença mais alta. Portanto, a condição (2) de (124) parece dar conta dos fatos analisados nesta sub-seção, até o momento.

É interessante observar, ainda, que ela é equivalente a uma outra restrição, postulada por Ross (1967):<sup>18</sup>

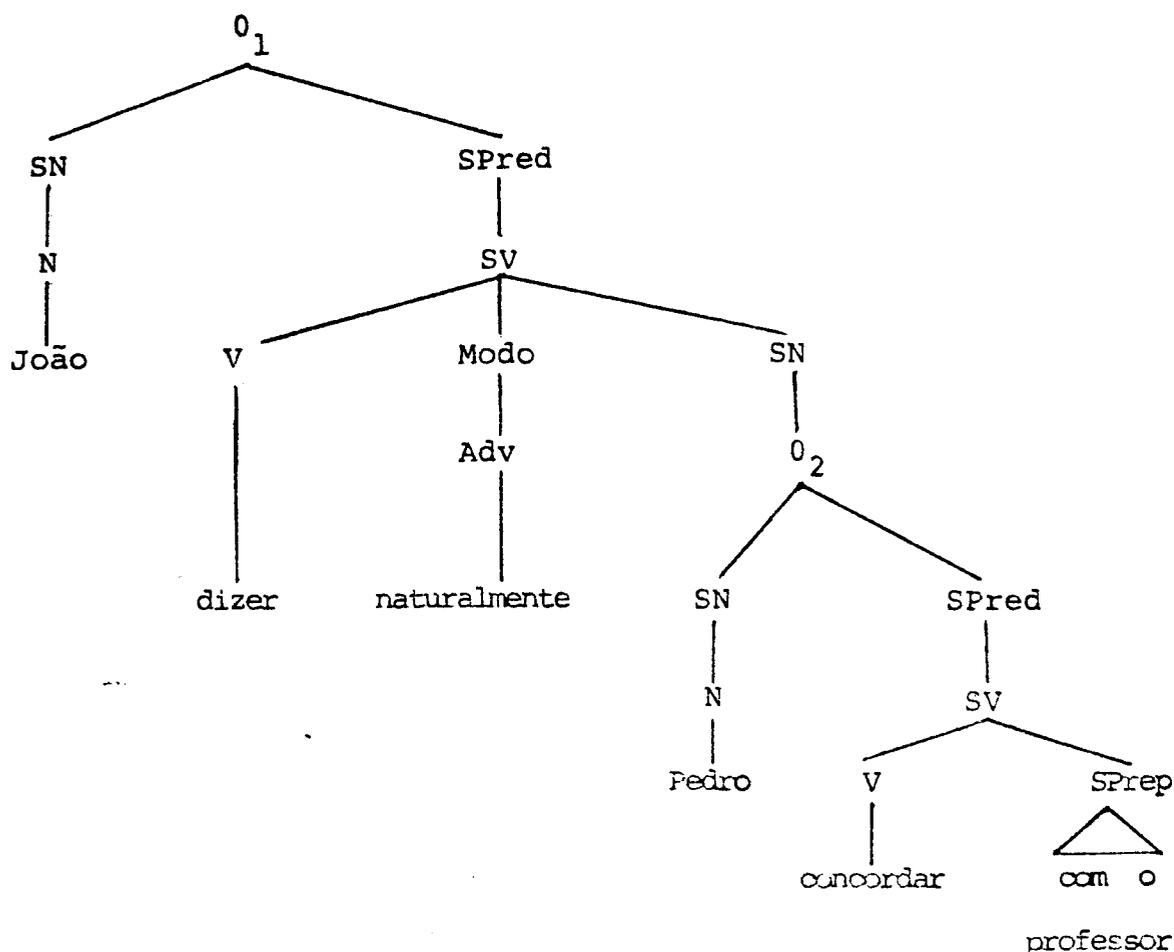
- (125) Any rule whose structural index is of the form ... AV, and whose structural change specifies that A is to be adjoined to the right of V, is upward bounded.

O autor define uma regra como sendo 'limitada por cima', se os elementos movidos por ela não puderem 'subir' para uma oração mais alta do que aquela em que foram gerados.<sup>19</sup>

Os exemplos (119) e (121) são evidências, em português, em favor da conclusão de Ross. (124) — que move advérbios de modo em nossa língua — enquadra-se na classe de regras previstas em (125); por isso é 'limitada por cima'. Já havíamos constatado este fato, ao observarmos a necessidade de se estabelecer a condição (2) de (124). Dizer, em (124), que '3 comanda 4', equivale a dizer que esta regra é 'limitada por cima'. Assim sendo, para dar conta dos exemplos discutidos até agora, a regra 'T-Modo', em português, terá de obedecer a uma restrição específica, que poderá utilizar ou a noção de 'comando' ou a de 'limitada por cima'.

Vejamos, a seguir, novos dados, para confirmar a hipótese levantada. Considere-se:

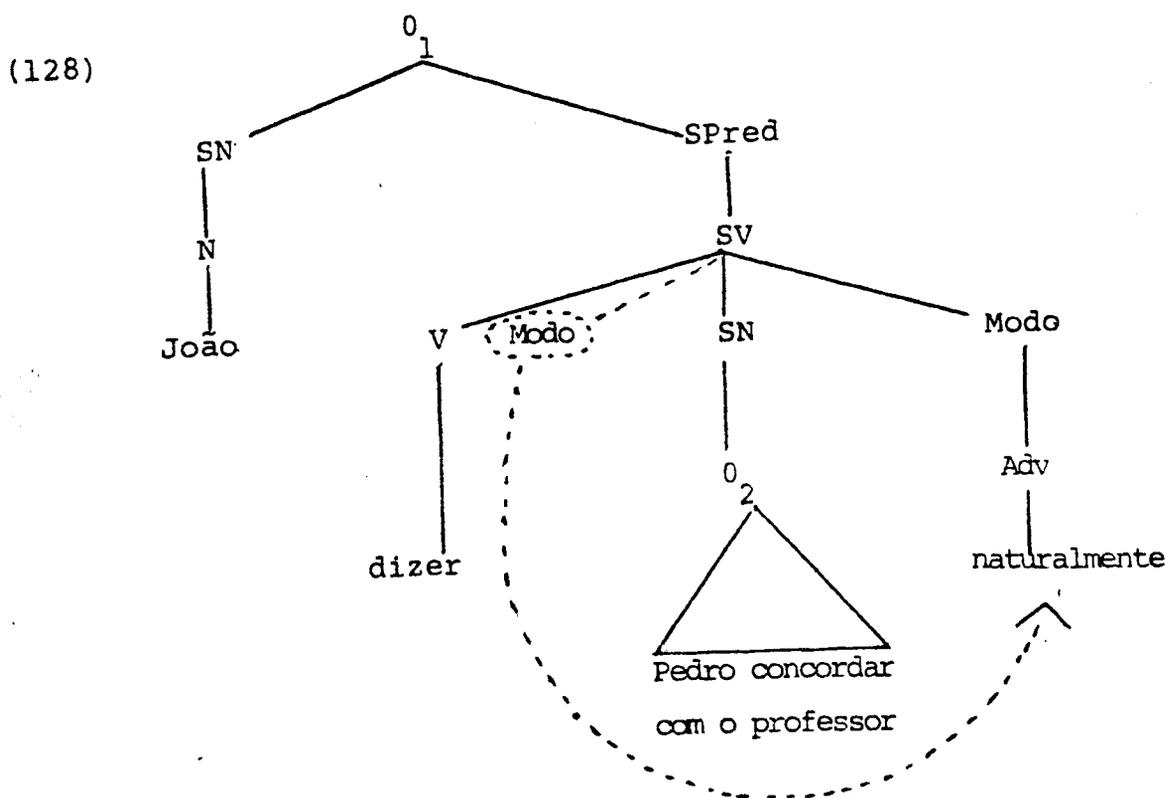
(126)



De (126) podemos obter as orações:

- (127) (a) João disse naturalmente que Pedro concordou com o professor.  
 (b) João disse que Pedro concordou com o professor, naturalmente.

Em (127) (a), naturalmente permanece em sua posição de origem. Já em (127) (b), com a aplicação de 'T-Modo', temos o advérbio deslocado para a direita do SN objeto de 'dizer', ficando no final da estrutura. Observe-se que, nesta oração, 'Modo' vem precedido por uma pausa respiratória. Mas repare-se, também, que ele vem separado do verbo a que se refere — 'dizer' — pela intercalação de uma oração inteira. Logo, a vírgula, neste exemplo, parece ser necessária para indicar que 'Modo' liga-se ao verbo da oração principal, como se vê no diagrama abaixo:



Não aparecendo a pausa antes do advérbio, como em:

- (129) João disse que Pedro concordou com o professor naturalmente.

interpretamos a sentença de uma maneira diferente: naturalmente, aí, modifica o verbo da oração subordinada ('concordar').

Note-se, ainda, que (127) (b) é uma sentença ambígua. Num dos seus sentidos — o que nos interessa aqui — é sinônima de (127) (a),

como vimos. Provém, assim, da aplicação de 'T-Modo' à estrutura subjacente (126). Por outro lado, há quem considere que (127) (b) pode ser sinônima também de:

(130) Naturalmente João disse que Pedro concordou com o professor.

(131) João disse que naturalmente Pedro concordou com o professor.

Com estes sentidos, porém, (127) (b) não será objeto de análise aqui. Repare-se que, nestes casos, seria derivada das estruturas subjacentes a (130) e (131), através de uma regra transformacional que movesse o 'Adv 0' para o final da sentença.

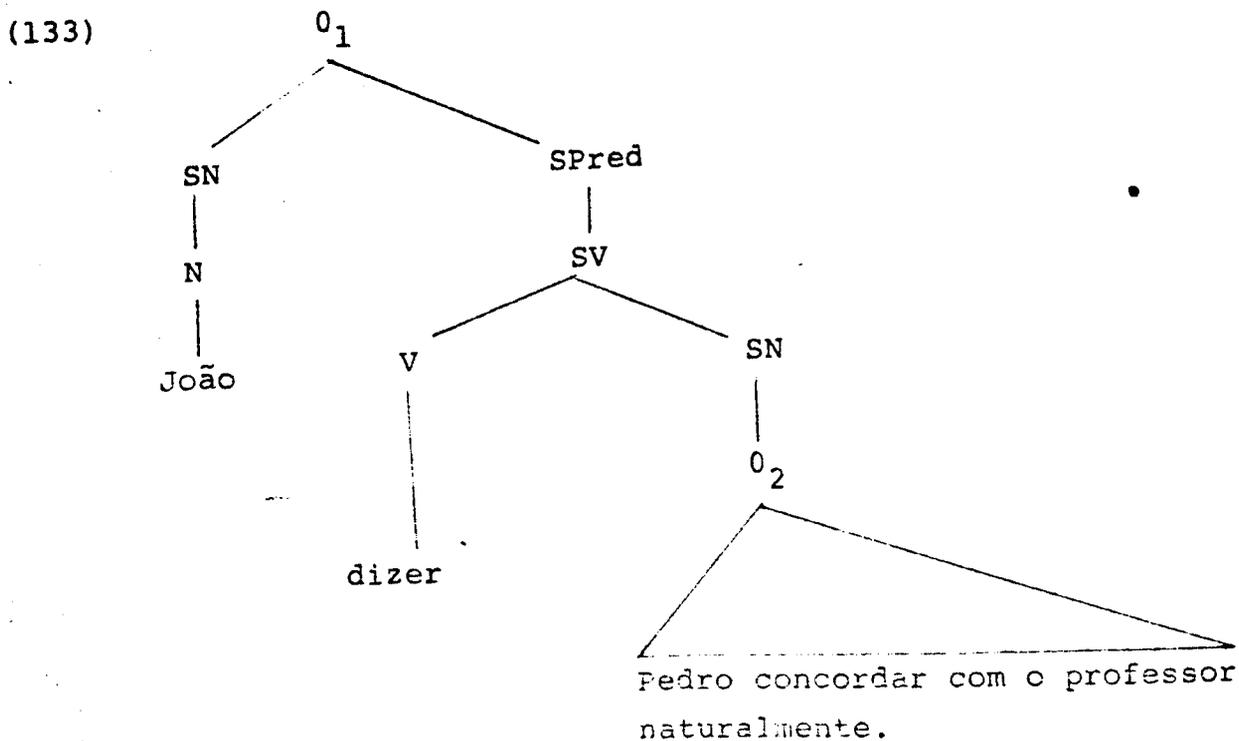
Observe-se ainda que nada impede a aplicação de 'T-Modo' a (126), de modo a que sejam geradas:

(129) João disse que Pedro concordou com o professor naturalmente.

(131) João disse que naturalmente Pedro concordou com o professor.

(132) João disse que Pedro, naturalmente, concordou com o professor.

Em (129), 'Modo' seria transportado para a direita, para dentro da oração subordinada, ficando no final desta, como está representado em:



Em (131) e (132), também, naturalmente seria movido para a direita, para dentro de  $O_2$ , colocando-se, respectivamente, no início desta sentença e logo após seu SN sujeito.

(129), (131) e (132), no entanto, merecem alguns comentários especiais. Em primeiro lugar, observa-se que tais orações não são, na verdade, sinônimas de (127). De acordo com a teoria 'standard', portanto, não podem ter origem em (126). Em (126), o advérbio modifica o verbo de  $O_1$  — 'dizer'. Em (129), como se viu, naturalmente refere-se a 'concordar', o verbo de  $O_2$ . E, em (131)-(132), o advérbio não é 'de modo', mas 'de oração', relacionando-se a toda a oração subordinada. Teriam o sentido, mais ou menos, equivalente a:

(134) João disse que,  $\left\{ \begin{array}{l} \text{sem dúvida alguma} \\ \text{como se era de esperar} \end{array} \right\}$ , Pedro concordou com o professor.

Logo, a estas orações deverão ser atribuídas estruturas profundas especiais, diferentes de (126). E isto leva-nos a concluir que 'T-Modo' precisa ser reformulada, de modo a impedir o movimento do advérbio em casos como estes: de uma oração mais alta para uma oração mais baixa. Se (124) — 'T-Modo' — permanece como está, (129), (131) e (132) podem ser geradas com base em (126), o que deve ser evitado. Portanto, parece ser realmente necessário modificar 'T-Modo', especificando que esta regra é também 'limitada por baixo', para usar uma outra expressão de Ross (1967). Diz ele:

(135) *A rule is upward bounded if it cannot permute constituents into, or change features in, a higher clause, and, correspondingly, a rule would be downward bounded if it could not effect such changes in lower clauses.*<sup>20</sup>

Com referência a sentenças como:

- (119) (a) Que Pedro repartiu generosamente a herança é evidente.  
 (b) Que Pedro repartiu a herança generosamente é evidente.  
 (c) \*Que Pedro repartiu a herança é evidente generosamente.

já havíamos visto que 'T-Modo' é 'limitada por cima', comprovando a hipótese de Ross (1967). Agora, com relação a (127), (129), (131) e (132), vemos que esta regra deve ser também 'limitada por baixo'; isto é: ela não poderá mover 'Modo' para uma sentença mais baixa do que aquela em que tal elemento teve origem. Dizer, portanto, que

uma regra é 'limitada por cima' e 'por baixo' equivale a dizer que seu âmbito de ação restringe-se aos limites de uma oração simples. Uma outra forma de restringir a regra nestes termos pode ser conseguida usando o princípio do comando, como em:

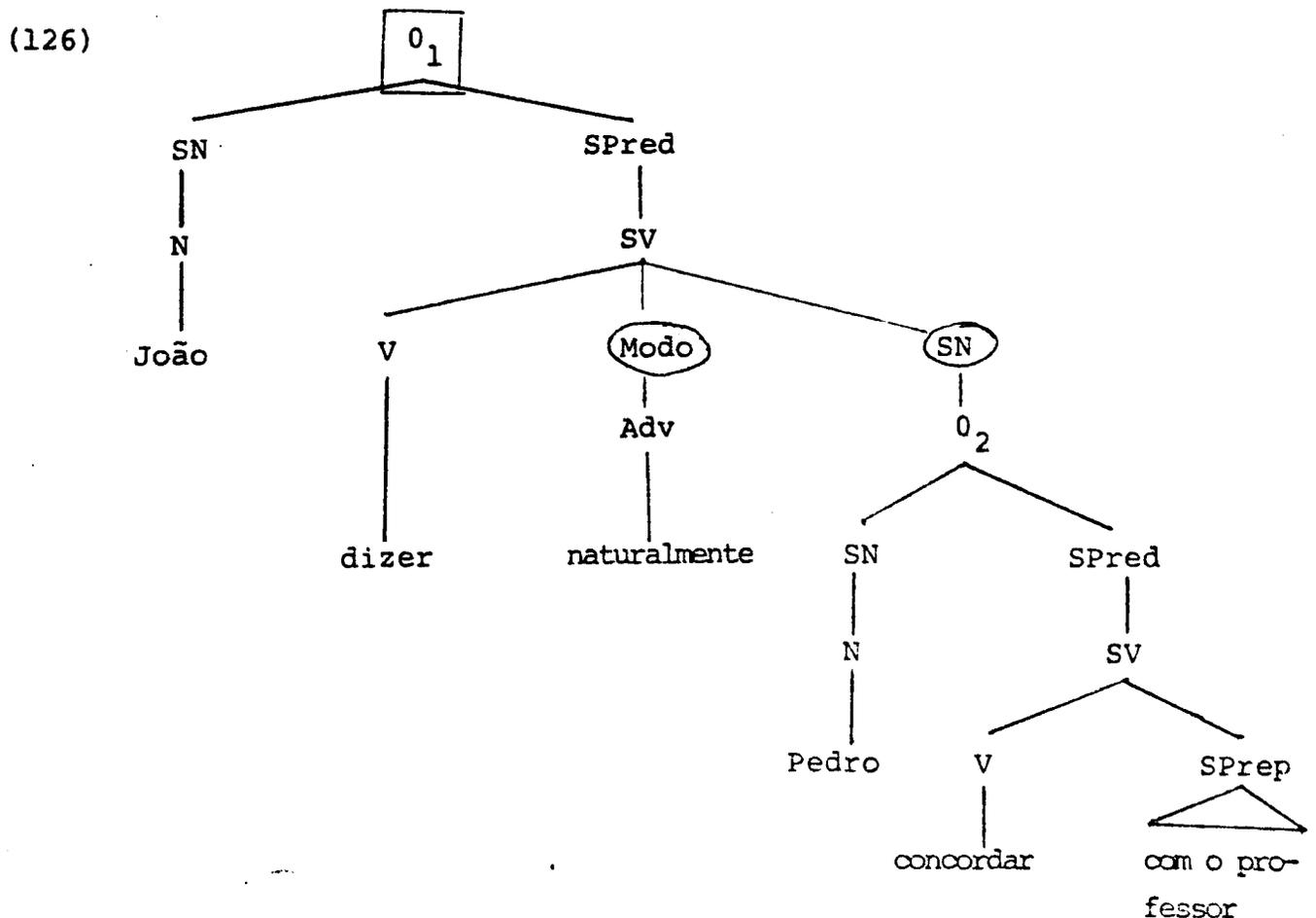
(136) T-Modo (versão final)

X	V	M	Y	
1	2	3	4	
				⇒
				opcional
1	2	∅	4+3	

Condições: (1) Y é uma seqüência de constituintes principais.

(2) Os termos 3 e 4 comandam-se mutuamente.

Vejamos, novamente, a estrutura (126), para ilustrar a condição (2) de (136):



Recordemos que A comanda B, quando nenhum dos nódulos domina o outro, e quando o primeiro nódulo 0 logo acima de A também domina B. Por conseguinte, A e B comandam-se mutuamente quando ambos os nódulos estão dentro da mesma oração simples, ou seja, quando o primeiro nódulo 0 acima de A é também o primeiro nódulo 0 acima de B. Sendo assim, em (126), um exemplo de comando mútuo é o existente entre o 'Modo' e o SN objeto — 'Pedro concordar com o professor' —: o primeiro nódulo 0 acima de 'Modo',  $O_1$ , é também o primeiro 0 acima do SN objeto. Portanto, satisfazendo-se a condição do comando mútuo entre o advérbio e o SN, verificamos que aquele pode-se movimentar para depois deste, de acordo com (136). Aliás, esta é a única possibilidade de transporte de naturalmente, em (126), que dará como resultado uma sentença gramatical:

(127) (b) João disse que Pedro concordou com o professor, naturalmente.

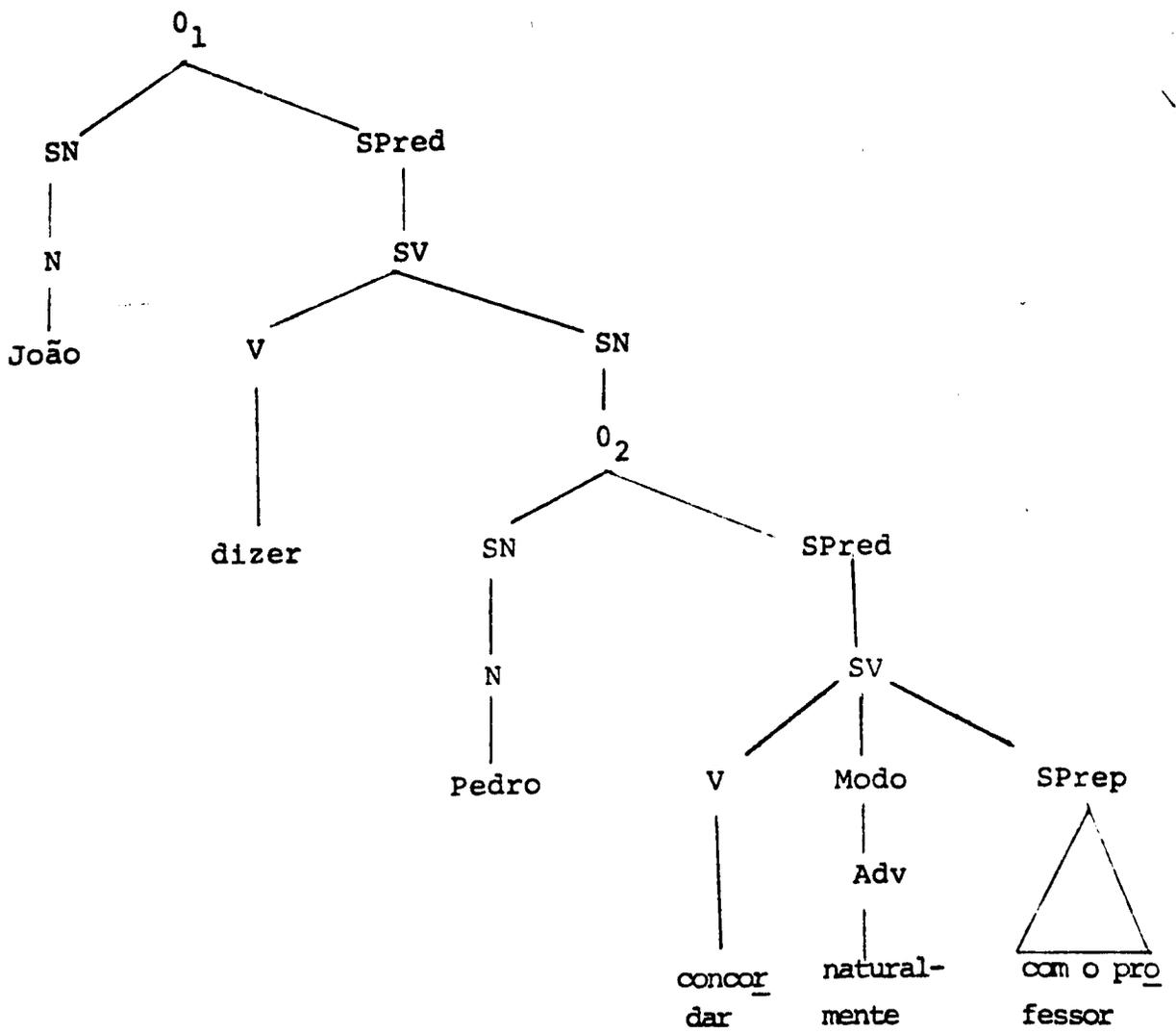
Sentenças como (129), (131) e (132) são gramaticais, mas não têm origem em (126), uma vez que neste caso não se satisfaz à restrição do comando mútuo entre 'Modo' e 'Y', em (136). Assim, por exemplo, em:

(132) João disse que Pedro, naturalmente, concordou com o professor.

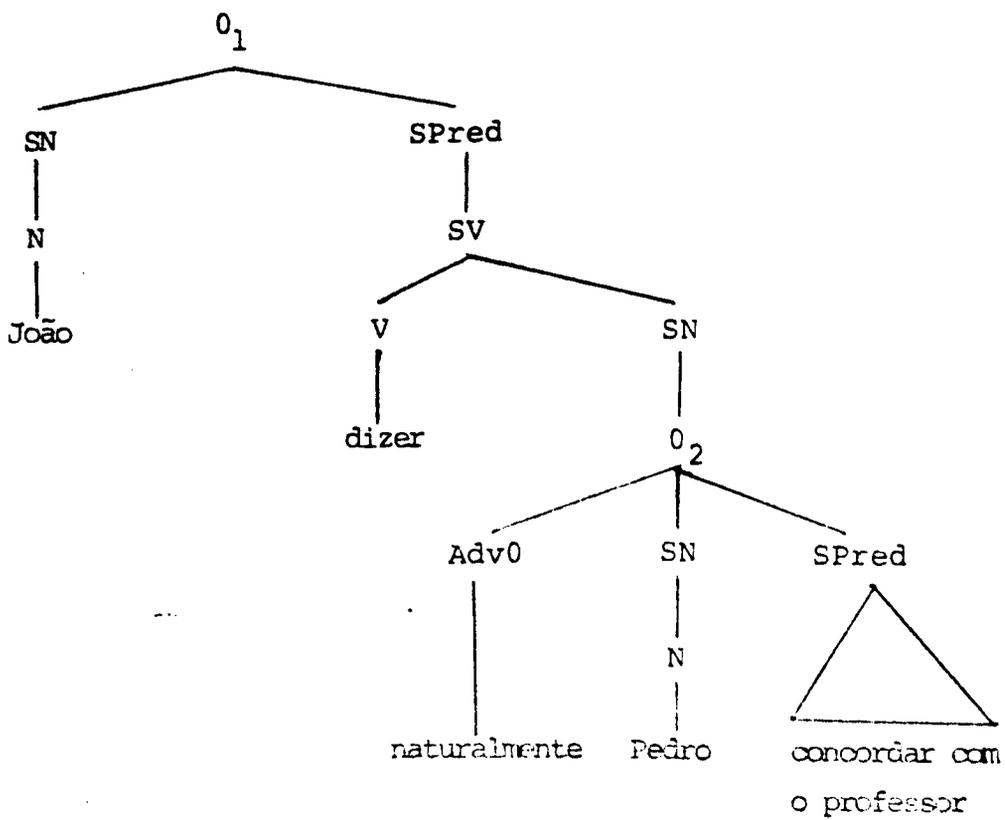
'Y' seria o SN sujeito de  $O_2$ , em (126). O primeiro 0 acima deste elemento, como se vê, é  $O_2$ , e  $O_2$  não domina também o advérbio. Logo, 'Y' não o comanda. E, por isso, naturalmente não pode mover-se para a posição em que se encontra em (132). Portanto, (132) não provém de (126).

Orações como (129) e (131)-(132), cujos sentidos diferem daquele previsto em (126), devem ter estruturas profundas diferentes desta, como já assinalamos. Vamos admitir que elas seriam, respectivamente, (137) e (138), abaixo:

(137)



(138)



(129) seria originada de (137), mediante a aplicação de 'T-Modo' a esta estrutura profunda, uma vez que, aí, a condição do comando mútuo é satisfeita. (131)-(132) seriam derivadas de (138).

Concluindo, pois, na primeira seção deste capítulo verificamos o seguinte: se

(100) VP → V(NP) (Prep-Phrase) (Prep-Phrase) (Manner)

faz parte da gramática do português, precisaremos de duas regras transformacionais de movimento, para descrever adequadamente a distribuição dos advérbios analisados neste trabalho, nas estruturas superficiais da língua: (104), que movimenta 'Modo' dentro do SV, da direita para a esquerda e (106), que o transporta da esquerda para a direita, para fora do SV.

Nesta segunda seção, levantamos uma hipótese diferente da de Chomsky (1965), quanto à possível origem dos advérbios de modo do português. Postulamos que estes advérbios são introduzidos, nas regras de base, na seguinte posição:

(111) SV → V (Modo) ...

Da análise dos fatos apresentados neste capítulo, parece-nos que, realmente, (111) é superior a (100). Se adotamos (111), há necessidade de apenas uma regra de movimento dos advérbios de modo para dar conta da distribuição de tais elementos em estruturas superficiais do português. Esta regra, conforme já se discutiu, é (136):

(136) T-Modo (versão final)

X	V	M	Y
1	2	3	4

1	2	∅	4+3
---	---	---	-----

⇒ opcional

Condições: (1) Y é uma seqüência de constituintes principais.

(2) Os termos 3 e 4 comandam-se mutuamente.

Portanto, aceitando (111) como uma regra do português, a gramática desta língua será mais simples.

Finalmente, há um outro fato interessante a ser destacado com referência aos dados discutidos neste capítulo.<sup>21</sup> Conforme já havíamos observado, parece que os falantes do português preferem as orações em

que 'Modo' vem logo após o verbo, na posição indicada pela regra (111).<sup>22</sup> Considerem-se, novamente, os exemplos:

(127) (a) João disse naturalmente que Pedro concordou com o professor.

(b) João disse que Pedro concordou com o professor, naturalmente.

(95) (a) João falou { naturalmente  
tranqüilamente  
cuidadosamente } com o pai sobre a situação.

(b) João falou com o pai { naturalmente  
tranqüilamente  
cuidadosamente } sobre a situação.

(c) João falou com o pai sobre a situação { naturalmente  
tranqüilamente  
cuidadosamente }

Para muitos falantes, das duas séries acima, as sentenças (127) (a) e (95) (a) são as melhores. Uma possível explicação para este fato, como já se viu, é que parece ser mais fácil interpretar orações, quando os elementos relacionados estão mais próximos uns dos outros, na estrutura superficial. Sendo assim, justifica-se a preferência pelas orações (a), uma vez que, aí, os advérbios de modo seguem imediatamente os verbos a que se referem. Em estruturas como, por exemplo, (127) (b), torna-se mais difícil estabelecer a relação entre o verbo e o 'Modo', porque eles se acham bastante distanciados um do outro. Vimos que, por isso, parece ser necessário emitir esta sentença com uma pausa respiratória, como um recurso para mostrar que naturalmente continua referindo-se a 'dizer'.<sup>23</sup>

Deve-se acrescentar, porém, que estas considerações parecem ser válidas especialmente para sentenças longas, como as de (127) e (95). Em estruturas como:

(89) (a) Maria cumprimentou { naturalmente  
amavelmente  
tranqüilamente  
inteligentemente } sua rival.

(b) Maria cumprimentou sua rival

{ naturalmente  
amavelmente  
tranquilamente  
inteligentemente }

não parece que (a) seja melhor que (b).<sup>24</sup>

## N O T A S

1. CHOMSKY, Noam, op. cit., p.107.
2. Estamos apresentando, em (100), apenas parte da regra que reescreve VP, a parte relevante para este trabalho. Para maiores detalhes, consulte-se a obra citada, p. 107. A tradução de (100) seria:  
(100')  $SV \rightarrow V(SN)(SPrep)(SPrep)(Modo)$ .
3. Para nossos objetivos, o importante, em (100), é a posição do advérbio no SV. Uma discussão a respeito da existência ou não, em português, de dois SPrep's subcategorizando o verbo, como Chomsky (1965) prevê para o inglês — e aparece em (100) — foge a tais objetivos. Além disso, como se verá em 2.2-, qualquer que seja a conclusão a este respeito, a análise dos advérbios de modo não será afetada.
4. Todos os indicadores sintagmáticos apresentados aqui devem ser vistos apenas como uma representação aproximada das estruturas profundas das sentenças discutidas. Levamos em conta somente os detalhes relevantes para o nosso estudo. Assim, por exemplo, todos os nós cujas estruturas não forem importantes para nossa análise serão representados por um triângulo, como se vê no SN objeto de (101). Estamos deixando de lado o elemento Aux, no SPred, pelas mesmas razões.
5. A regra de Transporte de Modo para a esquerda, chamaremos de 'T-Modo - nº 1'. Mais adiante, veremos que há necessidade de uma outra regra: 'T-Modo - nº 2'.
6. Por 'constituíntes principais' — tradução de 'major-constituents' — entendemos nódulos como: SN, SPrep, SAdv, etc. Isto é: 'sintagmas', nódulos que ainda podem ser reescritos, que podem ocorrer à esquerda das setas, nas regras de reescrever. No caso da regra (104), apenas nas SN e SPrep encaixam-se nesta categoria, como 'Y'. Mais adiante, veremos que também outros SAdv's vão aparecer em nossa análise e eles também são 'constituíntes principais'.
7. Para explicar sentenças como as de (30), Maria Beatriz Decat apresenta uma hipótese diferente. A partir das regras de reescrever dadas por Chomsky (1965), ela postula o movimento de advérbios ('de SV' e 'de fora de SV') para a esquerda. Portanto, no exemplo mencio

nado, segundo sua posição, o movimento teria sido do SAdv de Tempo. Se a referida autora tiver razão, então a hipótese apresentada neste estudo deverá sofrer algumas modificações. Entretanto, para decidir entre as duas teorias, teríamos de entrar em detalhes que não são pertinentes para este trabalho, como por exemplo: estudar o movimento dos advérbios de Tempo e Lugar.

Para maiores detalhes sobre as idéias de Ma. Beatriz Decat, consulte-se:

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Movimento de sintagma nominal interrogado em português. Dissertação de mestrado inédita. Belo Horizonte, 1978.

8. Em (106) colocamos os colchetes para indicar os limites do SV e para deixar claro que 'Modo' será movido para fora dele. Uma outra alternativa seria apresentar a regra apenas como abaixo:

T-Modo-nº 2

X	V	Y	Modo	Z
1	2	3	4	5

1	2	3	∅	5+4
---	---	---	---	-----

⇒ opcional

Condição: (1) Z é uma seqüência de constituintes principais.

9. Por constituintes principais, aqui, entendemos 'sintagmas adverbiais' como, por exemplo, os de 'Lugar' e 'Tempo'.
10. As sentenças de (108) poderiam ser enunciadas com pausas, como em:

- (108') (a) João adormeceu tranqüilamente, na rede, hoje cedo.  
 (b) João adormeceu na rede, tranqüilamente, hoje cedo.  
 (c) João adormeceu na rede, hoje cedo, tranqüilamente.

Não nos parece, contudo, que elas sejam uma exigência de 'Modo', assim como ressaltamos também na nota 19 do primeiro capítulo, com referência às sentenças (23) (b) e (c).

11. Em (111), aparece apenas a parte da regra que reescreve o SV, que é relevante para a análise dos advérbios de modo em português. Deve-se observar, ainda, que apresentamos somente a posição de 'Modo', não indicando os outros nódulos que subordinam o verbo. Há dois motivos para isto: em primeiro lugar, não sabemos com certeza se

são possíveis, em português, todas as expansões de SV, como as que Chomsky (1965) prevê para o inglês, e que aparecem em nossa regra (100). Assim, por exemplo, em casos como:

(95) (a) João falou naturalmente com o pai sobre a situação.

admitimos que os dois SPrep's subcategorizam o verbo. Mas já em exemplos do tipo de:

(a) Maria lavou a roupa cuidadosamente para João por cinquenta cruzeiros.

não temos certeza de que todas as categorias apresentadas em (100) ocorrem dentro do SV. Isto é: não sabemos, ao certo, se os dois SPrep's co-ocorrem com o SN, dentro do SV, no exemplo dado. Antes, parece-nos que, na verdade, pelo menos um dos SPrep's — 'por cinquenta cruzeiros' — deve ser gerado fora do SV.

Chomsky cita um exemplo do inglês, em que as três categorias — SN  $\cap$  SPrep  $\cap$  SPrep — aparecem subcategorizando o verbo:

(b) trade the bicycle to John for a tennis racket.

(Cf. CHOMSKY, Noam, op. cit., p. 96.)

Uma oração próxima a esta, em português, seria, por exemplo:

(c) João trocou rapidamente a bicicleta pelo carro com Carlinhos.

Mas ainda aqui fica-nos a dúvida: será que os dois SPrep's realmente aparecem junto com o 'Modo' e o SN, dentro do SV?

De qualquer forma, a discussão a respeito da existência ou não de dois SPrep's dominados por SV, seguindo SN, em português, foge aos nossos objetivos, uma vez que não altera as conclusões a que chegaremos, com relação aos advérbios de modo. E aqui está o segundo motivo para não colocarmos o SN e os SPrep's em (111), deixando a reticência em seu lugar. Ela indica que não importa, para a análise de 'Modo', que outros elementos venham depois dele.

12. Só vamos investigar, aqui, o comportamento de 'Modo' em estruturas complexas com orações subordinadas. Não vamos examinar exemplos com coordenadas, uma vez que teríamos de investigar em detalhes fenômenos não diretamente relacionados com o tópico central deste estudo.

13. Observe-se que as sentenças:

- (119') (a) É evidente que Pedro repartiu generosamente a herança.  
 (b) É evidente que Pedro repartiu a herança generosamente.

são melhores que (119) (a) e (b). Entretanto, não trabalhamos com elas porque não servem de argumento para a discussão que se segue.

14. Mais adiante veremos que só esta restrição não é suficiente para explicar o movimento de 'Modo' em português. Para casos como (119) (c) e (121) (b), porém, basta esta condição.

15. Cf. LANGACKER, Ronald W. On Pronominalization and the Chain of Command. In: REIBEL, David A. & SCHANE, Sanford A eds. Modern Studies in English. Englewood Cliffs, N.J., Prentice-Hall, 1969. p. 167.

A numeração do trecho citado é nossa. Uma possível tradução seria:

"Diremos que um nóculo A "comanda" um outro nóculo B se (1) nem A nem B dominam um ao outro; e (2) o nóculo 0 que mais imediatamente domina A também domina B."

16. A condição de comando necessária para 'T-Modo', aqui postulada, também deverá ser imposta às duas regras de Transporte de Modo, formuladas na seção anterior, seguindo a regra de reescrever (100), proposta por Chomsky para o inglês.

17. Observe-se que, em (119) (c), 3 ('Modo') não comanda 4, porque 4 consiste em: 'a herança' + 'ser evidente'. Apesar de 3 comandar 'a herança', 3 não comanda 'ser evidente'. E, por causa disso, o movimento do advérbio é bloqueado.

18. Cf. ROSS, John Robert. Constraints on Variables in Syntax. Dissertação doutoral inédita, M.I.T., 1967, p. 166.

A numeração desta restrição de Ross é nossa. Em seu trabalho ela recebe o número (5.58). Segue-se sua tradução:

"Qualquer regra cuja descrição estrutural tem a forma ... AY, e cuja mudança estrutural especifica que A deve ser colocado à direita de Y, é limitada por cima".

19. Ibidem, p. 162 .

20. Ibidem, p. 182.

Segue-se a tradução:

"Uma regra é limitada por cima se ela não pode trocar constituintes, ou mudar traços, em uma oração mais alta, e, do mesmo modo, uma regra é limitada por baixo se ela não pode efetuar tais mudanças em orações mais baixas".

21. Gostaríamos de deixar claro que as observações que se seguem são apenas fatos interessantes que notamos a respeito das sentenças (127) e (95). Não estamos usando estes fatos como evidência , ou argumento, em favor de nossa hipótese.

22. Vejam-se os comentários a respeito das sentenças (97) (a)-(d), à p. 41 .

23. Veja-se, novamente, cit. nota 46 , à página 51. .

24. Terminando este capítulo, deve-se salientar que, para se ter certeza de que (136) realmente funciona, em português, outros pontos ainda precisariam ser investigados, em relação a esta regra. Assim, por exemplo, o ciclo, as condições sobre as transformações discutidas por Chomsky, etc.

### 3- Outras Considerações sobre os Advérbios de Modo em Português

Da análise dos fatos apresentados anteriormente, chegamos à conclusão de que os advérbios de modo em português seriam introduzidos pela seguinte regra de base:

(111)  $SV \rightarrow V(\text{Modo}) \dots$

Para se justificar as outras possibilidades de colocação destes elementos, nas estruturas superficiais da língua, postulamos uma regra de transporte, 'T-Modo', que os movimentaria para a direita:

(136) T-Modo (versão final)

X	V	M	Y	
1	2	3	4	
				⇒ opcional
1	2	∅	4+3	

Condições: (1) Y é uma seqüência de constituintes principais.  
 (2) Os termos 3 e 4 comandam-se mutuamente.

Neste capítulo vamos discutir mais alguns dados, para os quais parece que as conclusões anteriores nem sempre são totalmente válidas. Contudo, não pretendemos resolver os problemas que surgirem.

#### 3.1- 'Depressa' e 'Devagar'

Nesta seção, vamos examinar sentenças com depressa e devagar, verificando se seu comportamento segue o padrão dos advérbios de modo em '-mente'. Portanto, considerem-se os seguintes exemplos:

(139) (a) João tomou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  o mingau de maizena.

(b) João tomou o mingau de maizena  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  .

(c) João { depressa } tomou o mingau de maizena.  
                   { devagar }

(d) { Depressa } João tomou o mingau de maizena.  
                   { Devagar }

Assim como acontece com os advérbios da classe de naturalmente, depressa e devagar também podem ocorrer antes do verbo. Mas, então, mudam o significado que têm quando se colocam pospostos a ele. Observe-se que, em (139) (a)-(b), estes elementos referem-se ao verbo 'tomou', acrescentando-lhe a noção de 'modo'. Possíveis sinônimos para eles seriam, respectivamente, rapidamente e vaçosamente. Já em (139) (c)-(d), parece que os elementos grifados passam a se referir a toda a estrutura. Depressa teria o sentido aproximado de logo, imediatamente, etc, enquanto devagar significaria aos poucos, pouco a pouco, etc. Assim, em (139) (a)-(b), estes vocábulos seriam classificados como 'advérbios de modo', enquanto que, em (139) (c)-(d), teríamos 'advérbios de oração'. Note-se ainda que, neste caso, seriam do tipo 'orientado para o falante', segundo a denominação de Jackendoff<sup>1</sup>.

Analiseemos outros exemplos, para ver se estas considerações se mantêm:

(140) (a) João relatou { depressa } o crime à polícia.  
   { devagar }

(b) João relatou o crime { depressa } à polícia.  
   { devagar }

(c) João relatou o crime à polícia { depressa } .  
   { devagar }

(d) João { depressa } relatou o crime à polícia.  
                   { devagar }

(e) { Depressa } João relatou o crime à polícia.  
                   { Devagar }

Também em (140), os fatos discutidos com referência a (139) podem ser observados. Verificamos que os advérbios de (a)-(c) têm uma aceção diferente de (d)-(e). Naquelas estruturas são modificadores verbais, nestas, modificadores da sentença toda. Portanto, conforme já se salientou muitas vezes, a mudança de significado é um indício de que se trata de elementos diversos, que deverão ser introduzidos por regras de base diferentes. Em (140) (a)-(c) depressa e devagar são

'advérbios de modo' e em (140) (d)-(e), 'advérbios de oração'.

Atente-se, ainda, para:

(141) (a) O professor andou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  em direção à porta.

(b) O professor andou em direção à porta  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  .

(c) O professor  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  andou em direção à porta.

(d)  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{Depressa}} \\ \underline{\text{Devagar}} \end{array} \right\}$  o professor andou em direção à porta.

Em (141), o verbo vem acompanhado de um SPrep: 'em direção à porta'. Entretanto, com relação aos advérbios, não há mudança em sua distribuição. Em (a)-(b) referem-se a 'andou', acrescentando-lhe a noção de 'modo'. Em (c)-(d), referem-se a todo o fato expresso pela sentença.

Parece, pois, que os elementos em questão comportam-se realmente como os advérbios da classe de naturalmente. Enquanto advérbios de modo, só ocorrem após os verbos, seguindo o padrão geral destes itens. Logo, nesta posição, colocam-se com liberdade, conforme se constata em (a)-(b) de (139) e (141), e em (a)-(c) de (140). Antes do verbo, porém, não são advérbios de modo, mas de oração.

Vejamos, a seguir, se os outros argumentos utilizados antes, para distinguir as duas classes a que pertencem palavras como naturalmente, são válidos também para os vocábulos que estamos analisando.<sup>2</sup> Considerem-se, por exemplo, as sentenças de (139). Note-se que, em (139) (a)-(b), depressa e devagar ocorrem após o verbo, sem a presença de pausa respiratória, apresentando, pois, uma das características de 'Modo', já enfatizada.<sup>3</sup> Se as pausas aparecessem, como em:

(142) (a) João tomou,  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  , o mingau de maizena.

(b) João tomou o mingau de maizena,  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  .

as palavras grifadas teriam sentidos diferentes, mais próximos aos de (139) (c)-(d).

Outros fatos ainda devem ser lembrados, como:

- (143) (a) João tomou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  o mingau de maizena?
- (b) João tomou o mingau de maizena  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  ?
- (c) \*João  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  tomou o mingau de maizena?
- (d) \*  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{Depressa}} \\ \underline{\text{Devagar}} \end{array} \right\}$  João tomou o mingau de maizena?

Em (143), depressa e devagar aparecem em orações interrogativas diretas. Observamos que somente (143) (a) e (b) são bem formadas, ao passo que (143) (c) e (d) são agramaticais. Como já se viu, esta diferença de comportamento caracteriza, respectivamente, os advérbios de modo e os de oração, em estruturas interrogativas.

Deve-se realçar, também, que (143) (a) e (b) pressupõem a sentença afirmativa correspondente, sem os advérbios:

(144) João tomou o mingau de maizena.

Por isso, conforme já havíamos verificado, parece que, em casos como estes, a pergunta focaliza o 'Modo'. Assim, até o momento, os itens considerados seguem os moldes da classe de naturalmente. Vejamos se o mesmo ocorre nas estruturas:

- (145) (a) João não tomou  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  o mingau de maizena.
- (b) João não tomou o mingau de maizena  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  .
- (c) \*João  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{depressa}} \\ \underline{\text{devagar}} \end{array} \right\}$  não tomou o mingau de maizena.
- (d) \*  $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{Depressa}} \\ \underline{\text{Devagar}} \end{array} \right\}$  João não tomou o mingau de maizena.

(145) (a) e (b), em que os vocábulos grifados classificam-se como 'advérbios de modo', pressupõem também (144), a oração afirmativa correspondente, sem os advérbios. Isto pode-nos sugerir que, em (145) (a) e (b), o 'não' refere-se especificamente a depressa e devagar. Já havíamos observado que este é o padrão de sentenças negati-

vas com 'Modo'<sup>4</sup>.

Porém, com referência a (145) (c) e (d), constatamos que os elementos analisados não seguem o mesmo comportamento dos advérbios de oração, em negativas. Lembre-se que exemplos como:

- (57) (a) O presidente naturalmente não sorriu.  
 (b) Naturalmente o presidente não sorriu.

nos quais o elemento grifado é um 'advérbio de oração' — de acordo com nossa hipótese — são perfeitamente gramaticais. Além disso, como já se realçou, estas estruturas pressupõem:

- (58) O presidente não sorriu.

a sentença negativa correspondente, sem o advérbio.<sup>5</sup> (145) (c) e (d), contudo, são agramaticais, fugindo ao modelo apresentado em (57)-(58). Entretanto, este fato não causa problema para nossa teoria, uma vez que os advérbios que nos interessam são os de modo. E, enquanto advérbios de modo, depressa e devagar têm a mesma distribuição de outros vocábulos desta classe. Portanto, segundo a hipótese adotada, deverão ser gerados na posição indicada por (111). E as outras colocações superficiais possíveis para eles serão previstas pela regra de 'T-Modo'.

Assim, podemos incluir depressa e devagar na mesma classe dos advérbios de modo em -mente.

### 3.2- 'Assim' *seria analítico*

As gramáticas tradicionais do português costumam mencionar o vocábulo assim dentre os advérbios de modo. A seguir, vamos examinar sentenças com este elemento, procurando estudar o seu comportamento sintático em relação ao dos itens discutidos nos capítulos anteriores. Vejam-se, pois, os dados abaixo:

- (146) (a) Mara cantou assim esta música.  
 (b) Mara cantou esta música assim.  
 (c) \*Mara assim cantou esta música.  
 (d) \*Assim Mara cantou esta música.

Em (146), assim comporta-se realmente como advérbio de modo, apresentando a distribuição destes constituintes. Ao seguir o verbo, não

vem precedido por pausa respiratória.<sup>6</sup> Além disso, somente são gramaticais as estruturas (a) e (b), com assim posposto a 'cantou'. (c) e (d), nas quais se dá sua anteposição ao verbo, são agramaticais, como acontece com outros itens que analisamos antes. Comparem-se os exemplos de (146) com:

- (21) (a) João modificou completamente o horário.  
 (b) João modificou o horário completamente.  
 (c) \*João completamente modificou o horário.  
 (d) \*Completamente João modificou o horário.

Portanto, do ponto de vista de suas possibilidades de colocação, o advérbio em (146) é semelhante ao de (21). Analisemos, ainda, outros exemplos, para ver se, em estruturas diferentes, os fatos acima se mantêm:

- (147) (a) Mara declamou assim para João.  
 (b) Mara declamou para João assim.  
 (c) \*Mara assim declamou para João.  
 (d) \*Assim Mara declamou para João.

Também com verbo acompanhado de SPrep, assim só pode ser movido para depois deste elemento, como em (147) (b). O transporte para a esquerda, para antes do verbo, não é possível, como se vê com a agramaticalidade de (147) (c) e (d).

Considerem-se, a seguir, as orações:

- (148) (a) Ela relatou assim o caso à polícia.  
 (b) Ela relatou o caso assim à polícia.  
 (c) Ela relatou o caso à polícia assim.  
 (d) \*Ela assim relatou o caso à polícia.  
 (e) \*Assim ela relatou o caso à polícia.

(148), também, mostra que 'T-Modo' pode ser aplicada à sua estrutura profunda, sem outras restrições especiais. A não gramaticalidade de (148) (d)-(e) evidencia que o vocábulo em questão continua seguindo o mesmo comportamento de outros advérbios de modo, mesmo quando o verbo é acompanhado de SN e SPrep.

Portanto, parece que as séries (146)-(148) permitem-nos concluir que a distribuição de assim é a mesma de advérbios como: completamente, amavelmente, naturalmente, inteiramente, etc., enquanto ocorrem sob 'Modo'.<sup>7</sup>



o sentido da oração muda. Não temos, em (153), um advérbio de modo. Possíveis paráfrases para esta sentença seriam (154) e (155):

(154) Mara cantou, portanto, esta música.

(155)  $\left. \begin{array}{l} \text{Por isso} \\ \text{Logo} \\ \text{Então} \end{array} \right\}$  Mara cantou esta música.

Por conseguinte, em (153) assim não se refere ao verbo, acrescentando-lhe a noção de 'modo'. Estas observações confirmam, novamente, um dado que temos realçado diversas vezes: é característica dos advérbios de modo a não ocorrência de pausa respiratória entre eles e o verbo.

A seguir, atente-se para o fato de que, apesar da semelhança de distribuição entre assim e os demais advérbios de modo, há, todavia, algumas diferenças que precisam ser mencionadas. Ao contrário do que ocorre com os itens discutidos anteriormente, o vocábulo considerado parece exigir uma complementação qualquer, que especifique detalhes a respeito do 'Modo'. Ou seja: ele seria anafórico, significando 'deste jeito', como em (a)-(b) de (146), (147) e (152), e (a)-(c) de (148). Faria, portanto, referência a um outro contexto, já mencionado antes ou que se mencionaria depois. Por exemplo:

(156) (a) Ela relatou o caso à polícia assim: calmamente e sem medo.

Um fato interessante a ser observado com referência a (156) (a) é: ao contrário do que se viu com os outros advérbios de modo, parece que, para muitos falantes, sentenças longas com assim são mais naturais quando este elemento ocorre no final delas. Veja-se que, para estes falantes, (156) (a) é melhor que (156) (b) e (c), abaixo:

(156) (b) Ela relatou assim o caso à polícia: calmamente e sem medo.

(c) Ela relatou o caso assim à polícia: calmamente e sem medo.

Uma possível explicação para este fato talvez fosse aquela, já mencionada antes: parece ser mais fácil interpretar sentenças em que os elementos relacionados acham-se próximos, na estrutura superficial. Neste caso, assim, ocorrendo no final da oração, depois de



(146) (d) \*Assim Mara cantou esta música.

que as torna gramaticais — se o item grifado receber uma interpretação semelhante à de (155). Este caso, porém, não invalida o que afirmamos sobre o comportamento de assim: enquanto advérbio de modo, não pode preceder o verbo. Para que (146) (d) seja bem formada, é necessário dar-se outra interpretação ao vocábulo, diferente da de (146) (a)-(b). Como, seguindo a teoria 'standard', transformações não alteram o sentido da estrutura profunda, (146) (d), com o significado de:

(155) { Por isso } Mara cantou esta música.  
 { Logo }  
 { Então }

não tem advérbio de modo. Assim, nesta sentença, seria uma 'conjunção', de acordo com a nomenclatura de nossas gramáticas tradicionais.

Concluindo: os dados discutidos nesta seção parecem evidenciar que assim, advérbio de modo, pode-se colocar nas mesmas posições em que outros elementos desta classe ocorrem. Seu comportamento é diferente, no entanto, na medida em que parece ser um vocábulo anafórico, exigindo um contexto ao qual se refira. Além disso, parece que nem sempre os julgamentos a respeito da aceitabilidade de sentenças com este item coincidem com os julgamentos a respeito de sentenças com os advérbios de modo em '-mente'.

### 3.3- 'Bem' e 'Mal'

Examinaremos, a seguir, a distribuição dos advérbios bem e mal, para averiguar se as considerações sobre os outros advérbios de modo estendem-se também a estes itens. Vejam-se, pois, os exemplos abaixo:

- (158) (a) Sônia Braga interpretou bem D. Flor.  
 (b) Sônia Braga interpretou D. Flor bem.  
 (c) \*Sônia Braga bem interpretou D. Flor.  
 (d) \*Bem Sônia Braga interpretou D. Flor.

Em (158), o advérbio de modo bem, co-ocorrendo com um verbo acompanhado de SN objeto, pode ser colocado nas mesmas posições previstas para outros vocábulos da mesma classe: logo após o verbo, an-

tes do SN, como em (a), e após o SN objeto, no final da estrutura, como em (b). São agramaticais as orações (c) e (d), nas quais precede 'interpretou'. Comparem-se os dados de (158) com:

- (159) (a) Maria interpretou diferentemente esta personagem.  
 (b) Maria interpretou esta personagem diferentemente.  
 (c) \*Maria diferentemente interpretou esta personagem.  
 (d) \*Diferentemente Maria interpretou esta personagem.

O grupo acima apresenta o advérbio diferentemente, já discutido antes. Veja-se que seu comportamento sintático é semelhante ao de bem: ocorre depois do verbo ou do SN objeto; não pode vir antes de 'interpretar'. Outras sentenças parecem confirmar as observações a respeito de (158):

- (160) (a) O aluno preparou bem a lição.  
 (b) O aluno preparou a lição bem.  
 (c) \*O aluno bem preparou a lição.  
 (d) \*Bem o aluno preparou a lição.

Também em (160), o advérbio não pode ocorrer antes do verbo, como em (c) e (d). Posposto, porém, pode aparecer na posição ilustrada por (a), ou após o objeto 'a lição', como em (b). Deve-se salientar que, de acordo com os falantes consultados, as orações (158) (a) e (160) (a) são indiscutivelmente melhores que (158) (b) e (160) (b). Estas últimas, contudo, não chegam a ser agramaticais, sendo consideradas bem formadas.

Atente-se, agora, para a série abaixo:

AGIR

- (161) (a) A professora (agiu) bem com o aluno.  
 (b) \*A professora agiu com o aluno bem.  
 (c) \*A professora bem agiu com o aluno.  
 (d) \*Bem a professora agiu com o aluno.

Nestas estruturas, o verbo vem acompanhado de um SPrep. Constatamos que só é gramatical a oração (a), na qual o advérbio permanece logo após o verbo, na posição de origem. A agramaticalidade de (161) (c) e (d) não nos causa surpresa, por estar de acordo com a hipótese defendida neste trabalho. Mas (161) (b) vai contra o que até aqui observamos — bem, posposto ao verbo, depois de SPrep, torna a sentença agramatical. E isto causa estranheza, uma vez que esta é uma colocação normal para outros advérbios de modo. Compare-se, por exemplo,

(161)(b) com (162):

(162) Maria sorriu para o aluno alegremente.

A princípio, poderíamos imaginar que a anomalia de (161)(b) deve-se ao verbo — 'agir' — que parece requerer a presença de um advérbio que lhe complete o sentido. Observe-se que não podemos ter uma estrutura como (163), abaixo, na qual 'agir' não vem acompanhado de 'Modo':

(163) \*A professora agiu com o aluno.

*At. que não vem acompanhado de 'Modo'.*

Diríamos, então, que, em (161), bem não seria apenas um "modificador" verbal (cuja presença não é obrigatória), mas um "complemento", indispensável para a compreensão e gramaticalidade da frase. A agramaticalidade de (163) poderia sugerir-nos que 'Modo' é imprescindível para alguns verbos, assim como SN e/ou SPrep o são para outros. Ou seja: alguns verbos exigiriam 'Modo' como complemento, seriam subcategorizados no léxico como [—Modo]. Veja-se que, assim como (163), também (164) é agramatical:

(164) \*Ele procedeu naquela reunião.

'Proceder' seria, portanto, um outro verbo do tipo de 'agir', não podendo passar sem um advérbio como complemento. Atente-se para:

(165) Ele procedeu { bem  
adequadamente } naquela reunião.

Contudo, mesmo admitindo-se que as considerações acima sejam verdadeiras, não se explica a agramaticalidade de (161)(b), uma vez que esta estrutura apresenta um advérbio de modo:

(161)(b) \*A professora agiu com o aluno bem.

Comparando (161)(b) com (161)(a):

(161)(a) A professora agiu bem com o aluno.

vemos que a única diferença entre as duas orações é a posição do advérbio de modo. Uma outra hipótese poderia, assim, ser formulada, como uma tentativa de resolver o problema. Para justificar os fatos,

diríamos que, com o verbo 'agir', 'V + Modo' formariam uma só expressão, um todo inseparável, ao qual não se aplicaria, portanto, 'T-Modo'. Eis porque (161)(a) é gramatical, enquanto (161)(b) não é.

Entretanto, também esta hipótese cai por terra, se levarmos em conta os fatos que se seguem:

(166) (a) Maria agiu corretamente com o patrão.

(b) Maria agiu com o patrão corretamente.

Ao contrário do que se constata em (161)(b), em (166)(b), outro advérbio de modo — corretamente —, co-ocorrendo com 'agir', pode ser separado deste verbo, vindo depois de SPrep.

Após a análise dos fatos observados em (161), uma outra alternativa se abre: o problema em (161)(b) não estaria ligado ao verbo, mas ao item bem. Se considerarmos tal oração, novamente, sob este ângulo, poderíamos, então, dizer que bem não pode ser transportado para depois de um SPrep. Em:

(161)(b) \*A professora agiu com o aluno bem.

o advérbio em questão moveu-se para depois de SPrep, e a oração é não-gramatical. Vejamos se isto se confirma com outros exemplos :

(167) (a) Maria cantou bem para o júri.

(b) \*Maria cantou para o júri bem.

(168) (a) O menino cuidou bem dos passarinhos.

(b) \*O menino cuidou dos passarinhos bem.

Note-se que 'cantar' e 'cuidar' são verbos diferentes de 'agir', pois podem vir desacompanhados de advérbios de modo. Observe-se que as orações:

(169) Maria cantou para o júri.

(170) O menino cuidou dos passarinhos.

são bem formadas, ao contrário de (163).

Apesar disso, bem continua apresentando o mesmo comportamento sintático em (167) e (168): não pode ser movido para depois de SPrep. Será interessante relembrar que o movimento de tal advérbio não é inteiramente impossível, uma vez que são gramaticais os exemplos já discutidos:



(b) \*Maria {cantou }  
                  {dançou }      lá em Roma bem.

O mesmo padrão de (161), (167), (168) e (171) repete-se aqui: só é gramatical a estrutura na qual o elemento de que tratamos permanece na posição da regra de base — (173) (a). (173) (b), em que bem aparece após 'Lugar', é mal formada, ao contrário do que se viu nos capítulos anteriores, com relação a outros advérbios de modo. Atente-se, novamente, para:

(31) (b) João adormeceu na rede tranqüilamente.

Em (31) (b), 'Modo' aparece na mesma posição de bem, em (173) (b). E a estrutura é perfeitamente gramatical, o que não acontece com esta última.

Logo, os fatos considerados parecem levar-nos à conclusão de que o item bem apresenta um comportamento sintático diferente dos outros advérbios de modo: ele só poderia ser deslocado de sua posição original para depois de um SN, como vimos em:

(158) (a) Sônia Braga interpretou bem D. Flor.

(b) Sônia Braga interpretou D. Flor bem.

(160) (a) O aluno preparou bem a lição.

(b) O aluno preparou a lição bem.

Observemos mais alguns dados, para verificar se esta hipótese se confirma:

(174) (a) José explicou bem a situação para os diretores.

(b) José explicou a situação bem para os diretores.

(c) \*José explicou a situação para os diretores bem.

(174) (a) é, sem dúvida alguma, a melhor sentença da série acima: bem está em sua posição de origem, imediatamente após o verbo. Já em (174) (b), o advérbio foi deslocado para depois do SN objeto. E o julgamento a respeito de tal sentença apresenta uma certa flutuação. A maioria dos falantes consultados, porém, considera-a gramatical, apesar de preferir (174) (a). Veja-se que, enfatizando-se o advérbio, separando-o do SPrep que o segue por meio de uma pausa, o exemplo é quase tão natural quanto (174) (a):

(174) (d) José explicou a situação bem, para os diretores.

O mesmo não se pode afirmar, no entanto, com relação a (174) (c). Sua agramaticalidade parece clara. Movendo-se o advérbio para o final da oração, após a seqüência 'SN  $\wedge$  SPrep', o resultado é não-gramatical. Ainda outros exemplos devem ser analisados, como:

- (175) (a) O aluno preparou bem a lição ontem cedo.  
 (b) O aluno preparou a lição bem ontem cedo.  
 (c) \*O aluno preparou a lição ontem cedo bem.

Também no grupo acima, a única possibilidade de transporte de bem é para logo após o SN objeto, como em (175) (b). Vindo depois de 'Tempo', como em (175) (c), a estrutura torna-se agramatical. Assim sendo, temos evidência para estabelecer uma restrição ao movimento do advérbio bem: 'T-Modo' pode 'movê-lo apenas para depois de SN.

Observem-se, agora:

- (176) (a) Ela resolveu bem os problemas que surgiram.  
 (b) \*Ela resolveu os problemas que surgiram bem.

Em (176) temos um dado novo: O SN objeto apresenta uma estrutura complexa, sendo, portanto, diferente dos que até agora discutimos.<sup>10</sup> E veja-se que bem não pode ser movido de sua posição de origem: (176) (b) é claramente não-gramatical. Os fatos analisados até o momento evidenciaram a necessidade de se postular uma restrição ao transporte de tal advérbio: só é permitido deslocá-lo para depois de SN. Os exemplos em (176), no entanto, vêm comprovar que mesmo esta restrição é insuficiente. Não é verdade que bem pode ser movido para depois de qualquer SN. Parece que tal operação só é possível se temos um SN simples. Com SN's complexos — como em (176) — o movimento deve ser bloqueado. Outros exemplos confirmam tal hipótese:

- (177) (a) Maria ensinou bem a lição que a professora marcou.  
 (b) \*Maria ensinou a lição que a professora marcou bem.

Os dados analisados até aqui, portanto, sugerem que bem tem um comportamento idiossincrático, em relação aos outros advérbios de modo: seu transporte só é permitido para logo após um SN simples, como em — (158), (160), (174) e (175). Em todos os outros casos, o movimento deverá ser bloqueado, para não gerarmos sentenças agramaticais. Para que se dê conta de tais fatos, uma solução será marcar o elemento, no léxico, com relação à regra 'T-Modo'. Dentre as especificações sintáticas para o item bem, uma restrição especial irá des-

tacar:

(178) só se aplicará 'T-Modo', se Y for um SN simples.<sup>11</sup>

Com (178) estamos tentando demonstrar que bem apresenta certas características individuais, que o separam dos outros advérbios de modo analisados aqui. E outros fatos interessantes podem ainda ser citados, com relação a tal advérbio. Atente-se, por exemplo, para:

(179) (a) O advogado tratou  *muito bem* do caso.

(b) O advogado tratou do caso  *muito bem*.

(180) (a) Joana dançou  *razoavelmente bem*  $\left\{ \begin{array}{l} \text{aqui perto} \\ \text{ontem cedo} \end{array} \right\}$ .

(b) Joana dançou  $\left\{ \begin{array}{l} \text{aqui perto} \\ \text{ontem cedo} \end{array} \right\}$   *razoavelmente bem*.

(179) e (180) apresentam, de especial, o fato de que o advérbio bem aparece acompanhado de um elemento que o modifica: em (179), temos 'muito bem'; em (180), 'razoavelmente bem'. As orações (a), de ambos os exemplos, são perfeitamente gramaticais, o que não constitui nenhuma surpresa: o advérbio está em sua posição de origem — seguindo o verbo. Mas (179) (b) e (180) (b) são, de alguma forma, surpreendentes, considerando-se os exemplos analisados até aqui: bem foi movido de sua posição original e as orações são, no entanto, bem formadas. Casos paralelos foram citados, resultando em sentenças não-gramaticais:

(168) (b) \*O menino cuidou dos passarinhos bem.

(173) (b) \*Maria  $\left\{ \begin{array}{l} \text{cantou} \\ \text{dançou} \end{array} \right\}$  lá em Roma bem.

(179) (b) e (180) (b) diferem das orações acima simplesmente pela presença de um modificador adverbial acompanhando o elemento bem. E são gramaticais.<sup>12</sup> Parece, portanto, que descobrimos mais uma peculiaridade do item em questão: o movimento é possível, se a ele vier associado um outro advérbio (intensificador). Não se pode negar, então, que bem foge aos moldes dos outros advérbios de modo. (178) deverá ser revista, de modo a permitir o transporte do elemento em discussão em casos como os de (179) e (180). Poderíamos ter algo como:

(181) 'T-Modo' só se aplicará se:

(a) Y for um SN simples

ou

- (b) bem vier acompanhado de um outro advérbio que o modifique.

Conforme se pode verificar nas seções anteriores, nenhuma das restrições de (181) precisa ser imposta a outros advérbios de modo. Precisamos lembrar-nos, no entanto, da existência de mais um advérbio de modo, semelhante a bem. Examinem-se, assim, as sentenças:

*mal*

- (182) (a) Maria interpretou mal Joana D'Arc.  
 (b) Maria interpretou Joana D'Arc mal.  
 (c) \*Maria mal interpretou Joana D'Arc.  
 (d) \*Mal Maria interpretou Joana D'Arc.

Na série acima, temos um outro advérbio, mal, co-ocorrendo com um verbo seguido de SN. Ele pode ser deslocado de sua posição de origem — representada em (182) (a) — para depois do SN — como está em (182) (b). Enquanto advérbio de modo, não pode ser anteposto ao verbo: daí a não gramaticalidade de (182) (c) e (d).<sup>13</sup>

Outro exemplo paralelo a (182) seria:

- (183) (a) Maria redigiu mal a carta.  
 (b) Maria redigiu a carta mal.  
 (c) \*Maria mal redigiu a carta.  
 (d) \*Mal Maria redigiu a carta.

Também em (183), o advérbio pode ser transportado para depois de SN simples — 'a carta' — como se vê em (183) (b). Sua anteposição ao verbo torna as orações não gramaticais, como em (c) e (d). Até o momento, portanto, a distribuição de mal é a mesma de bem.

Vejamos, a seguir, os dados abaixo:

- (184) (a) Maria ensinou mal a lição que a professora marcou.  
 (b) \*Maria ensinou a lição que a professora marcou mal.  
 (185) (a) Ela resolveu mal os problemas que surgiram.  
 (b) \*Ela resolveu os problemas que surgiram mal.

Em (184)-(185), os objetos são representados por SN's complexos. Verificamos que, então, mal não pode ser movido de sua posição de origem, ilustrada pelos casos (a) destas séries. A movimentação torna as sentenças agramaticais, como em (b) dos mesmos exemplos.

Também este comportamento é semelhante ao de bem, em estruturas do mesmo tipo.

Considerem-se, ainda:

- (186) (a) Maria cantou mal para o júri.  
 (b) \*Maria cantou para o júri mal.

Com o verbo acompanhado de SPrep, como em (186), o movimento do advérbio para depois deste elemento deve ser bloqueado, para impedir sentenças agramaticais como (186) (b). Outros exemplos confirmam este fato:

- (187) (a) O deputado falou mal sobre a situação política.  
 (b) \*O deputado falou sobre a situação política mal.

Assim sendo, o padrão de comportamento sintático do item mal continua sendo o mesmo de bem, como se vê abaixo:

- (167) (a) Maria cantou bem para o júri.  
 (b) \*Maria cantou para o júri bem.

Observem-se, agora, as sentenças:

- (188) (a) Maria dormiu mal  $\left\{ \begin{array}{l} \text{aqui perto} \\ \text{ontem cedo} \end{array} \right\}$  .  
 (b) \*Maria dormiu  $\left\{ \begin{array}{l} \text{aqui perto} \\ \text{ontem cedo} \end{array} \right\}$  mal.

A agramaticalidade de (188) (b) mostra-nos que o elemento de que tratamos também não pode ser movido de sua posição original para depois de 'Lugar' ou 'Tempo'

Os dados analisados acima parecem demonstrar que a distribuição de mal é a mesma do item bem. Sendo assim, vejamos mais alguns exemplos, para verificar se as restrições de (181) podem ser estendidas ao vocábulo considerado:

- (189) (a) Maria interpretou mal Joana D'Arc para o júri.  
 (b) Maria interpretou Joana D'Arc mal para o júri.  
 (c) \*Maria interpretou Joana D'Arc para o júri mal.

Em (189), 'interpretar' vem acompanhado de SN e SPrep. Nota-se que este fato não altera as conclusões sobre o comportamento sintático

do advérbio grifado. Só é possível seu movimento para logo após o SN simples — 'Joana D'Arc' — como em (b). (189)(c), na qual o advérbio é levado para depois do SPrep, é agramatical. Observem-se, ainda, as estruturas:

- (190) (a) Maria cantou mal esta música hoje cedo.  
 (b) Maria cantou esta música mal hoje cedo.  
 (c) \*Maria cantou esta música hoje cedo mal.

As observações anteriores são válidas também para (190). Parece que o transporte de mal continua sendo possível apenas para imediatamente após o SN simples, como em (190)(b). Sendo levado para depois de 'Tempo', como em (190)(c), torna a oração agramatical.

A seguir, atente-se para:

- (191) (a) Maria dormiu *muito* mal  $\left\{ \begin{array}{l} \text{aqui perto} \\ \text{ontem cedo} \end{array} \right\}$  .  
 (b) Maria dormiu  $\left\{ \begin{array}{l} \text{aqui perto} \\ \text{ontem cedo} \end{array} \right\}$  *muito* mal.

Na série acima, constatamos que, embora (191)(a) continue sendo bem melhor que (191)(b), esta sentença não é, todavia, agramatical. A explicação para este fato parece ser a mesma apresentada para bem, em estruturas semelhantes: neste caso, o elemento em questão aparece modificado por um outro advérbio — 'muito'. Talvez por este motivo possa ser movido para depois de outro nódulo que não seja um SN simples. Portanto, parece não haver dúvidas quanto à semelhança de comportamento sintático entre os advérbios de modo bem e mal. Esta conclusão pode ser confirmada, ainda, com as orações abaixo:

- (192) (a) O deputado falou *terrivelmente* mal sobre a situação política.  
 (b) O deputado falou sobre a situação política *terrivelmente* mal.

Em (192), o vocábulo de que tratamos pode ser deslocado para depois de SPrep, como se vê em (192)(b). Note-se, contudo, que não aparece isolado, mas acompanhado de um outro advérbio.

Logo, os fatos discutidos nesta seção parecem comprovar que bem e mal apresentam as mesmas possibilidades de colocação nas estruturas superficiais do português. Portanto, mal também deverá ser

marcado, no léxico, quanto à aplicação de 'T-Modo'. Semelhante a (181), para o advérbio bem, teríamos, para o advérbio mal:

(193) 'T-Modo' só se aplicará se:

(a) Y for um SN simples

ou

(b) mal vier acompanhado de um outro advérbio que o modifique.<sup>14</sup>

Verificamos, pois, que a distribuição dos itens bem e mal é a mesma, diferindo, contudo, dos demais advérbios de modo. Logo, estes vocábulos não se enquadram em nenhuma das duas classes de advérbios de modo apresentadas no primeiro capítulo: a de 'completamente' e a de 'naturalmente'. Lembremos que estes dois tipos de advérbios, enquanto ocorrem sob 'Modo', podem-se movimentar livremente para a direita, dentro de uma oração simples. Vimos, contudo, que bem e mal não seguem este padrão, estando sujeitos a restrições especiais. Portanto, constituiriam um terceiro grupo de advérbios de modo.

Finalmente, parece-nos que a análise de bem e mal constitui mais um ponto interessante a ser observado, com referência à regra (111), que introduz 'Modo' nas estruturas profundas do português:

(111) SV → V(Modo)...

Conforme já se salientou, parece ser mais fácil interpretar sentenças em que os elementos relacionados acham-se mais próximos um do outro, na estrutura superficial. Esta observação parece ser verdadeira principalmente para os exemplos com bem e mal. Vimos que o movimento destes elementos é muito mais limitado que o dos outros advérbios de modo. Mas, mesmo quando ele é possível, as sentenças em que bem e mal permanecem na posição de (111) são indiscutivelmente melhores que aquelas nas quais são movidos de lugar.

Ainda: adotando-se (111), 'T-Modo' continua sendo uma regra opcional para bem e mal, estando submetida às restrições de (181) e (193).

Vejam-se, no entanto, as conseqüências, se 'Modo' é gerado na posição indicada em (100), como pretende Chomsky, para o inglês:

(100) VP → V (NP) (Prep-Phrase) (Prep-Phrase) (Manner).

A generalização a respeito de 'T-Modo' não poderá ser mantida, considerando-se bem e mal. 'T-Modo - nº 1' passa a ser de aplicação obrigatória — apenas para estes dois elementos. Além disso, as posições que eles poderão ocupar são bastante restritas: após o verbo ou após um SN simples. Mantêm-se as mesmas restrições, no entanto, se eles vêm acompanhados por um outro advérbio. 'T-Modo - nº 2' — a regra postulada para dar conta do movimento de 'Modo' para a direita — será bloqueada totalmente para bem e mal, a não ser que eles ocorram modificados por um intensificador qualquer. A situação é, portanto, bastante estranha: 'T-Modo - nº 1' é obrigatória, sendo que bem e mal só poderão ocupar as duas posições antes mencionadas, se vierem isolados, na oração; por outro lado, se ocorrem com um outro advérbio, 'T-Modo - nº 2' pode ser aplicada (é opcional), assim como 'T-Modo - nº 1'. Isto, se quisermos explicar, mais uma vez, orações como:

(194) (a) Maria lavou a roupa ontem  *muito* bem.

(b) \*Maria lavou a roupa ontem bem.

(195) (a) Paulo estudou bem para a prova.

(b) \*Paulo estudou para a prova bem.

(c) Paulo estudou para a prova  *razoavelmente* bem.

Portanto, os fatos parecem apontar, mais uma vez, que (111) é superior a (100), como a regra que introduz 'Modo' em português. Usando-se (111), para dar conta das posições superficiais em que bem e mal podem ocorrer, algumas complicações são introduzidas. Mas se (100) é a regra de base, a situação fica praticamente fora de controle. Em resumo: apesar de bem e mal não se comportarem exatamente como os outros advérbios de modo, com relação à regra de movimento que postulamos, mesmo assim oferecem evidências em favor de nossa hipótese.

## N O T A S

1. Cf. p. 28 deste trabalho.
2. Vejam-se, a este respeito, os comentários da seção 1.2- .
3. A respeito desta característica dos advérbios de modo, realçada por Emonds (1970), vejam-se os comentários à p.7 deste estudo.
4. Observem-se, novamente, as considerações à p.8.
5. Cf. p. 26 .
6. Veja-se nota 3, acima.
7. Deve-se salientar que o item assim só nos interessa, neste trabalho, enquanto for usado como advérbio de modo. Outros usos como, por exemplo, os que aparecem em:
  - (a) Pessoas assim não merecem respeito.
  - (b) Assim que parou a chuva, voltamos para casa.
 não serão objeto de análise aqui .
8. Lembre-se que esta é uma das características dos advérbios de modo, destacada por Irena Bellert (1977). Cf. p. 8 deste trabalho.
9. Idem. Cf. p. 8.
10. Por SN complexo, aqui, entendemos SN's como os objetos de (176) e (177), que apresentam uma oração relativa em sua estrutura.
11. A restrição (178) é, de alguma forma, estranha. Veja-se que, nela, estamos apontando o fato de que o advérbio bem é exceção a parte de uma regra transformacional. Em outras palavras: quando 'T-Modo' se aplica a este advérbio, fica submetida à seguinte condição:
 

"Y = SN simples"

 Não sabemos de outros casos semelhantes a este. De qualquer forma, no entanto, (178) deve ser vista apenas como uma tentativa de apresentar os fatos idiossincráticos do advérbio bem com relação a 'T-Modo'.

12. Na verdade, o julgamento das orações (b) em (179) e (180) varia, dentro de um certo limite. Para alguns falantes, são perfeitamente gramaticais; para outros, no entanto, são apenas melhores do que as orações em que o movimento do advérbio ocorre quando ele está desacompanhado — como em (168) ou (173), citadas. Poderíamos, talvez, relacionar o problema de tais sentenças com a questão de 'equilíbrio', ou 'ritmo' dos enunciados. Veja-se que bem é uma palavra monossilábica; quando separado do verbo a que se liga, causaria um 'desequilíbrio' na oração. Se vem acompanhado de um outro advérbio, no entanto, torna-se mais independente, permitindo-se, assim, o seu deslocamento. Mas nada podemos afirmar com certeza, a respeito dos dados observados.
13. Veja-se que o item mal pode ocorrer nas posições ilustradas por (182) (c) e (d), sem causar a agramaticalidade das orações, se seu sentido for diferente daquele de (182) (a) e (b). Parece-nos, então, que:

(182) (c) \*Maria mal interpretou Joana D'Arc.

poderia ser aceita como uma sentença gramatical do português, se mal tivesse outra acepção. Assim, com uma entonação especial, a oração acima poderia significar, dentro de um contexto X, mais ou menos o equivalente a: "Maria, quando muito, deu conta de interpretar Joana D'Arc. Ela não é capaz de interpretar outras personagens." E, então, é como se (182) (c) fosse apenas parte de uma estrutura maior, com alguns elementos cancelados. Uma possibilidade seria:

(i) Maria mal interpretou Joana D'Arc, quanto mais Cleópatra.

Esta possibilidade de leitura para (182) (c) não invalida a conclusão de que mal, enquanto 'Modo', não pode vir anteposto ao verbo: estamos admitindo que as transformações não alteram o sentido da estrutura profunda, e (182) (c), e (i), acima, têm significados diferentes de (182) (a) e (b).

Da mesma forma, seria possível a ocorrência de mal, na posição indicada por (182) (d), se ele tivesse um sentido temporal, sendo sinônimo de 'tão logo', 'logo após', etc. E, neste caso, (182) (d) também necessitaria de uma complementação qualquer:

(ii) Mal Maria interpretou Joana D'arc, o público esvaziou o recinto.

Novamente, como neste caso houve mudança de sentido, o mal que aparece aí não pode ser o mesmo gerado pela regra (111).

Outros fatos interessantes ainda poderiam ser mencionados com relação ao item mal, com os sentidos observados em (i) e (ii), acima. Para facilitar a referência a estes significados, vamos chamar de 'mal - 1', o elemento grifado em (i), e de 'mal - 2', o grifado em (ii). Como já vimos, 'mal - 1' pode vir antes do verbo, e exige uma oração complemento. Sua anteposição ao sujeito, contudo, não é possível. Comparem-se (iii) e (iv) abaixo:

(iii) Ele mal canta sambas, quanto mais óperas!

(iv) \*Mal ele canta sambas, quanto mais óperas!

Já 'mal - 2' tanto pode preceder o sujeito, quanto o verbo. Vejam-se:

(v) A buzina tocou, mal ele começou a cantar.

(vi) A buzina tocou, ele mal começou a cantar.

Ainda: com 'mal - 1' não é possível alterar a ordem das orações, ao contrário do que ocorre com 'mal - 2'. Comparem-se:

(vii) \*Quanto mais óperas, ele mal canta sambas!

(viii) Mal ele começou a cantar, a buzina tocou.

(ix) Ele mal começou a cantar, a buzina tocou.

Todavia, não entraremos em maiores detalhes a respeito de 'mal - 1' e 'mal - 2', por fugir aos objetivos deste trabalho.

14. Cf. notas 11 e 12, acima. Os mesmos comentários feitos com relação ao advérbio bem, também são válidos para o caso de mal.

Uma vez que (181) e (193) são exatamente idênticas, com exceção do item léxico a que se referem, talvez devêssemos estabelecer tais restrições apenas uma vez, aplicando-se a ambos os elementos. O problema está em que, como apontamos antes, (181) e (193) seriam parte das especificações dos traços sintáticos de bem e mal, respectivamente, no léxico. Estamos, portanto, diante

de um impasse: bem e mal comportam-se de maneira semelhante, com relação a 'T-Modo'. Por outro lado, no entanto, separam-se de todos os outros advérbios de modo até agora considerados, exatamente no que diz respeito a 'T-Modo'. Não sabemos como resolver o problema, de um modo definitivo.

## C O N C L U S Ã O

Segundo afirmamos na introdução deste trabalho, procuramos aqui examinar o comportamento sintático dos advérbios de modo em português, tendo em vista dois objetivos principais: determinar sua origem nas regras de base da língua e formalizar uma regra de movimento para dar conta da sua relativa liberdade de colocação nas sentenças analisadas. Adotamos a linha teórica da gramática transformacional 'standard', fazendo, ainda, referência explícita a dois autores que se preocuparam com o estudo de advérbios em inglês: Emonds (1970) e Irena Bellert (1977). Baseados em argumentos sugeridos pelos dois autores, chegamos à conclusão de que há evidências para se classificar os advérbios de modo em português em pelo menos duas classes distintas, cujos representantes seriam, por exemplo: completamente e naturalmente.

Completamente pertenceria à classe dos advérbios que só podem ocorrer pospostos ao verbo, tendo aí liberdade de ocorrência. Seu significado é sempre o mesmo, não importando a posição em que aparecem. Diríamos, então, concluindo, que completamente — e os outros itens do mesmo grupo — é o típico Advérbio de Modo em português, devendo ser gerado sob o nóculo SV.

Naturalmente, por sua vez — e toda uma série de outros elementos — tem uma caracterização diferente. Em primeiro lugar, pode ser encontrado anteposto ao verbo, o que não se verifica com relação ao grupo anterior. Mas também ocorre posposto ao verbo, comportando-se, então, exatamente como os outros itens da classe de completamente. Observando atentamente os dados que tornam naturalmente um tipo especial de advérbio, chegamos à conclusão de que, na verdade, estamos na presença de dois itens léxicos diferentes, com duas classificações sintáticas, duas especificações semânticas. Naturalmente é um 'Advérbio de Modo', deve ser gerado sob SV, apresenta as mesmas características sintáticas dos outros advérbios de modo — só ocorre posposto ao verbo, livremente —, tem um significado específico. Mas naturalmente é também um 'Advérbio de Oração', gerado sob o nóculo 'O', com um comportamento sintático especial — aparece anteposto ao verbo, por exemplo — e com outro significado. Nas orações em que este naturalmente aparece, o advérbio emite um julgamento do falante a respeito do fato enunciado na sentença. Fizemos, então, referência ao trabalho de Jackendoff (1972), que classifica os advérbios de oração em inglês, seguindo certos critérios semânticos.

De qualquer forma, teríamos, em resumo: Naturalmente<sub>1</sub>, advérbio

de modo e naturalmente<sub>2</sub>, advérbio de oração. Características sintáticas e semânticas definem os dois itens léxicos. Semelhantes a naturalmente vários outros elementos foram encontrados.

Devemos ressaltar mais uma vez, no entanto, que completamente e naturalmente, enquanto advérbios de modo, têm o mesmo comportamento sintático, podendo ocorrer nas mesmas posições, sujeitos às mesmas restrições. Com base nestes fatos, o passo seguinte em nosso trabalho foi procurar determinar qual seria a colocação de tais elementos nas estruturas profundas da língua. Em outras palavras, tentamos descobrir onde advérbios de modo devem ser gerados, nas regras de reescrever do português. Uma vez que Chomsky (1965) já se preocupara com o problema, em inglês, começamos por tentar aproveitar a regra de base por ele sugerida:

(100) VP  $\rightarrow$  V (NP) (Prep-Phrase) (Prep-Phrase) (Manner).

partindo, então, para a formulação da regra de movimento que explicaria as várias posições superficiais de 'Modo' em português. Ocorre, no entanto, que, com base em (100), duas regras transformacionais teriam de ser postuladas, para dar conta dos exemplos analisados. Em resumo:

(110) (a) 'T-Modo - n° 1' — regra (104) — que movimenta o advérbio dentro do SV, da direita para a esquerda.

(b) 'T-Modo - n° 2' — regra (106) — que movimenta o advérbio para fora do SV, da esquerda para a direita.

(110) reúne as conclusões a que chegamos, após analisar orações como:

(95) (a) João falou naturalmente com o pai sobre a situação.

(b) João falou com o pai naturalmente sobre a situação.

(c) João falou com o pai sobre a situação naturalmente.

(108) (a) João adormeceu tranqüilamente na rede hoje cedo.

(b) João adormeceu na rede tranqüilamente hoje cedo.

(c) João adormeceu na rede hoje cedo tranqüilamente.

Se (100) é a regra de base que introduz 'Modo' em português, para dar conta de (95) (a) e (b) precisamos de T-Modo - n° 1, que movimenta o advérbio para a esquerda de onde é gerado. E, para explicar

(108) (b) e (c), T-Modo - nº 2 é necessária, deslocando o advérbio para a direita.

Resolvemos, então, sugerir uma proposta alternativa para (100):

(111) SV  $\rightarrow$  V (Modo) ...

Em (111), como se pode comprovar, 'Modo' vem imediatamente após o verbo. E para que sejam adequadamente geradas as orações superficiais em que o advérbio ocorre em outras posições, postulamos apenas uma regra transformacional de movimento:

(136) T-Modo (versão final)

X	V	M	Y	
1	2	3	4	
				$\Rightarrow$ opcional
1	2	$\emptyset$	4+3	

Condições: (1) Y é uma seqüência de constituintes principais.

(2) Os termos 3 e 4 comandam-se mutuamente.

Para chegarmos a (136) como versão final da regra, examinamos uma série de dados que tornaram evidente a necessidade das condições (1) e (2) impostas ao movimento de 'Modo'. Da comparação das duas propostas resultou nossa conclusão principal: (111) é superior a (100) como a regra de reescrever que introduz Advérbios de Modo em português e (136) deverá ser a regra transformacional de movimento para explicar os dados observados.

Gostaríamos de salientar, ainda, que os itens depressa, devagar, assim, bem e mal foram também objeto de estudo, comprovando-se, de um modo geral, semelhantes aos outros advérbios de modo, em -mente. Mas também foram evidenciadas certas características idiossincráticas de cada um destes últimos advérbios, especialmente bem e mal. A única alternativa que nos ocorreu para dar conta das peculiaridades de bem e mal foi marcá-los, no léxico, com relação a (136).

Quanto à classificação dos Advérbios de Modo, pareceu-nos que bem e mal deveriam constituir um terceiro grupo, em virtude de suas particularidades. Assim, chegamos à conclusão de que há, na verdade, três diferentes tipos de Advérbios de Modo em português:

- (196) (a) itens como — completamente — que são apenas advérbios de modo;
- (b) itens como — naturalmente — que podem ser advérbios de modo e advérbios de oração;
- (c) bem e mal, que devem ser marcados, no léxico, quanto às suas possibilidades de movimento.

Finalizando, alguns pontos devem ficar claros aqui: em primeiro lugar, esta pesquisa deve ser vista apenas como uma tentativa de observar, analisar e resolver fatos interessantes envolvendo advérbios de modo em português, no que se refere a suas características sintáticas — posicionamento, em especial — e a alguns de seus traços semânticos. Em segundo lugar, não temos a pretensão de considerar nossa proposta como perfeitamente adequada para os dados. Sabemos que ela apresenta falhas — algumas das quais apontadas no trabalho. Sabemos, ainda, que muitos outros ângulos devem ser levados em conta, antes de podermos decidir com maior precisão a respeito da validade de (111) e (136) ou, mesmo, a respeito da validade de qualquer afirmação aqui apresentada.

## B I B L I O G R A F I A

- ALI, M. Said. Gramática histórica da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1966.
- - - - - Meios de expressão e alterações semânticas. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1967.
- ALONSO, Amado & UREÑA, Pedro Henriquez. Gramática castellana. Buenos Aires, Losada, 1969. 2v.
- BELLERT, Irena. On Semantic and Distributional Properties of Sentential Adverbs. Linguistic Inquiry, Cambridge, Mass, The M.I.T. PRESS, 1977, 8 (2): 337-51.
- BRANDÃO, Cláudio. Sintaxe clássica portuguesa. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.
- CHOMSKY, Noam. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass, The M.I.T. PRESS, 1965.
- CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1971.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Movimento de sintagma nominal interrogado em português. Dissertação de mestrado inédita. Belo Horizonte, 1978.
- EMONDS, Joseph E. Root and Structure-Preserving Transformations. Reproduced by the Indiana University Linguistics Club, 1970.
- FODOR, J.A.; BEVER, T.G. & GARRET, M.F. The Psychology of Language. N.Y., Mac Graw-Hill, 1974.
- JACKENDOFF, Ray S. Semantic Interpretation in Generative Grammar. Cambridge, Mass, The M.I.T. PRESS, 1972.

- LANGACKER, Ronald W. On Pronominalization and the Chain of Command. In: REIBEL, David A. & SCHANE, Sanford A. eds. Modern Studies in English. Englewood Cliffs, N.J. , Prentice-Hall, 1969.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia Ed., 1965.
- MELO, Gladstone Chaves de. Gramática fundamental da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1970.
- PARISI, Laura Antonia Perrela. Aspectos da gramática dos advérbios em -mente no português do Brasil. Dissertação de mestrado inédita. Brasília, 1977.
- ROCA-PONS, J. Introducción a la gramática. Barcelona, Ed. Teide, 1974.
- ROSS, John Robert. Constraints on Variables in Syntax. Dissertação doutoral inédita. M.I.T. 1967.

TESE APRESENTADA NO DEPARTAMENTO DE  
LETRAS VERNÁCULAS DA FACULDADE DE LE  
TRAS DA UFMG, FAZENDO PARTE DA BANCA  
EXAMINADORA OS SEGUINTE PROFESSORES:

---

Profa. Anilce Maria Simões

---

---

---

---

Prof. Dr. Wilton Cardoso de Sousa  
Coordenador dos Cursos de Pós-Gra  
duação em Letras da FALE/UFMG